

REVISTA DA  
ACADEMIA  
ESPÍRITO-  
SANTENSE  
DE LETRAS



COMEMORATIVO AO 99º  
ANIVERSÁRIO DA AEL

# *Revista da Academia Espírito-santense de Letras*



*Vitória (ES)  
v. 25 - 2020*

Copyright © Academia Espírito-santense de Letras

## **ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS**

Ester Abreu Vieira de Oliveira (Presidente)

João Gualberto M. Vasconcellos (1º Vice-Presidente)

Álvaro José Silva (1º Secretário)

Marcos Tavares (1º Tesoureiro)

-----

### **CONSELHO EDITORIAL**

ADILSON VILAÇA • ESTER ABREU VIEIRA DE OLIVEIRA • FRANCISCO AURELIO RIBEIRO

ELIZETE TEREZINHA CASER ROCHA • GETÚLIO MARCOS PEREIRA NEVES

-----

ORGANIZAÇÃO E REVISÃO: FRANCISCO AURELIO RIBEIRO

CAPA E EDITORAÇÃO: DOUGLAS RAMALHO

IMPRESSÃO: GRÁFICA E EDITORA FORMAR

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) pela Gestão.Info Consultoria  
[www.gestaoinfo.com.br](http://www.gestaoinfo.com.br)

---

Revista da Academia Espírito-santense de Letras / Academia Espírito-santense  
de Letras. – Vol I. (1998) - .- Vitória : A Academia, 1998- .  
v; il.

ISSN 2176-6517

Anual

I. Literatura - Periódicos. 2.1. Academia Espírito-santense de Letras

CDD 800

---

## Sumário

Apresentação.....	5
<i>Adilson Vilaça</i> Dueto metalinguístico.....	7
<i>Álvaro José Silva</i> A safra de mamão.....	11
<i>Anaximandro Amorim</i> As influências da literatura no rock e vice-versa.....	15
<i>Ester Abreu Vieira de Oliveira</i> Discurso de Posse como Presidente da AEL.....	24
Relendo Nejar*: uma poética da sensibilidade cotidiana.....	30
<i>Francisco Aurelio Ribeiro</i> Discurso de Recepção a Ester Abreu na Presidência da AEL.....	40
Professor Amâncio Pereira, um esquecido.....	42
<i>Getúlio Marcos Pereira Neves</i> Os dois na foto.....	46
<i>Humberto Del Maestro</i> Pequeno ensaio sobre escrita e escritores.....	50
<i>Italo Francisco Campos</i> Discurso de Recepção a José Roberto Santos Neves.....	53

Sete dias com meu pai.....	61
<i>João Baptista Herkenhoff</i> A lei e os dramas humanos.....	70
<i>Maria das Graças Silva Neves</i> Sonata ao luar.....	72
<i>João Gualberto Moreira Vasconcellos</i> O grande desafio Cotaxé, de Adilson Vilaça.....	79
<i>Jorge Elias Neto</i> Tuberculose – Musa branca.....	82
<i>Josina (Jô) Nunes Drumond</i> Marília(s) de Dirceu.....	93
<i>Marilena Soneghet</i> A vida em nossas mãos!.....	98
<i>Oscar Gama Filho</i> O que me sou?.....	100
<i>Pedro Sevylla de Juana</i> Dilúvio na resseca terra da fome.....	105
<i>Santiago Montobbio</i> Poesias de Santiago Montobbio.....	111
<i>Wanda Maria Alckmim</i> Picasso.....	115
<i>Ester Abreu – Uma trajetória</i> Wilson Coêlho.....	117

## *Apresentação*

A Academia Espírito-santense de Letras completa 99 anos de existência, sendo a segunda entidade cultural mais antiga do Espírito Santo em atividade, só antecedida pelo IHGES, de 1916. Foi fundada em 04 de setembro de 1921, reorganizada em 18 de julho de 1937, e é filiada à Federação das Academias de Letras do Brasil. É uma associação cultural civil, sem fins lucrativos, cuja sede é a antiga casa do Prof. Kosciusko Barbosa Leão. Tem por finalidade o cultivo da língua nacional e das Belas Artes, dentro do espírito de fraternidade que vincula o Espírito Santo aos demais estados brasileiros e países do mundo. Sua logomarca é o convento da Penha, no meio de folhas de louro e o lema latino “Semper Ascendere”.

São finalidades da Academia Espírito-santense de Letras: incentivar a cultura; promover a criação de associações culturais; divulgar a leitura e incentivar a criação de associações culturais; divulgar e incentivar a criação de bibliotecas; promover concursos literários; realizar cursos e reuniões de altos estudos; reeditar a obra de seus patronos e membros falecidos; editar publicação literária periódica; propugnar pela edição de obras de literatura, história e cultura do Espírito Santo; manter biblioteca e arquivos próprios; manter intercâmbio com outras associações; participar de projetos que visem à integração cultural das nações de língua portuguesa; realizar pesquisas com vista ao desenvolvimento literário e cultural do Espírito Santo.

A atual Diretoria, cujo mandato iniciou-se em 2019 e se encerrará em 2022, tem-se empenhado no cumprimento das finalidades da Academia Espírito-santense de Letras e, para isso, tem realizado parcerias constantes com os órgãos que coordenam projetos culturais no Espírito Santo, como a Secretaria Estadual de Educação, o Sindicato de Artistas Plásticos Profissionais do Espírito Santo, a UFES, o IHGES, a Secretaria Municipal de Cultura da PMV, a AFEL, a Rede Estadual de Bibliotecas, o Instituto Sincades, a Fundação Jônice Tristão, dentre outros.

Com os recursos da Lei Rubem Braga, da PMV, a AEL pôde catalogar seu acervo, em 2008, reformar o telhado de sua sede e a pintura externa e externa, em 2012, publicar a Revista especial dos 90 anos, republicar o livro de Patronos e Acadêmicos, atualizando a edição organizada por Elmo Elton em 1985. Em 2008, juntamente com Thelma Maria Azevedo, publicamos um Dicionário de Escritores e Escritoras do Espírito Santo, e, em 2011, republicamos “Esmaltes e Camafeus”, de Guilly Furtado Bandeira, primeiro livro de uma escritora capixaba, ambos com recursos da Lei Rubem Braga da PMV. Em 2014, conseguimos fazer nova edição do livro Patronos & Acadêmicos, com apoio da Lei Chico Prego, da Prefeitura da Serra e nova reedição atualizada deverá ser feita neste ano pelo convênio com a PMV. Temos conseguido manter a periodicidade de nossa Revista há vinte e um anos, graças, sobretudo, ao apoio da Secretaria de Cultura da PMV, a que agradecemos. Da Fundação Jônice Tristão temos recebido apoio para a premiação nos concursos literários realizados durante as Feiras Literárias Capixabas, evento promovido pela Academia Feminina, juntamente com a AEL e o Instituto Histórico, e, em 2017, o patrocínio na publicação do livro “Imigração no ES” do acadêmico e historiador Gabriel Bittencourt.

A AEL, por meio de seus membros, tem representação efetiva na Lei Rubem Braga (PMV), no Conselho Estadual de Cultura, no Conselho Municipal de Cultura de Vitória, na participação e na premiação dos concursos literários públicos e privados, na análise e na apresentação de vários livros publicados no Espírito Santo, na organização de antologias, na publicação de livros, na participação em congressos nacionais e internacionais e em palestras nas escolas da rede pública e privada, seja com o projeto “A Academia vai à escola” seja de forma isolada pelos acadêmicos. Alguns de nossos acadêmicos têm recebido prêmios nacionais e internacionais; a maioria tem publicação constante em livros e artigos, em sua forma tradicional impressa, ou eletrônica. Alguns acadêmicos possuem sites e blogs literários, o que demonstra sua atualização com as novas tecnologias e sua profícua produção literária. Agradecemos ao acadêmicos Pedro J. Nunes pela manutenção do nosso site e pelo projeto “Acadêmico Solidário”.

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ester Abreu Vieira de Oliveira  
*Presidente*

## *Dueto metalinguístico*

ADILSON VILAÇA

*Jornalista e Escritor. Pertence à Cadeira 13 da AEL.*

### 1 – RIMAS PERDIDAS

Perdi minha coleção de rimas.  
Procurei-a, à toa, na varanda.  
Não sei se a deixei por aí,  
nalguma padaria ou quitanda.

Estou à beira de enlouquecer!  
Como foi? Como pôde acontecer?  
É desumana traição da insana História?

Deu em amnésia a maionese da memória?  
Por mais que eu insista, e me revire no divã,  
tal regressão tem sido fracassada, inútil, vã.

Onde deixei o tesouro achado?

Em Budapeste, céu soturno,  
cheio de Palinko e exaltado,  
quando naveguei noturno  
pelo Danúbio embriagado?

No Museu da Cerveja, em Madri,  
nem me lembro do perdido dia,  
quando Sancho Pança, mal pedi,  
deu-me sua obesa companhia?

Ou foi na Casa Kafka, lá em Praga?  
O esquecimento a tudo estraga...

Na praça de Ecoporanga, ao léu da brisa?

Ou no Louvre, onde chineses flashes cegaram-me,  
quando os olhos entorpecidos de Mona Lisa,  
com seu enviesado sorriso, hipnotizaram-me?

Agora fiquei assim: maquinal e arredo!  
Poeta vazio, a cada poema um calafrio.  
Ou foi na máquina de lavar, que a tudo remói?

Todos sabem que poeta nem tem bolso...  
Se o tem, eis a verdade que mais dói:  
bolso de poeta bêbado nunca tem dono!

Ou as rimas partiram à cata de desembolso?  
Tampouco, por tão pouco o estro não se destrói.  
Livrai-me, Santa Rima, deste louco abandono!

Sem ânsia: inda posso rimar a palavra carinho  
com infância, ou coração, ou com passarinho,  
pois Poesia é canto e encanto do eu sozinho.

Rima é só flor, buquê a faceirar o meu caminho.

## 2 – ATO POÉTICO

Quase sempre atuo,  
alguma vez sou ato.  
Por vez, eu compactuo,  
muita vez, desacato.  
Se gosto, me incluo,  
caso deteste, destrato.  
Tem dias que amuo,  
noutros, me arrebatu.

Nem sempre farto,  
o que tenho, reparto.  
Nem sempre parto,  
se vou, me desaparto.  
Nem sempre quarto,  
sala demais, eu infarto.  
Nem sempre descarto  
meu sorriso de lagarto.

Por vez, sou retrato,  
na quietude, me concludo.  
Por vez, fui disparato,  
em ocasiões, reflujo.  
Por vez, muito cordato,  
noutras, eu evoluo.  
Por vez, morro ou mato,  
no geral, em paz, enluo.

Nem tento long-play,  
já nasci compacto.  
Não fiz alguma lei,  
tolero seu impacto.  
Se sou flor, nem sei,  
quase sempre, cacto.

Muito me despedacei,  
mas persisto intacto.

Se me fere lança,  
recolho-me, esfinge.  
Se a dor me alcança,  
minha finta bem finge.  
Se a noite é a nuança,  
pardo, o breu me tinge.  
Se tem voz a esperança,  
o seu timbre me cinge.

Nessa pandemia,  
eu virei poesia.  
Nesse pandemônio,  
sou quase demônio.  
Nessa futurologia,  
invento nostalgia.  
Nessa distopia,  
permaneço utopia.

Por vez, total eclético,  
na juventude, cético.  
Por vez, o faro estético  
cheira torto e patético.  
Por vez, só sintético,  
em duo, assaz dialético.  
Por vez, sou profético,  
noutras, ato poético.

## *A safra de mamão*

ÁLVARO JOSÉ SILVA

*Jornalista e Escritor. Pertence à Cadeira 14 da AEL.*

Na velha redação do hoje falecido jornal **A Gazeta**, na rua General Osório 127, o trabalho era feito nas antigas máquinas de escrever. No nosso caso, a grande maioria era de Olivetti, um modelo extremamente forte e pesado, todo de ferro. Depois que as notícias eram escritas em laudas tamanho padrão – 25 linhas de 72 toques por linha –, o redator conferia o texto, entregava para a diagramação e daí ele descia para a composição. Lá, no andar de baixo, alguém copiava os originais em um equipamento que os transformava numas tiras de impressão que então eram coladas às páginas no lugar diagramado na redação para que tudo se tornasse uma unidade inteira de impressão. Um sistema complexo, demorado, mas era o que havia.

Um belo dia, eu havia saído para comer alguma coisa na cantina e voltava à minha mesa de trabalho. Vi então que a amiga Denise Zandonadi, repórter de Economia, parava de escrever uma determinada matéria para ir até o lugar onde estava o telefone, nos fundos da sala. Sim, naquela época, não havia celulares e um único aparelho daqueles bem velhos e pesados, os telefones pretos, servia a todos. Alguém havia ligado para ela.

Parei ao lado de sua mesa e olhei. Na máquina de escrever, estava uma lauda com um teto sobre safra agrícola. Estava escrita a previsão da colheita daquele ano segundo o órgão responsável, e ela havia escrito “X” mil toneladas de café, “X” de laranja, “X” de cacau, “X” disso “X” daquilo e o texto parava em um “e”. Olhei para me certificar de que ela

não vigiava sua mesa, sentei-me diante da máquina de escrever e, depois do “ê”, escrevi um rotundo “mamão para caralho”. Dei ponto, abri outro parágrafo e deixei a lauda lá, com aquela continuação em aberto.

Ri intimamente, pensando em ela voltar, descobrir o engodo e, danada da vida como toda italiana é, sair aos trancos e barrancos tentando encontrar quem havia sido o sacana que colocara molecagem na matéria dela. Só que, nesse meio tempo, fui chamado à sala do editor-chefe, Jackson Lima. Uma pessoa havia chegado lá para dar notícia sobre uma obra qualquer ligada a futebol. Coisa envolvendo esporte. Só sei que demorei muito tempo para retornar à mesa e quando, finalmente, fiz isso, a Denise continuava lá escrevendo. Calmamente. Desligadamente. E pensei comigo: “Ela viu, apagou e vai dar de ombros para que eu fique aqui esperando por uma reação que não virá. Eu vou fazer o mesmo”.

Fui cuidar da vida, pois, logo em seguida, teria de começar a editar a primeira das páginas de esporte. Uma delas descia sempre ao final da tarde para adiantar o fluxo de trabalho da diagramação e composição. Isso era necessário num jornal que então tinha o processo de composição a quente, feito em velhas máquinas de linotipo que derretiam chumbo para compor letra por letra nos blocos que eram aos poucos fazendo as páginas. Absorto pelos afazeres, simplesmente me esqueci do que havia feito.

Mas era para me preocupar. Não vi, mas Denise havia voltado do telefonema e visto a lauda com o parágrafo aberto na máquina. Julgou que tinha terminado de datilografar a relação e continuou normalmente até acabar todo o texto. Entregou-o ao editor Orlando Eller que conferiu o número de linhas e o enviou à redatora para o copydesk. Era para ela ter visto o impropério, mas deixou passar. Se viu ou se não viu, jamais perguntei. Só sei que, depois disso, o diagramador, que já havia desenhado a matéria na página, anotou no cabeçalho os dados de identificação, prendeu o maço de papel ao prendedor e o desceu para a composição pelo buraco que havia na parede com essa finalidade. Lá as laudas seriam recolhidas, como sempre acontece.

Um dos profissionais responsáveis pela composição era um senhor obeso e evangélico. Não me recordo do nome dele. Sei porque me foi relatado, que ele começou a teclar a matéria e de repente parou. Os olhos arregalados. Levantou-se e procurou pelo responsável pelo setor, Abílio

Eugênio França Matos, que também ficou de olhos arregalados. “Leve na sala do editor-chefe e mostre isso ao Jackson”, disse ele ao responsável pela teclagem. O teclador saiu imediatamente e subiu as escadas.

Foi então que minha história e a “da safra de mamão” se encontraram novamente. Já estava editando a segunda página de esportes e Jackson Lima me chamou até ele para falar sobre o assunto da pessoa que havia passado por lá e conversado conosco à tarde. Recordo-me de que era alguma coisa ligada à construção do estádio do Rio Branco, em Campo Grande, Cariacica. Era para cobrar o texto da conversa. Entrei, sentei-me diante dele e disse que precisava voltar rápido para a diagramação, pois uma página havia deixado o diagramador parado. Foi então que o evangélico da composição entrou na sala espumando de raiva por todos os poros, pediu licença dizendo que era urgente, mostrou o maço de laudas ao chefe da redação e disse:

- Seu Jackson, eu acho que essa moça, a Denise, é doida!

E eu ali. O “crime” à minha vista. Esperei o editor-chefe ler, arregalar também seus olhos por detrás dos óculos e se preparar para levantar. Até hoje não sei se ele ia chamar o editor Orlando Eller ou a própria repórter. Talvez o responsável pela editoria. Sei apenas que, na exata hora em que ele bateu com as mãos na mesa para se levantar – era um homem obeso – eu pulei na frente dele para paralisar a coisa por ali mesmo. Disse:

- Jackson, mande o senhor fulano voltar porque eu sei o que aconteceu.

Peguei as laudas, com minha caneta risquei o trecho impróprio, devolvi o maço para o funcionário e, dizendo um “volte ao trabalho”, o despachei do lugar. A essa hora Jackson já havia se sentado de novo, depois de fazer um gesto de “vá embora” ao pobre evangélico, que estava sem entender nada. Estávamos novamente na sala somente eu e ele. Esperei que acendesse o cigarro, disse que precisava voltar à diagramação e perguntei pelo assunto da reunião da tarde. Ele se limitou a fazer um sinal de “calado”:

- Estou diante do responsável por isso tudo, não é?

Deu uma risada:

- Era uma brincadeira com a Denise. Eu ia esperar que ela visse aquilo, que desse um pulo como toda italiana que se preza e depois le-

vantaria o braço com um sinal de “fui eu”, para vê-la riscar o trecho com raiva. Mas aí você me chamou aqui na sala, demoramos e, quando eu voltei, não reparei que ela simplesmente não havia visto nada. Isso me parecia impossível.

Ele ficou possesso:

- Puta merda, Álvaro, o culpado fui eu?

Falei de novo, agora sério:

- Tá bom, foi uma brincadeira de mau gosto e quase me dei mal. Desculpe-me e preciso voltar agora para a diagramação. Mas ele ainda não havia terminado:

- Se isso tivesse saído no jornal, o Cariê iria demitir você por justa causa, seu idiota. E, fatalmente, uma irresponsabilidade como essa respingaria em mim. Bote a mão na consciência e volte para terminar sua edição. Nem quero acreditar que isso esteja acontecendo. Suma. E sem rir!

Levantei-me da mesa com um “com licença, Jackson” e saí da sala dele. Juro por tudo o que existe de sagrado nessa vida que o vi rindo quando fechei a porta atrás de mim. O diagramador, que também estava uma onça, me perguntou o que o grande chefe queria comigo. Respondi:

- Vamos diagramar essa coisa logo. Você não iria acreditar.

Deixei que se passassem alguns dias. Jackson sem falar comigo. Até que, uma semana depois, ele me chamou para comer um filé medalhão ao molho de madeira R no Mar e Terra, na Volta de Caratoíra. Esperamos que a cerveja fosse servida depois de os pedidos feitos. Então, meu velho companheiro de tantas histórias na redação de **A Gazeta**, disse:

- Precisamos conversar...

- Agora... emendei eu.

E ele simplesmente começou a rir. E eu simplesmente comecei a rir também. Daí em diante, ninguém conseguia entender porque, naquela mesa mais ou menos no centro do salão do restaurante, dois homens, um de meia idade e outro jovem e cabeludo, davam gargalhadas sem parar. Como isso – o riso – é contagioso, a maioria dos demais riu também.

## *As influências da literatura no rock e vice-versa*

ANAXIMANDRO AMORIM

*Advogado, Professor e Escritor. Pertence à cadeira 40 da AEL.*

### **1. À GUISA DE UMA HISTORIOGRAFIA:**

Nascido no sul dos Estados Unidos da América, entre as décadas de 1940 e 1950, o rock'n'roll é um estilo musical de origem negra, proveniente de uma mistura entre o blues, o jazz, a country music, além de outros ritmos como o gospel, o folk e o boogie-woogie.<sup>1</sup> Difícil precisar qual o artista ou disco precursor do gênero, uma vez que a evolução se deu de tal forma que muitas composições dessas décadas já traziam elementos do gênero, ainda que possamos afirmar, não sem algumas dúvidas, que o rock'n'roll explode a partir dos anos 1950, com artistas e bandas do calibre de Bill Halley e seus Cometas, Chuck Berry, Little Richard, Jerry Lee Lewis e Elvis Presley, para citar alguns entre os tantos cantores negros e brancos que fazem parte de uma primeira cena musical eminentemente “rock”.

A explosão musical atravessou o Atlântico, vindo fincar raízes no Reino Unido. É impossível falar de rock'n'roll sem citar o quarteto britânico The Beatles, apontado por muitos como um divisor de águas do gênero. A “Terra da Rainha” também deu à luz a cantores e bandas icô-

---

1 “13 de julho, dia mundial do rock'n'roll”. AMORIM, Anaximandro. **A máquina do tempo e outras histórias**. Vitória: Pedregulho, 2014, p. 23.

nicos do gênero, como os Rolling Stones ou David Bowie. Mas foi um subproduto do rock, o heavy metal, que, dentre outros tantos braços provenientes do rock, teve no país berço privilegiado.

Tal como a história do próprio rock, o metal também tem origens controversas. A começar pela sua denominação. Há quem diga que o termo foi cunhado pelo escritor estadunidense William Burroughs, nos anos 1960, ainda que dissociado do seu sentido original<sup>2</sup>, o que já nos enseja uma aproximação deste subgênero do rock com a literatura. No entanto, ao que tudo indica, o termo já era usado no século XIX, como sinônimo de artilharia pesada, ou “chumbo grosso”.

O sintagma “heavy metal” também é usado, segundo os historiadores do tema, pela primeira vez, na música “Born to be wild” (“heavy metal thunder”, estrofe da letra em comento, significaria, em português, algo como “uma trovada de chumbo grosso”), da banda estadunidense “Steppenwolf”, que, aliás, reclama a paternidade do metal. No entanto, esta é, não sem polêmica, conferida ao grupo britânico Black Sabbath, com seu álbum de estreia homônimo, lançado no ano de 1970, posto que o Sabbath

(...) foi a primeira banda que concentrou as características do gênero musical (...) [tendo] criado em seu álbum de estreia uma música pesada, tanto na sonoridade quanto nas letras, algo que não tinha acontecido antes.<sup>3</sup>

A partir de então, o metal foi tomando características diversas, gerando, inclusive, subprodutos seus, o que pode nos fazer afirmar, sem sombra de dúvidas, que ele próprio acaba se tornando um gênero, do qual temos hoje o progressivo (Rush, ELP, Yes, Rick Wakeman), nos anos 1970; o punk (Bad Religion, The Clash, Ramones), na metade desta década até os anos 1980; o chamado New Wave of British Heavy Metal (NWOBHM), nos anos 1980, com bandas ativas até hoje e cujo

---

2 “De onde vem o termo heavy metal?”. Superinteressante. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/cultura/de-onde-vem-o-termo-heavy-metal/>>. Acesso em: 24 out 2019.

3 ROCHA, Diogo Octavio Muniz. **A influência da literatura no heavy-metal**. Belo Horizonte: UFMG, 2014, p. 6. Disponível em: <<file:///C:/Users/PC/Downloads/Monografia.pdf>>. Acesso em: 24 out 2019.

maior expoente é o Iron Maiden; o Glam Rock (Bom Jovi, Europe, Guns and Roses, Skid Row, Poison) e o Trash Metal (Metallica, Sepultura, Slayer, Megadeath), também dos anos 1980; o Grunge (Nirvana, Alice in Chains) e o Nu Metal (Korn, Slipkinot, Rage against the machine), dos anos 1990; e um retorno dos grandes conjuntos dos anos 1970/80, sobretudo, além de tantas outras vertentes possíveis de se inventar (Black Metal, Doom Metal, Power Metal, Metal Melódico, dentre tantas).

Tendo a música como sua forma de expressão, os compositores, sobretudo os do gênero metal, têm na literatura fonte inestimável de inspiração, ainda que, à primeira vista, heavy metal e ofício da palavra pareçam coisas díspares, impossíveis, até, de ser misturadas. Assim,

Apenas para ilustrar, é possível mencionar os subgêneros mais literariamente influenciados, como o heavy-metal clássico (a banda Iron Maiden aborda em suas letras textos de vários autores, como Edgar Allan Poe e Aldous Huxley, por exemplo), *trash metal* (a banda Metallica, com trabalhos influenciados por Hemingway e HP Lovecraft) e *power metal* (as obras do grupo Blind Guardian são influenciadas por Tolkien). Outros gêneros, como *black metal* e *prog metal* também são influenciados pela literatura, mas em menor grau se comparado com os subgêneros acima mencionados.<sup>4</sup>

Mas, a despeito de todo este breve esboço histórico, talvez ainda se possa perguntar: como seria possível uma influência recíproca entre gêneros aparentemente tão diferentes?

## 2. À GUIA DE UM REFERENCIAL TEÓRICO:

É totalmente possível pensar em um imbricamento entre música e literatura, coisa, aliás, de tempos passados. A literatura galaico-portuguesa, origem, inclusive, da nossa, tem no Trovadorismo sua primeira expressão, levando em consideração que as trovas eram, na verdade, cantigas (amado/amigo, escárnio/maldizer), feitas, portanto, para serem cantadas. Na Itália, o surgimento da “Arte Máxima”, tinha

---

4 ROCHA, Diogo Octavio Muniz. Op. cit, pp. 3 e 4.

na Ópera a tentativa de se misturar, no mesmo caldo, todos os gêneros artísticos possíveis: música, arquitetura, dança e, claro, literatura, tendo como exemplo célebre a francesa “Carmen”, de Georges Bizet, inspirado no romance de Prosper Mérimé.

Explicar a influência da literatura no rock (e vice-versa) é explicar, portanto, o casamento histórico entre duas semioses (música e letras), portanto, completamente plausível. Se adotarmos um viés linguístico de caráter funcionalista, podemos colher, facilmente, um referencial, seja, por exemplo, nos círculos de Bakhtin, seja no ferramental da Linguística Textual. Assim, dentre tantas características que o texto assume para Bakhtin, uma delas é a da *dialogicidade*, ou seja,

o movimento de *discursos* sociais, culturais, éticos, estéticos que, para serem mobilizados, dependem da essência do texto enquanto evento, enquanto acontecimento, necessariamente protagonizados por sujeitos situados histórica e socialmente.<sup>5</sup>

A noção de “texto enquanto evento” fica ainda mais patente dentro do âmbito da Linguística Textual, pois, para tanto, o texto seria uma “entidade multifacetada, fruto de um processo extremamente complexo de interação social e de construção social de sujeitos, conhecimento e linguagem”<sup>6</sup>. Dessa feita, autores como KOCH, ELIAS, MARCUSCHI, LINS e CAPISTRANO JR advogam a tese de que o texto é uma entidade multifacetada, altamente complexa, o que esbarra em uma outra questão, também bastante cara à Linguística Textual, a da *multimodalidade*, ou seja, não apenas o texto escrito é texto, mas também o pictórico, o sonoro, podendo, inclusive, haver a participação de várias semioses dentro do processo, já que

estudiosos da LT (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO, 2010) propõem um alargamento do conceito de texto, de modo a incorporar na análise de fenômenos textuais as produções multi-

---

5 BRAIT, Beth. *O texto nas reflexões de Bakhtin e do Círculo*. In: BATISTA, Ronaldo Oliveira (org.). **O texto e seus conceitos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016, p. 18.

6 KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça, ELIAS, Vanda Maria. *O texto na linguística textual*. In: BATISTA, Ronaldo Oliveira. *Op. cit.*, p. 31.

modais, caracterizadas pela copresença de dois ou mais modos de linguagem (verbal, imagética, plástica, sonora) na superfície textual.<sup>7</sup>

E mais: partindo, especificamente, da relação entre rock e literatura, afirmamos que esta também esbarra no que a LT vai chamar de *conhecimento enciclopédico* ou *conhecimento de mundo*, qual seja, aquele que se encontra “armazenado na memória de longo termo (ou memória permanente) de um indivíduo”<sup>8</sup>. Em outras palavras: encontram-se traços do discurso literário no rock (ou no metal e suas vertentes, como queiram) pela formação humanista dos seus compositores, suas influências e tudo mais o que os perpassou enquanto sujeitos agentes de interação no jogo de criação do texto como evento sociocognitivo e interacional.

### 3. À GUIZA DE EXEMPLOS:

É impossível, portanto, tecer uma lista exaustiva de canções e bandas. Se quisermos começar tentando um rol anglófono (visto que o rock nasce nos EUA, finca raízes no Reino Unido e se espalha por todo o planeta, com bandas e cantores de todas as línguas), podemos chegar ao que, para nós, são os mais relevantes exemplos<sup>9</sup>:

“Animals”, do Pink Floyd, de 1977, é baseado no romance “A Revolução dos Bichos”, do escritor inglês George Orwell (1945); John Ronald Reuel Tolkien, famoso pela saga “O Senhor dos Anéis”, influenciou bandas como Blind Guardian, Led Zeppelin, Nightwish, Rush, Marillion e

---

7 Linguística textual e pragmática. LINS, Maria da Penha, CAPISTRANO JUNIOR, Rivaldo. In: CAPISTRANO JUNIOR, Rivaldo, LINS, Maria da Penha Pereira, ELIAS, Vanda Maria. **Linguística Textual e pragmática: uma interface possível**. São Paulo: Labrador, 2017, p. 21. Grifo nosso.

8 CAVALCANTE, Monica Magalhães. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2014, p. 22.

9 N.A: Não podemos nos esquecer, também, do cantor Bob Dylan, cuja indicação para o Nobel de Literatura, em 2017, causou celeuma tanto nos meios musicais quanto literários. (Atualizado em: 22 mar 2020).

Black Sabbath. Metallica é influenciado por Hemingway e Lovecraft<sup>10</sup>. Judas Priest, um dos grandes expoentes do NWOBHM, tem um disco temático chamado “Nostradamus”, de 2008, baseado na vida e obra do mago francês homônimo. Mas, dentre todas essas, talvez seja o Iron Maiden a banda que mais coleciona referências literárias.

Seja pela formação de seus principais compositores (Steve Harris, baixista e líder do grupo e Bruce Dickinson, vocalista, têm formação em história.<sup>11</sup> Dickinson, inclusive, é autor de livros, inclusive literários), seja pelas características predominantes do gênero heavy metal ou até mesmo pelo conhecimento enciclopédico dos integrantes, o Maiden traz muitas influências de Edgar Allan Poe (“Murders in the rue Morgue”, história homônima); “The rime of the ancient mariner”, extenso poema homônimo de Samuel Taylor Coleridge; “The Phantom of the opera”, do romance francês “Le fantôme de l’opéra”, de Gaston Leroux; “To tame a land”, que se baseia no romance “Duna”, de Frank Herbert. A arte o álbum ao vivo “Live after Death” (1985) conta com uma epígrafe retirada de “The Call of Cthulhu”, de Lovecraft.<sup>12</sup> A banda também sofre influência de Alister Crowley e o próprio Bruce Dickinson tem um disco solo chamado “The Chemical Wedding” (1998), totalmente inspirado nas obras do pintor, alquimista e poeta britânico William Blake.

Se procurarmos exemplos brasileiros, chegaremos à banda Sepultura, que, em 2006, lança o álbum “Dante XXI”, inspirado em “A Divina Comédia”, clássico universal do italiano Dante Alighieri<sup>13</sup>. Angra lança, no mesmo ano, “Aurora Consurgens”, baseado em um “tratado de alquimia medieval de autoria desconhecida e muitas vezes atribuído a São Tomás de Aquino”<sup>14</sup>. Também um tanto antes, no disco “Holly Land”, de 1992, é possível notar a influência de literaturas epistolares, do período do Achamento do Brasil, na composição temática do álbum.

---

10 Rock e literatura: algumas convergências. Disponível em: <<https://wishplash.net/materias/curiosidades/218758-ironmaiden.html>>. Acesso em: 24 out 2019.

11 ROCHA, Diogo Otávio Muniz. Op. cit., p. 15.

12 ROCHA, Diogo Otávio Muniz. Idem, p. 16.

13 Rock e Literatura: algumas convergências”. Op.cit.

14 Idem.

Não apenas no rock nacional cantado em inglês, mas, também, em português, encontramos esta influência. Os Mutantes, em 1970, lançaram “A Divina Comédia ou ando meio desligado”<sup>15</sup>, cujo título fala por si. Além disso,

“‘Monte Castelo’ é uma canção da Legião Urbana, do álbum ‘As Quatro Estações’, lançado no ano de 1989, que tem em sua letra um trecho do poema do poeta português Luís Vaz de Camões. Na mesma letra também há um trecho de Coríntios, um dos livros que compõem a bíblia sagrada dos cristãos.”<sup>16</sup>

Outro contundente exemplo é

“‘Um Messias Indeciso’ (...) uma canção de Raul Seixas lançada no álbum ‘Metrô Linha 743’ do ano de 1984. Esta música é inspirada no livro ‘Ilusões – As Aventuras de um Messias Indeciso’ do autor norte americano Richard Bach e foi originalmente lançado em 1977. Raul também citaria, na letra da canção ‘As Minas do Rei Salomão’, a saga de Dom Quixote, do livro ‘Dom Quixote de la Mancha’ do escritor espanhol Miguel de Servantes y Saavedra.”<sup>17</sup>

Raul Seixas que, aliás, também tem influências de Crowley, junto com seu principal parceiro compositor, o escritor Paulo Coelho, hoje, imortal da Academia Brasileira de Letras.

Em um país em que letras de música são estudadas como peças literárias (Caetano Veloso, Gilberto Gil e Chico Buarque de Hollanda são exemplos contundentes e, apesar de não serem exatamente compositores de rock, trazem, em algumas de suas músicas, elementos do gênero), não é difícil encontrar exemplos de um “movimento em contrário” (qual seja, o da música para a literatura, ao contrário do da literatura para a música). São vários os songbooks vendidos no país (muitos dos quais contando com composições de escritores). Citamos o exemplo de Sérgio Sampaio,

---

15 Idem.

16 Idem.

17 Idem.

compositor capixaba de sucesso nacional, editado pela Editora Cousa, em 2017. Outro capixaba, Aprígio Lyrio, teve vida e obra analisadas pelo escritor e jornalista Fabrício Fernandes, no livro “Aprígio Lyrio: simplesmente mercúrio cromo”, em edição independente, de 2019.

O acadêmico, jornalista e escritor José Roberto Santos Neves também pode ser citado como um outro feliz exemplo desta influência do rock na literatura (e vice-versa)<sup>18</sup>. Santos Neves, membro da Academia Espírito-santense de Letras, é conhecido crítico musical, tendo levado a lume a biografia da cantora Maysa Matarazzo (“Maysa”, de 2004), o livro de entrevistas “A MPB de Conversa em Conversa” (2007), “Rockrise – A história de uma geração que fez barulho no Espírito Santo”, de 2012, sobre a cena do rock nacional em terras capixabas e “Crônicas Musicais”, de 2015, exemplo de como a crítica pode se esposar com o gênero literário crônica. Ademais, José Roberto é músico da banda capixaba de rock The Rain<sup>19</sup>.

#### 4. À GUIA DE CONCLUSÃO:

Um bem-sucedido casamento. Assim podemos definir a relação entre rock e literatura. Dois gêneros, duas semioses que se relacionam com harmonia, rendendo uma interação rica em signos e significados. O grande número de obras comprova esse movimento, seja da literatura para o rock, seja do rock para a literatura, denotando não apenas o imbricamento das duas linguagens, mas a riqueza intertextual que, certamente, ainda renderá muitas belas obras para os fãs do gênero.

---

18 Citamos, também, o acadêmico, magistrado, membro da Academia Espírito-santense de Letras e Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo Getúlio Marcos Pereira Neves, que foi integrante da banda capixaba de rock “Urublues”, primeira banda do ES a gravar CD (um, em 1993, outro, em 2002). Neves lança, em 2005, o livro “Blues, sonetos e canções”, com letras da banda. (Atualizado em: 22 mar 2020)

19 José Roberto Santos Neves. Disponível em: <<http://www.jrsantosneves.com.br/website/autor.php>>. Acesso em: 24 out 2019.

## REFERÊNCIAS

“13 de julho, dia mundial do rock’n’roll”. AMORIM, Anaximandro. **A máquina do tempo e outras histórias**. Vitória: Pedregulho, 2014, p. 23.

“**De onde vem o termo heavy metal?**”. Superinteressante. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/cultura/de-onde-vem-o-termo-heavy-metal/>>. Acesso em: 24 out 2019.

BRAIT, Beth. O texto nas reflexões de Bakhtin e do Círculo. In: BATISTA, Ronaldo Oliveira (org.). **O texto e seus conceitos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016, p. 18.

CAVALCANTE, Monica Magalhães. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2014, p. 22.

**José Roberto Santos Neves**. Disponível em: <<http://www.jrsantos-neves.com.br/website/autor.php>>. Acesso em: 24 out 2019.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça, ELIAS, Vanda Maria. O texto na linguística textual. In: BATISTA, Ronaldo Oliveira (org.). **O texto e seus conceitos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016p. 31.

Linguística textual e pragmática. LINS, Maria da Penha, CAPISTRANO JUNIOR, Rivaldo. In: CAPISTRANO JUNIOR, Rivaldo, LINS, Maria da Penha Pereira, ELIAS, Vanda Maria. **Linguística Textual e pragmática: uma interface possível**. São Paulo: Labrador, 2017, p. 21.

ROCHA, Diogo Octavio Muniz. **A influência da literatura no heavy-metal**. Belo Horizonte: UFMG, 2014, p. 6. Disponível em: <<file:///C:/Users/PC/Downloads/Monografia.pdf>>. Acesso em: 24 out 2019.

ROCHA, Diogo Otávio Muniz. Op. cit., p. 15

**Rock e literatura: algumas convergências**. Disponível em: <<https://wishplash.net/materias/curiosidades/218758-ironmaiden.html>>. Acesso em: 24 out 2019.

## *Discurso de Posse como Presidente da AEL*

*ESTER ABREU VIEIRA DE OLIVEIRA*

*Professora e Escritora. Pertence à cadeira 27 da AEL.*

Querido Presidente da AEL, Professor Francisco Aurelio Ribeiro, queridos Acadêmicos e queridas Acadêmicas que tiveram a coragem de me eleger para Presidente desta Academia, sucedendo a uma gestão tão significativa para esta Casa. Boa noite, Presidente do IHGES que nos concedeu a acolhida para esta cerimônia, Dr. Getúlio Neves, também nosso confrade. Boa noite, digníssima e querida Professora Presidente da AFESL, Renata Bomfim; minhas queridas acadêmicas da Academia Feminina Espírito-santense de Letras, minhas senhoras, meus senhores, e familiares. Inicialmente quero agradecer a presença de todos os que aqui estão neste dia (noite) muito especial de ritual de passagem, e muito particular para mim, que assumo a Presidência de uma Entidade tão importante para a cultura do nosso Estado e à qual não havia sequer ousado sonhar para nela entrar.

Aqui estou graças aos audaciosos acadêmicos, Francisco Aurélio Ribeiro, que tão carinhosamente escreveu a acolhida, e a Miguel Depes Talon, que fez a entrada de meu currículo para inscrição na AEL, mas que, por impedimento de saúde de Francisco Aurélio, leu o texto deste, no dia 31 de maio de 1996. Contudo, pelo texto de acolhida dupla para esta Casa, escrita por um e lida por outro, torna a minha entrada nesta entidade *sui generis*. Dessa forma, tornei-me a quinta mulher a entrar numa Entidade de, naquela época, 75 anos de fundação. Lembrando que nela, até 10 de set. de 1981, só após 60 anos de fundada, havia acolhido uma mulher, a insigne escritora e política Judithe Leão Castello

Ribeiro, para ocupar a cadeira número 12, cujo patrono é Gonçalo Soares da França; hoje, esta cadeira é ocupada por nosso querido colega Gabriel Bitencourt, aceitando tão somente a partir de 42 mulheres como correspondentes e admitindo uma patrona: Maria Antonieta Tatagiba, em 1937.

Confesso, também, que jamais havia sonhado com este momento tão comovente: estar hoje aqui para ser a segunda mulher a assumir a presidência da AEL, seguindo a queridíssima Maria Helena Siqueira de Teixeira, que de 2002 a 2004, ocupou esta presidência. Apesar de sempre ter colaborado com os presidentes que a dirigiram atuei, silenciosamente, e jamais cogitei viver esta cerimônia em que me vejo implicada, pela confiança que em mim depositaram os confrades e as congreiras. A expectativa é de que possa exercer a presidência com dignidade, justiça e paz, respondendo a este crédito à altura.

Claro que não se deve agradecer ou culpar pela votação, mas assumir este desafio, complexo é verdade, para ser a presidente (a) de todas e de todos, com respeito, pois a Casa nos transcende. Tenho a convicção de que o tempo que nos espera será, como ocorreu nas diretorias anteriores, de luta por dignificar sempre nossa cultura, e para isso conto com o espírito de colaboração democrática dos membros desta nova diretoria, e o respaldo do conjunto dos confrades e congreiras.

A AEL foi fundada em 04 de setembro de 1921, graças à idealização do jornalista Sezefredo Garcia de Rezende, que, para tornar realidade seu sonho de no ES haver uma Academia de Letras, obteve o apoio do jornalista Elpidio Pimentel, que mais tarde tornou-se o primeiro secretário da AEL, e do advogado Alarico de Freitas, filho de Afonso Claudio de Freitas Rosa, também um dos primeiros acadêmicos e primeiro governador do nosso Estado, patrono da cadeira 27, à qual eu pertencço, e teve como primeiro ocupante Eurípedes Queiroz do Valle, que foi 22 anos presidente desta Academia, ou seja, de 1941 a 1963. Nesse percorrer de tempo, seus membros efetivos, cada um identificados com as inquietações de suas respectivas épocas, deixaram atrás uma esteira de valiosas contribuições culturais. Fui precedida por notáveis homens de valor e de ideal que por aqui passaram. Da conservação de suas memórias cuidarei como presidente da Instituição autofinanciável.

Assumo a responsabilidade de uma Entidade de que não somos proprietários, mas lutamos por sua conservação. Guardando o passado, aceleramos o futuro, protegendo o seu acervo moral e cultural, e, principalmente, a sua biblioteca. Amar os livros é um princípio que deve ser cultivado. Lembro-me aqui do percalço sofrido pela AEL, que reporta ao capítulo 6, da obra DON QUIXOTE, quando a governanta e a sobrinha de Alonso Quijano consideraram que os livros eram a causa de sua loucura e resolveram queimar a maioria das obras, depois de examinadas. Os nossos livros não foram queimados, nem analisados, mas “despejados” quando a AEL estava situada no terceiro andar do edifício do Banco do Crédito Agrícola do ES, na Rua Jerônimo Monteiro, 240, e o gerente do banco determinou que eles fossem lançados na rua, melhor na Praça Oito, todo o arsenal que compunha a biblioteca Saul Navarro. A causa era a modernidade. O maior edifício da cidade, na época, seria erguido e seria edificada a nova sede do Banco de Crédito Agrícola, ou seja, o tradicional edifício da cidade, o Ruralbank, inaugurado em dezembro de 1967. Dali, do chão da rua, os livros foram resgatados e trasladados para o porão da FAFI. O busto de Saul de Navarro, pseudônimo do crítico literário Álvaro Henrique Moreira de Souza, um dos acadêmicos fundadores da AEL, um dos doadores para a AEL de obras da literatura latino-americana, estava ao lado dos móveis, mesas e cadeiras e os empilhados livros de literatura da AEL. Os objetos, a literatura, ali ficaram até que o Prof. Nelson Abel de Almeida, Presidente naquela época da AEL, os transferisse para a casa do Prof. Barbosa Leão, em 1985.

Como um rio que corre no sentido do mar, esta diretoria, lutará para a divulgação de nossos saberes e para a justiça de desigualdade social, mostrando o valor do livro e da literatura, que é irmã da liberdade. E, apoiando-se no Estatuto, a diretoria valorizará as publicações de obras já esquecidas de nossos escritores. Terão destaque, sempre que possível, as antologias, que por abarcarem a produção de muitos em uma só obra, dão oportunidade de o leitor percorrer pensamentos vários.

Esta Diretoria procurará dar continuidade aos esforços de notáveis presidentes, que por ela passaram, e que impuseram a seus sucessores, cada um à sua maneira, um procedimento irrepreensível na condução dos destinos desta instituição. Desde a primeira presidência, a do bis-

po diocesano D. Benedito Paulo Alves de Souza, cada presidência deu substanciáveis conquistas à AEL, uma associação civil, como reza o seu Estatuto, “de caráter cultural e sem fins lucrativos, de duração ilimitada, com sede e foro na cidade de Vitória” cuja finalidade é “o cultivo da língua nacional e da cultura literária”, que tem como lema *Semper Ascendere*, e tem a sua sede na Casa Kosciuszko Barbosa Leão, na Praça João Clímaco.

Portanto, assumo esta Presidência sob um regimento claro e rigoroso, sabendo que terei horas extras de trabalho, mas viver na Casa Kosciuszko Barbosa Leão é estar sob o regime da memória, mas diante de situações materiais desafiadoras, que enfrentaremos entre todas e todos. Nós, acadêmicos e acadêmicas, não procuramos fazer como os faraós do Egito que a cada renovação eliminavam os documentos. Ao contrário procuramos preservar a memória, para, também honrar a alcunha de imortal. A Academia nos atrai com a sua aura. Cada Acadêmica, cada Acadêmico assegurou, assegura e assegurará, com a biografia de cada um e com a continuidade de sua produção e de sua ação, a permanência do brilho, a sua consistência, a respeitabilidade que identifica a AEL junto à sociedade estadual e à brasileira, senão à universal. Por que não? Peço licença para ler o poema **Imortalidade da alma** de Kosciuszko Barbosa Leão, cuja Epígrafe é “Penso logo existo”, de Descartes.

Quando escrevo ou leio ou apenas medito  
E, contemplando a vida, a beleza eu devasso,  
Quer no infinito tempo ou no infinito espaço,  
Eu penso que também meu viver é infinito.  
E, pensando horas passo.  
E contemplando em mim mesmo a beleza da vida,  
Mas nasce o sol cantando uma vida em começo,  
Há mocidade em tudo e eu, no entanto, envelheço,  
Assisto, em minha tarde, ao sol em despedida.  
E, a pensar, estremeço.  
Com pouco mais é noite e eu hei- de ver que, então,  
Deixará de bater, por fim, meu coração.  
Mas verei? Como ver meu coração parar?

Meu cérebro estará desfeito, nesse instante,  
Na terra que o tragar. e, sem o órgão pensante,  
Acaso, após a morte, ainda eu conservo o olhar?  
E penso, enfim, triunfante.  
E triunfante, afinal, meu pensamento acalma.  
Essa luz misteriosa é impossível que eu corte.  
A vida eu vejo, pois, pensando em minha morte.  
É minha alma imortal aos olhos de minha alma.

E, pensando, horas passo.  
E, a pensar, estremeço.  
E penso, enfim, triunfante:  
A beleza da vida em mim mesmo eu devasso.  
Eu jamais envelheço.  
No cérebro pensante  
Tenho uma luz sem fim, igual ao tempo e ao espaço.

Valendo-me do poema de Barbosa Leão, digo que guardo em mim “uma luz sem fim, igual ao tempo e ao espaço”, esta luz me acompanhará e, com o apoio desta Diretoria, que ora se firma e que tão gentilmente aceitou-me para presidi-la, procurarei honrá-la e a nossa Casa, templo, parte do que nós capixabas somos e somos capazes de conservar. Nela estão nossos valores e expedi-los, cultivar a paz e a generosidade entre nós promover assuntos culturais, incentivando a leitura, indo a colégios, apresentando-nos como acadêmicos e falando de nossos escritores é nosso dever. Porém, camonianamente, reflito: “as coisas árduas e lustrosas se conseguem com trabalho e com fadiga”, mas, em compensação, o prazer de fazer, e fazer bem feito engrandece a alma, e para isso esta Diretoria permanecerá fiel à cláusula pétrea do Estatuto e aos princípios que fundamentam a atuação da Casa.

Queridos acadêmicos e queridas acadêmicas e, principalmente, diletos membros da diretoria, que a assumem agora e que estará totalmente engajada na busca dos objetivos determinados no Estatuto desta Casa, estaremos juntos, porque assim nossa representatividade ganhará mais peso. A missão de cada nova Diretoria implica continuidade e acrescentamento. Tem sido assim e deste modo seguirá sendo.

Em nome da nova Diretoria, agradeço à que, agora, nos transfere o cargo, principalmente aos secretários que contribuíram para a memória da instituição, Matusalém Dias de Moura e Álvaro José dos Santos Silva e nossos membros da tesouraria, Anaximando Amorim e Wanda Alckmim, pelo zelo de com um pouco distribuir um muito. Ao querido Presidente, Francisco Aurélio Ribeiro, que com elegância, integridade, competência e dinamismo vem, nesses vinte um anos, conduzindo a AEL com brilho, agradeço toda a sua atuação. Enfim, esta diretoria agradece a todos que compartilharam com a mesma igualdade com a instituição.

Termino citando Getúlio Neves em ESTUDOS DE CULTURA DO ESPÍRITO SANTO DE LIVROS, LEITURAS E LEITORES, sobre o valor das Academias de Letras que “[...] funcionam como arquivos de grandes obras, grandes a critério não só de opinião pública, a dos meios de comunicação, mas também da opinião popular; do gosto contemporâneo, em suma. E é nela que vai buscar ressonância a fama dos acadêmicos, na repetição de sua obra assim guardada, e isso de acordo com o gosto dos tempos.”

Assim, assumo a Presidência desta Academia sob o resguardo da honra, do trabalho, e da vida comunitária. Mas contarei com a experiência, cumplicidade e contribuição de toda a Diretoria. Seus esforços são imprescindíveis, pois se acontecer errar, o erro acontecerá com generosidade. Pesa sobre mim, nestes instantes, o aviso de que responderei, junto com esta Diretoria, e em estreita aliança com todos os Acadêmicos, pelo difícil e digno dever de conduzir, em 2021, a celebração do I Centenário da AEL. Uma data de emancipação do nosso espírito, e de história da Academia, Casa que promove a cultura da paz com o lema *Semper Ascendere*.

## *Relendo Nejar\*: uma poética da sensibilidade cotidiana*

Mas até ler/ desaprendera/ porque doía, a aventura/  
de arcaicas escrituras.// E a dor era analfabeta<sup>1</sup>

Carlos Nejar

A urgência da leitura tem seu registro em inúmeros pensadores, filósofos e escritores, entre os quais destaco três grandes autores hispânicos: Borges para quem somos feitos do que lemos; Cortázar, que defende: se não podemos mudar o mundo devemos mudar a função da leitura e Carlos Fuentes, que declara a necessidade de relermos o que já o que já lemos. Deve-se ler de novo e sempre, como se o tempo fosse uma inversão da leitura.

Um livro é sempre outro, quando o relemos. Na releitura, encontramos outros sentidos no texto. E, na poesia, onde há uma zona sensível e vibrante na imediata consciência do homem que se comove diante de um fato ou uma visão, é sempre um prazer. Além disso, num poema, há uma estrutura incorpórea que comove o leitor, principalmente quando o autor do poema como um alquimista da linguagem faz dela um provocante jogo metafórico e simbólico.

Entre as várias leituras que pratiquei nesses dias de quarentena, houve uma do percurso poético de Carlos Nejar, em algumas obras que ofereço ao leitor que queira comigo participar do encantamento poético desse escritor que faz parte da ABL e da AEL, ocupando nesta a Cadeira 15, Patrono: Francisco Antunes de Sequeira, substituindo o insigne professor e jornalista José Coelho de Almeida Cousin.

Os elementos que estimulam a reflexão e as metafóricas expressões mais impactantes são o mote para a apresentação das obras que apresento, esperando que a poesia de Nejar encontre alguma resposta ou se faça mais perguntas acerca das questões que habitam nosso cotidiano. As obras são expostas pela ordem de sua publicação e em alguns casos ocorre a republicação.

---

1 NEJAR, *A Idade da Noite*. Poesia I. 2002, p. 18.

Na obra *Amar, a mais alta constelação*; sonetos (1991) o poeta apresenta um amor cósmico. Em seus sonetos, em decassílabo e hexassílabos, filigrana o amor por Elza, família, casa, animais, frutas, coisas sensíveis e aparentemente insensíveis. Ex;

- Os versos 13 e 14 de “Os dons”: “O mundo não deságua sobre o verso,/ se não me ajusto nele, quando choro.” (p. 4)
- O último terceto de “A mesa posta”: “A morte se despede, quando a fala/ é arruela de poço. e no reboco/passam restos de vento rodopiando.” (p. 9)
- Os dois primeiros versos do primeiro quarteto de “Impronunciando”: “Calemo-nos. O amor se alimenta silêncio.” (p.13)
- O último terceto de “A Casa memoriosa”: “A casa é a amada é o mundo a sua soma,/ a sua entranha: o tempo se carpindo./ Pela memória, a casa sempre é outra.” (“p. 45)
- O primeiro quarteto de “Arco Iris”: “Era um anel de terra/ e mirto, anel contido,/ O que te dei, preserva/ com chama, o arco iris.” (p. 670)
- O primeiro quarteto de “Rocinante”: Comecei a escrever Omar em mim/ como se algum coral nos arrimasse/ no dicionário imemorial e a face/ ficasse com seu próprio fim. (p. 70)
- O primeiro terceto de “A luz não se conforma”: “A lembrança é inodora/ e a memória não vê. O futuro é memória” (p.77).

A seguir, em *Elza dos Pássaros ou a Ordem dos Planetas* (1993) uma série de delicadas cantatas privilegiam o tema do amor. A amada é a interlocutora, lembrando *O Cântico dos Cânticos*. O amado, filosófico, procura transmitir suas emoções com variadas imagens, como se constata nestas estrofes desse livro:

- Em “Cantata aos pés velozes”, v.5-8: “E digo amor, aonde/ os pássaros alcançam./ As palavras são joelhos/ e os pés velozes cantam.” (p. 13)
- Em “Cantata aos voos (c) almos” v. 13-16: “E no menear da brisa,/ o cochicho das penas,/ baixam as sobancelhas/ e os dias já vividos.” (p. 15)

- Em “Cantata das descobertas”, estrofe: 13 “Voando nos uni- mos./ E cada vez mais alto./ somos, amada, salto/ além do precipício.” (p. 21)
- Em “O relumear do espelho”, v. 1-3: “Amada, agora tenho/ a inteligência ardente/ das coisas que não vejo. (p.40)
- Em “Rotação das almas”, v 17-20: “O que é mortal desliza/ sobre a pele de ameixas./ Mortal é o peso, o cimo/ das coisas mais perfeitas.” (p. 15)
- Em “Rotação das almas”. v. 12-12: “Ama, o que me invade/é só amor, mais nada.” (47)
- Em “Cantata para as lentas mãos”, o erotismo veste todas as seis estrofes: “Minhas mãos sobre a pele/ atenta. Brilha a escrita/ azul azul das velas. // E as mãos descem precisas,/ como se fossem letras/ em papiros, paliças // arcaicas, documentos,/ que, amando, interpretamos,/ à luz de velhas línguas// e vetustos arcanos./ uma janela, um hino./ a pele mais completa // na vertente carícia./ Amando, amando, amando./ Corpos, cometas gemem, // as estelares vides,/ nebulosas. Um sino/ de corpos, almas, corpos (p 48-49)
- Em “Cantata pelas formas”, v. 1-4: “Eu posso contemplar-te,/ amada, sem tristeza./ Face a face mirar-me// nas formas que velejas.” (p. 62).
- Em “O galope do fogo” as estrofes; v. 1-3 e 13-15: “Amar não é esquecer/ o rosto sobre as cinzas./ mas é lembrar o fogo// // O fogo, o fogo, o fogo,/ suas rédeas transida/ com fúrias e perícias.” (p. 75).

Em *Sonetos do Paiol: ao Sul da Aurora* (1997), o paiol é o tema central. metáfora como o Éden ou como o paraíso bucólico de Virgílio, cantando a Idade de Ouro. Neles, o poeta menciona animais domésticos, plantas, e um espaço ideal de beleza. Pois nesse paiol (v.1-2) [...] “o engano é findo/ e o desamor jamais irá chamar-me” (p. 15). Nesse espaço de carinho, ele se identifica com as coisas, como no poema “Signos e folhas” (p. 31), v. 1-4: “A luz me prende nela. Então se une/ à luz e sou portão, serei cordame/ de nave, popa, casco, chão, tapume/ a dor ensina

a doer. Mas sem liames.” No último poema, o 46 (p. 101), AD FINEM, o eu lírico descreve esse habitat em um soneto:

Sob o meu teto, o passarinho pouasa  
e no seu ninho, eu pouso descansado.  
Se ele plana, ou caminha pelas cousas  
fixas do pátio: lajes, vasos, largos

parapeitos, eu revoou debruçado  
sobre as árvores da lama onde se entrosa  
com asas, este ardor, esta velosa  
piedade, destemor, desejo, travo

de ir mais alto, chegar além do muro  
da humana condição, dos pés obscuros  
e do fardo de céu, chuvas, açoites.

Quando voa sozinho no seu bico  
canta a manhã só para ti, comigo.  
E se voamos juntos, somos noite.

Ainda em 1997, encontra-se a obra *VEL AM PA GOS* (Móviles), da Coleção Almeida Cousin, do IHGES. Esse livro, nessa coleção, foi uma espécie de homenagem que o IHGES fez a Nejar, publicando seus versos na coleção que recebe o nome de seu antecessor na AEL. Nesse livro há uma coleção de delicados haicais. Citamos o primeiro: “A noite é um peixe/ e o mar, um outro/ eternamente.” (p. 7)

O livro *Os Dias Pelos Dias* (1997) tem como tema predominante a liberdade pessoal e social ao mesmo tempo: “Na pátria dividida./ Sob rostos e bandeiras/ vou cindo;/ no fundo de meu tempo,// como uma folha e outra,/ vou caindo,/vou caindo,// e de tanto cair, eu me levanto.” (p. 214). Detecta-se na obra uma busca da verdade e, ainda que sejam diálogos poéticos, pela forma, pode ser levada para o palco como uma peça de teatro poético ou lírico. Três títulos, Ela contém três obras: “Canga”, “O Poço do Calabouço” e “Árvore do Mundo” se unem para apresentar

a crueza da vida, do trabalho subordinado, da falta de liberdade e da injustiça política: “Como amar este regime/ de vivos e mortos,/ amar o saldo de ossos/ no poço do calabouço?”(p.92). A situação humana miserável é vivida desde o nascimento: “quando nasci/ fui posto/ no fundo do poço/ do calabouço”. (p. 91) O personagem Jesualdo Monte é um exemplo do “trabalhador geral / nas cangalhas do espanto,/ seu viver: peão de foz em foz,/ entre as pás de uma roleta,/ rio que não chega e se propôs’ (p. 27) “Jesualdo Monte, não és homem./ És um burro/ carregado de osso;/ as palavras, insetos, volteiam-te a garupa;/ até a carne é hostil/ sob a carcaça/ e o presságio dos seres/ te entenece” (p. 39) – “O que tenho/ desespero e lenho. (p. 49)

No livro antológico *A Idade da Noite. Poesia I* (2002), Nejar reúne sete livros. Uns são inéditos outros reedições, para pronunciar seu sentimento humanitário pelos povos, seja os da América ou não, pois a “Terra/ imensa concha/ à espera do pólen.” (p. 392), espera do amor: “Não quero queimar o teu corpo nas vagas,/ ó Geração da Terra! E a morte deslumbra/ e separa teu corpo do amor.// Não, não quero queimar o teu corpo/ na noite.// vou te conhecer/ em plenitude. não apenas as linhas/ do equador, os polos cardinais/ e a zona triste.// Eu vou te conhecer em plenitude,/ onde as vagas conclamam aos marujos/ o alto mar” (p. 414, estrofe 8-9). Dos títulos: “**MEUS ESTIMADOS VIVOS**”, “**A FEROCIDADE DAS COISAS**”, “**SOMOS POUCOS**”, “**CASA DOS ARREIOS**”, “**CANGA**”, “**DANAÇÕES**”, “**LIVRO DO TEMPO**”, “**LIVRO DE SILBION E “SÉLESIS**”, destaco os seguintes versos poéticos filosóficos, que se encontram reproduzindo uma vida centrada em si, sem olhar ao redor, na metáfora do Túnel, a morte passageira e o amor ao salvador da humanidade:

- **MEUS ESTIMADOS VIVOS, SE OS DIAS NÃO FOSSEM ABREVIADOS** - v. 168-188: “E quando/ se vive no Túnel,/ um olha/ para o outro/ e só vê/ o Túnel,/ um esquece/ ao outro/ porque vê/ o Túnel./ o imposto de renda./ os olhares lúbricos,/ os lucros e perdas:/ o Túnel do Túnel.// E por brotar/ a iniquidade,/ até os escolhidos/ se perderiam,/ se os dias do Túnel/ não fossem abreviados.” (p. 21). **TÚNEL MORTO**: v.

391-396, “A morte é um passarinho/ que foi posar sozinho/ na montanha distante./ A luz e eu planamos./ Mesmo que a dor se espante,/ o amor abre o caminho.” (p. 27)

- **A FEROCIDADE DAS COISAS, UM REVOLVER O FOGO** - (v.1-16: “Escrever a dor/ sem resolver o fogo,/ a envelhecida cinza.// o que pode o amor/ com os dons aprisionados?// Escrever/ a ferocidade das coisas.// Era preciso/ limo e pedra/ para te ver./ Escrever a dor./ Abandonar / minha guitarra/ o sol./ / Um homem não respira/ sem o mundo à soleira” (p. 35). **INDISTINTA CHAMA** – “As coisas empurram, atropelam,/ As quotidianas coisas/ nos fatigam.” (p. 39). **SOMOS POUÇOS**, XV- “Somos poucos, América/ e o mar nos fareja/ no teu sangue/ e gane, morde/ o pelo do horizonte.// América de ossos e cajado,/ América de som e de salsugem./ América de infância/ entre cacimbas/ Nossa mãe era América./ Com ela nomeávamos:/ o cão, a namorada,/ a funda de manhãs.// América de nuvens e camisas.” (p. 69-70). XVII, XVIII, XIX: “Nós, nas câmaras/ de um comércio de somas/ e capuzes// Os números a prumo,/ convenientes, respeitosos,/ de joelhos.// [...] A liberdade/ não se acha/ nas câmaras.// Confundimos os vultos/ quando andamos.//As almas e as siglas./ Compassadas. / Letras como lenha/ nas sarças.// Encomendam,/ nosso tempo futuro.// [...] Em surpresa/ e dor, humanos,/ tentamos subtrair/ alguns segundos/ da máquina/ que extrema/ em nos pungir./ A máquina/ de um banimento/ de alma.//[...] Não suportamos as ruas/ onde calamos a história/ e a história sempre se cala./[...](p. 72- 73).

A obra *A Idade da Aurora*. Poesia II (2002), como a obra anterior *A Idade da Noite*, é uma coletânea de obras, já publicadas: **ÁRVORE DO MUNDO**, **O CHAPÉU DAS ESTAÇÕES**, **UM PAÍS O CORAÇÃO**, **LIVRO DE GAZÉIS**, **MEMÓRIA DO PORÃO**, **AMAR**, **A MAIS ALTA CONSTELAÇÃO**, **SONETOS DO PAIOL**, **AO SUL DA AURORA**, **ELZA DOS PÁSSAROS** OU **A ORDEM DO PLANETAS**, **AQUÉM DA**

INFÂNCIA, VEL AM PA GOS, HAICAIS OU MÓBILES e A IDADE DA AURORA FUNDAÇÃO DO BRASIL (1990)- RAPSÓDIA. Sobre esta última, o autor explica no Colofão (p. 501) que é ”composta de três partes? *A Idade da Aurora, Futuro e João Serafim*. Elas se unem uma à outra de maneira independente. Foram escritas em Vitória e Guarapari, ES, durante todo o ano de 1988 até março de 1990.”

Como alguns livros dessa compilação já foram aqui mencionados, destaco para exemplificar LIVRO DE GAZÉIS, que reportam aos poemas de origem árabe, surgidos no século XV, forma lírica recriada pelo granadino Federico García Lorca, como “Gazel do Amor Desesperado” (*Gacela del amor desesperado*). A forma do Gazel é fixa, e seu conteúdo é amoroso ou místico, apresenta um retorno a um tema ou refrão, em 15 versos dísticos. Na primeira estrofe, rima o primeiro verso com o segundo, na segunda estrofe, o segundo verso rima com os da primeira estrofe. Mas, a partir da segunda estrofe, o segundo verso terá a rima da primeira estrofe, mas os primeiros versos não têm rima. Nejar, não obstante, não obedecerá à forma do gazel, atendendo apenas à temática amorosa. Exemplos de delicadas imagens podem ser vistos nos dois gazéis, a seguir:

#### GAZEL DA MULHER ELEITA

Minha nudez não te fere  
por ser nudez completada  
entre a brancura em lava,  
cai da montanha a neve.

Cai da montanha a lava  
e da nudez espantada  
vão-se nudezes esparsas,  
garças da mesma água.

Não é alvura que se espaça  
em outra, como em gaveta.

É uma nudez calada  
naquela que lhe navega

E ao silêncio tomba a onda  
e a ele retorna, seta,  
A amada é a noite toda  
com sua nudez eleita. (p. 215):

#### GAZEL PARA A SÍLABA SONHADA

Ao te dizer *amor*, dizia árvore  
e desenhava alguma palavra.  
O amor que crescia vegetal  
na tua alma era a sílaba sonhada.  
Ao te dizer *memória*, quis o amor  
que fosse planura desenhada.  
E morte não a disse porque, amada  
a árvore cumpriu-se no que sou.

Teu nome sobre a folha:  
era lenta gota de água.  
Mas a sombra quem a terminava? (p. 221)

Nejar é cabalístico nas imagens das poesias, mas é também na prosa, no teatro e no ensaio. Um exemplo do aspecto poético e filosófico em sua prosa é o romance *O Poço dos Milagres* (2005), que pode ser encaixado no gênero fantástico e é uma metáfora de nossa sociedade, na qual personagens diversos convivem: religioso, socialista, psicólogo, pescador, etc., num lugar em que Frei Libério caiu, quando caminhava, no Portal do Orvalho. Era um poço. Era do Bem e do Mal. Havia nele água e peixes. Depois de sair do poço o Frei, ele passou a ser o Poço dos Milagres para a população. Mas a linguagem metafórica e filosófica de Nejar nessa obra é exuberante. Seguem alguns fragmentos:

- “A noite ficou cega de nascença para as estrelas nos verem [...]” (p13)
- “[...] Imaginar não é enlouquecer, é ver melhor [...] Imaginar é ter todos os palmos para dentro, navegando. como um navio que já saiu do cais [...]”(p. 15)
- “[...] Talita dava elogios, gostava de ventar as curiosidades.” [...] (p. 21)
- “[...] E considerava a cultura humana um dicionário mágico, cuja única ordem está no tempo, em que as palavras não ficam mais sós. [...]” (p. 40)
- “[...] Só os sonhos tinham memória, não os homens.” (p. 88)
- “O tempo não possui abas, parece um sino. [...]” (p. 88)
- “[...] Ficar velho é sinal de que não se morreu. [...]”(p. 89)
- (“ – Música é fonte de enverdecimento” p. 145)
- “[...] Escrever é o lugar onde a palavra, às vezes, tem olhos estorninhos, outras, de corujas com penas brancas. [...]”(p. 147)
- “[...] O escritor não é um hipopótamo colhendo ervilhas, como pensava um velho romancista pontalense. É uma ervilha que nasce do lombo do hipopótamo, capaz de tornar-se ervilha. O que se supõe é o que não se espera. O poeta cria a verdade da pedra. E o governante é criado pela verdade. Os criadores ficam. As criaturas passam. Outras vezes é a criatura que permanece por ser pedra transfigurada{...}” (p. 331)
- “[A pedra] Desgastada ou não, está aqui, para confirmar que nada abala o tempo. nem o latejar das palavras que na essência se resguardam. porque tudo o que é eterno, a luz nos traz de volta. E o que é do homem, jamais deixará de ser conquistado. Porque é a palavra viva que não acusa o mundo. Nem se acaba. Será bela, se nós a descobrimos. Vai durar, enquanto durar esta pedra, enquanto esta pedra, esta palavra.” (p. 332)

Neste panorama poético que me proporcionaram essas obras de Carlos Nejar, é possível comprovar as ricas possibilidades interpretativas que a releitura de sua poesia facilita ao leitor, com o requinte de suas

figuras de linguagem. Observa-se uma partição no uso das palavras: fortes, como calabouço, poço, túnel, morte, rio, rochas e vento, para designar o destino do homem e palavras e expressões suaves, como pássaros, cotovia, maçãs, gorjeios, aurora, “Teu coração flutua”, “teu braço sonha”, para falar da amada. Seus poemas têm ritmo, seus versos curtos são rítmicos, sonoros são densos, mas a linguagem é clara, mesmo quando faz referência a mitos clássicos. O conhecimento sobre a humanidade, a natureza e o Amor estão entre os temas trabalhados por esse escritor que não cabem nestas pinceladas, frutos de uma volta sempre necessária, segundo Borges, Cortázar e Fuentes, ao texto, e, principalmente, a um texto com a qualidade do poeta Nejar.

## REFERÊNCIAS

NEJAR, L. C. V. *Amar, a mais alta constelação*; sonetos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

\_\_\_\_\_. *Elza dos Pássaros ou a Ordem dos Planetas*. Pontal de Santa Mônica (ES): Paiol da Aurora, 1993.

\_\_\_\_\_. *Sonetos do Paiol: ao Sul da Aurora*. Porto Alegre: L &PM, 1997.

\_\_\_\_\_. *VEL AM PA GOS* (Móviles), Vitória: IHGES, 1997.

\_\_\_\_\_. *Os Dias Pelos Dias*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

\_\_\_\_\_. *A Idade da Noite*. Poesia I. São Paulo: Ateliê Editorial; Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2002.

\_\_\_\_\_. *A Idade da Aurora*. Poesia II. São Paulo: Ateliê Editorial; Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2002.

\_\_\_\_\_. *O Poço dos Milagres*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

\* Luiz Carlos Verzoni Nejar (Porto Alegre 11/01/ 1939), “considerado um dos trinta e sete escritores-chave do século, entre trezentos autores memoráveis, compreendidos de 1890 a 1990”, segundo ensaio suíço Gustav Siebenmann, (Poesia y poéticas del Siglo XX, en la América Hispánica y el Brasil, (Madrid: Gredos, 1997, Biblioteca Romántica Hispanica).

## *Discurso de Recepção a Ester Abreu na Presidência da AEL.*

FRANCISCO AURELIO RIBEIRO

*Professor e Escritor. Pertence à cadeira 6 da AEL. Presidente de Honra da AEL.*

Pela segunda vez, dou posse a uma mulher como Presidente da Academia Espírito-santense de Letras. A primeira, em 2001, passava o cargo a Maria Helena Teixeira de Siqueira, a primeira mulher a chegar à Presidência de nossa casa de letras. Os tempos eram outros. Iniciávamos um novo século e estávamos todos imbuídos de um espírito esperançoso, acreditando num futuro mais promissor para o nosso país, para a cultura e as artes. Dona Maria Helena, juntamente com o Prof. Aylton Bermudes, eu e Ester trabalhamos muito para sanear financeiramente nossa Academia, para conseguir recursos para a manutenção de nossa casa, para nossas publicações e a nossa Revista. Desde 1998, conseguimos fazer nossa Revista, tendo conseguido publicar 24 v. nesses 21 anos. O mais recente está sendo lançado hoje. Sempre acreditamos que uma Casa de Letras deveria ter a publicação de seus acadêmicos divulgada e a sua história registrada. No entanto, até 1991, durante 70 anos, a Academia Espírito-santense de Letras não teve uma Revista própria, diferentemente do que ocorreu com o IHGES. Nossa administração priorizou o registro da memória escrita e talvez tenha sido aí o nosso maior mérito, se algum o tivemos, e a fonte de nosso maior desgaste. Não é fácil escrever, publicar e pôr em circulação nossos escritos, dependendo de patrocinadores para isso. Ester esteve durante todo esse tempo na diretoria, ora como tesoureira, ora como vice-presidente e tem sido a

parceira fiel, laboriosa e generosa que toda associação fraterna almeja. Ser acadêmico não é apenas tomar posse numa instituição, receber diplomas e medalhas ou servir-se dela para trampolim para algum cargo político ou administrativo na gestão pública. Ser acadêmico é participar das reuniões, colaborar com seus projetos, votar e ser votado, escrever e publicar, opinar e criticar, concordar e discordar, contribuir financeiramente ou com o trabalho voluntário, ou seja, estar junto, integralmente, em todos os momentos da instituição. A partir de 2007, passamos a firmar convênio com a PMV e, de 2010 a 2016, com o Instituto Sincades, o que viabilizou a publicação periódica de nossa Revista e a de dezenas de livros. Até 2019, publicamos 18 livros da coleção Roberto Almada, sobre escritores capixabas, 20 livros da Coleção José Costa, sobre memória capixaba, e 11 edições da série “Escritos de Vitória”. Muitas outras publicações foram feitas com o apoio da Lei Rubem Braga da PMV, como o livro de “Patronos & Acadêmicos”, o “Dicionário de Escritores do Espírito Santo”, de Thelma Maria Azevedo, a republicação de “Esmaltes e Camafeus”, o primeiro livro de uma escritora capixaba, Guilly Furtado Bandeira, “Festa na Sombra”, de Haydée Nicolussi, em parceria com o antigo Departamento Estadual de Cultura e “Imigração no ES”, de Gabriel Bittencourt, em parceria com a Fundação Jônice Tristão.

Ester, agora é a sua vez de nos conduzir à frente de nossa Casa Prof. Kozciusko Barbosa Leão. Sabemos todos de sua competência, de sua disposição e de sua luta pelas letras capixabas e a prova incontestável disso é o trabalho que desempenhou à frente da Academia Feminina Espírito-santense de Letras. Sem você e suas companheiras não teriam ocorrido as cinco edições da Feira Literária Capixaba. Conte com nosso apoio e a nossa mão amiga, para você nos conduzir ao centenário de nossa Casa e esteja certa de que jamais a abandonaremos em sua luta e em seus sonhos. Mais do que qualquer outro entre nós, você é a representação feminina de Dom Quixote, o sonhador, aquele que acredita que “a vida só é possível reinventada”, como nos disse Cecília Meireles. Que Deus a proteja em sua administração e a todos nos guie, seus companheiros e discípulos.

## *Professor Amâncio Pereira, um esquecido.*

Todo mundo sabe que a memória capixaba de seu passado, de sua história e de seus personagens históricos é uma vaga lembrança. Dentre essas figuras esquecidas, hoje, está a do professor Amâncio Pinto Pereira, nascido em Vitória, em 1862 e aqui falecido, em 1918. Diferente de seu filho, o também professor e advogado Heráclito Amâncio Pereira (1894-1957), um dos fundadores da Faculdade de Direito, núcleo formador da futura Universidade do Espírito Santo (1954), federalizada em 1961, que teve o centenário de seu nascimento lembrado e comemorado, passou batido entre nós o centenário de morte do Professor Amâncio Pereira, ocorrido em 2018. Felizmente, o Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo (NEPLES), do qual fui um dos fundadores junto ao PPGL da Ufes, aceitou a indicação do nome do Professor Amâncio Pereira para ser o homenageado no VIII Seminário sobre o autor capixaba, o “Bravos Companheiros e Fantasmas”, a ocorrer em setembro deste ano. Tomara isso incentive a nova geração de estudiosos da literatura produzida no Espírito Santo a conhecer um pouco da obra desse que foi o principal escritor de sua época, um polígrafo, que escreveu contos, romances, poemas, crônicas, artigos e, sobretudo, peças teatrais de diferentes espécies e modalidades, hoje quase inexistente nas bibliotecas e arquivos públicos de nosso estado.

De origem humilde, o Professor Amâncio era filho natural de Maria Teresa dos Remédios, foi criado por uma tia, Francisca Pinto Pereira, a Dona Chiquinha de Caçaroca, de quem herdou o sobrenome e de quem cuidou até a morte, em 1909, tendo recebido uma educação reservada à elite da época. Fez o Primário com o conceituado Professor Aristides Freire (1860-1922), e chegou a cursar o Ateneu Provincial, colégio secundário criado em 1873 para preparar a elite masculina para os cursos superiores. Em 1879, ainda estudante no Ateneu Provincial, foi um dos criadores do Grêmio Saldanha Marinha, de feição republicana, manifestando-se, desde moço, em favor da abolição da escravidão. O Professor Amâncio Pereira era descendente de negros, não se sabe se pela ascendência materna ou paterna. Por sinal, a maioria dos

habitantes do Espírito Santo, em meado do século XIX, era mestiça e era quase igual o número de pessoas pardas e o de brancas, cerca de 14 mil, declaradas no levantamento estatístico de 1856. No entanto, por falta de recursos financeiros, Amâncio Pereira não pôde fazer o curso de Ciências Jurídicas, reservado aos ricos, passando a atuar na imprensa e no magistério primário, tendo-se formado no Curso Normal, criado em 1871, e feito o curso do “Método João de Deus”, dado pelo Prof. Silva Jardim, de SP, em 1882, a convite do governador e escritor Inglês de Souza. De 1883 a 1888, foi professor em Anchieta, sem deixar o jornalismo, as letras, o teatro e a música. Dessa época, são suas primeiras obras, **Miscelâneas**, poemas, 1884 e **Deomar**, drama em 3 atos, escrito e encenado em 1888. Seu best-seller foi **Noções Abreviadas de Geografia e História do Espírito Santo**, 1ª ed. em 1894 e 5ª em 1914. Afonso Claudio, em 1912, o considera fundador da prosa de ficção no Espírito Santo e Oscar Gama, em 1987, diz que ele foi o criador do teatro infantil no Brasil, em 1915. Quando morreu, de colapso cardíaco, em 1918, era o maior escritor capixaba de sua época e estava preparando a segunda edição do “Almanak”, lançado naquele ano, e uma Revista teatral para ser encenada pelo Grêmio 03 de Maio, criado por ele e com o fim de arrecadar verbas para a construção da catedral.

Após a sua morte, foram feitas várias homenagens, na Assembleia Legislativa, no Ginásio Espírito-santense, no IHGES, do qual foi um dos fundadores, e o seu nome foi dado a uma rua, em Jucutuquara e a uma escola, em São Mateus. No entanto, sua obra ficou esquecida e nunca foi lembrado como escritor em nenhuma antologia feita no Espírito Santo. Somente sua obra teatral foi analisada por Oscar Gama, em 1987, em “Teatro Romântico Capixaba”, com a publicação de duas de suas comédias: “O Tio Mendes” e “Virou-se o feitiço”, de 1894. Para reparar essa lacuna, seguem o poema “O Escravo” e o trecho final do conto autobiográfico “Leonina”, ambos publicados em “O Baluarte”, Vitória, 1882, de sua primeira fase romântica.

## **O Escravo**

*A José do Patrocínio*

Cantai, mocidade, cantai sempre  
Do cerúleo horizonte o seu clarão,  
Detestando do mundo a entidade,  
Que comercia c'a pobre escravidão.

É tempo! e no trono sacrossanto,  
Tesouro maior da cristandade,  
Arrancando-lhe do escravo o vil ferrete  
Dai-lhe em troca o sublime: a "Liberdade"!

Espancai estas trevas enegrecidas  
Em que vê-se somente a tirania;  
Deixai que irmão nosso sem ventura,  
Veja ao menos com prazer a luz do dia.

Deixai qu'ele ao menos ore a Deus,  
Tendo no coração suma alegria;  
Qu'ele arranque de seu peito amargurado,  
O peso do dissabor – da agonia.

Arrancai de seus pulsos as algemas  
Que lhe impõe o dever do cativo.  
Que no belo fulgir de linda estrela  
Lhe acena a sorrir porvir fagueiro.

Que Cristo na sua lei divina  
Não criou essa vil profanação,  
Que ostenta o poder do ouro infame,  
No comércio da infeliz escravidão!

Tende em vós o laurel de tanta glória.  
Espargi no seu seio a "Liberdade".  
Arrancai-o do acre cativo,  
Dai-lhe: "Pátria, Poder", dai-lhe a "Equidade".  
(Vitória, 07/09/1882)

**Leonina** (Cenas Contemporâneas)  
A Ubaldo Pereira (Conclusão)

Chega o dia do casamento. Recebem-se em matrimônio às 4 horas da tarde. Muita festa, muita alegria e em tudo poesia.

Sucedem-se dias e o amor de Leonina para Antenor já não era um amor de esposa, era um amor de mãe.

Leonina tinha por ídolo o seu Antenor. Para eles a vida tinha apenas o fim de trabalharem para suas prosperidades e glórias.

Três meses depois de casado, fora Antenor demitido “a bem do serviço público” do lugar que ocupava, por motivo de política, quando ele ainda não se envolvia no seu “mare magno”.

Porém, Antenor recebeu esta resolução de braços abertos, não deixando por isso de ser ainda honrado e honesto, sabendo viver pela força de seu trabalho, sem ser nesse tempo decorrido pesado ao comércio; pois, sendo artista, glória esta de sua vida moral, apesar do artista nada valer no Brasil, recebe do público as palmas e da imprensa a exaltação, tendo em compensação não ser conduzido a caprichos políticos, gozando de direito, respeito e independência ao lado daquela que sendo esposa sabe ser mãe.

(Vitória, 11/11/1882).

## Os dois na foto

GETÚLIO MARCOS PEREIRA NEVES

*Magistrado e Escritor. Presidente do IHGES. Pertence à Cadeira 33, da AEL.*



Sem dúvida, o parque não é o mesmo. Desde a sua inauguração, em 1912, passou por reformas que lhe alteraram o feitio e o contorno, só não lhe alterando o perfil. Espécie de pulmão da cidade que já foi, guarda hoje um ar digno que lembra os tempos de recanto chique da capital. Mesmo entre grades de ferro, o preço que lhe foi cobrado pelo progresso da cidade à sua volta.

Na Vitória de então, todos se orgulhavam do seu parque, construído à coté de um boulevard que emprestava à cidade uns ares europeus

temperados no trópico. Algo como a reforma Pereira Passos instituiu na antiga capital do Vice-reino, do Império e da República, que ao perder o status de capital do País manteve, em compensação, o de Cidade Maravilhosa. Era o caso aqui.

Pela concepção e o traçado, o Parque Moscoso emprestava ares de maravilhosa à capital dos capixabas. Cujos filhos, com a desculpa de se fazerem de carinhosos, a tratam pelo diminutivo, como que a diminuir-lhe relevância a troco de mimosar-lhe ares. Não importa. O recanto, erguido à custa de muito labor sobre um manguezal localizado fora dos antigos limites da cidade, trouxe à capital inegáveis ares de modernidade.

E o tempo passou, e as famílias abastadas vieram, ocupando o espaço à volta com residências condignas e suntuosos clubes sociais, e depois se foram, para junto do mar, quando viver junto do mar passou a atrair as pessoas que podiam fazê-lo. E a região perdeu o seu glamour, embora não a importância urbanística, que essa nunca lhe faltou. Esvaziado de fidalguia o logradouro, a rapaziada ia vagabundar por ali e namorar as “graxeiras” - que aliás penso se tratar de termo exclusivamente local para ocupação comuníssima, já que nunca o ouvi fora daqui. Capixabices de fala, acho eu.

Estava olhando fotos antigas do parque. Cartões postais e fotos antigas de famílias, muitas que hoje nem se identificam mais. A mim sempre me surpreende isso do espalhar de pessoas por tempos e cidades, a perda da memória das famílias, o não reconhecer o tio tal que nesta foto armou aquela pose tal. A perda da memória familiar antecede à coletiva. Surpreendente e assustador, mesmo para um povo sem memória como vem sendo o nosso.

Pois estava eu olhando o tal maço de fotos, quando me deparo com uma, meio esmaecida pelo tempo e retratando dois jovens, dois amigos, pois encarapitados ambos um ao lado do outro num dos monumentos do Parque Moscoso. Uma pose sob o dossel sustentado por colunas de estilo grego, estilizadas e elegantes. Dois jovens aí de seus vinte, vinte e poucos anos, quase entrando na fase adulta da vida, que a quem olha se mostram sem muito esforço de imaginação como dois jovens capixabas da gema, orgulhosos da sua cidade, ciosos de seus recantos. Tanto que escolheram recanto significativo da cidade para posar, eternizando

numa chapa de lambe-lambe o instante que registraria, preto no branco, o tal flagrante da amizade entre ambos. Pena que o ofício de lambe-lambe também tenha ficado para trás, nisto seguindo a sorte do traçado original do lugar que se vê ao fundo da foto.

Que terá acontecido aos dois personagens? Terão continuado amigos vida afora? Terão abraçado profissões parecidas, quem sabe até a mesma? Será que chegaram a trabalhar juntos nalguma altura da vida? Terão frequentado o mesmo círculo social? As mesmas amizades? Talvez tenham frequentado as mesmas associações culturais, já que ambos aparentam pendores literários?

Fazia-se tarde. A biblioteca do velho Instituto Histórico e Geográfico, que dá vista para o parque, estava para fechar. Percebia-se, pelo desassossego da bibliotecária, que começava a arrumar os cabelos e a olhar-se a um espelhinho que retirou da bolsa, ajeitando as sobrancelhas finas com os dedos longos. Entendida a encenação, arrumei a pasta de fotos sobre a mesa e despedi-me. Não era noite, mas a tarde de fato não demoraria a findar.

Desci pensativo os lances de escadas do prédio. Coisas outras, não mais os assuntos da pesquisa que me levava ali. Fora, o sol vinha descendo. Do outro lado da rua, o parque conservava os portões abertos; inúmeros transeuntes iriam atravessá-lo de uma ponta à outra, cortando caminho rumo ao destino de cada um. Alheios aos seus atrativos. Atravessei a rua, cruzei o portão e entrei, mas não continuei em frente.

Apeteceu-me de repente caminhar por ali, rever os recantos, imaginar outras eras e outros vitorienses que por ali folgaram nesses tantos e tantos anos. Lembrei-me das tais colunas gregas, que providenciaram o pretexto para a foto que tanta impressão me causara. Resistiram ao tempo e continuavam serenamente, como artefato de talhe grego que se preze, a atrair a atenção dos visitantes. Agora mesmo: fixo o olhar, dois senhores ali estão, segurando-se às colunas como quem vai posar para foto. O que, aliás, logo constato que é verdade: um terceiro senhor, bem falante - com toda parafernália própria a um lambe-lambe!, dirige a atuação dos homens de aspecto respeitável, mas que pareciam se divertir à grande com a situação, como se de dois rapazolas de vinte, vinte e poucos anos se tratasse. Parei e passei a reparar neles: o mais magro dos dois

tomou posição à esquerda, enquanto o mais encorpado posicionava-se à direita do observador. O fotógrafo manobrava com um acenar de mão a colocação de ambos no enquadramento da lente. Até que, findados os preciosismos, acabou batendo a chapa, pelo clique que se fez audível. Outros transeuntes tinham se detido por um momento para presenciar, ainda que em assomo banal, o instantâneo de uma amizade que aparentava vir de anos a fio, carregada de passagens e de lembranças que os sorrisos abertos pareciam recordar.

Depois, caminharam os dois, palestrando animadamente, e me pareceu tomarem a direção do Instituto Histórico e Geográfico.

Prossegui meu caminho pensando nas coincidências que, às vezes, acontecem e em como o acaso, às vezes, nos apronta surpresas. Seria bastante interessante, seria até mesmo assunto para crônica, se os tais senhores da chapa há pouco batida se tratassem dos dois rapazes da outra foto, a de mais de 50 anos, tomada no mesmo local e hoje nos arquivos de vetusta biblioteca. Significaria por certo a celebração de uma amizade intacta apesar dos anos, o que é mesmo digno de registro preto no branco. Ao menos, pensei, o recanto escolhido era propício a emoldurar uma tal cena.

Mas qual; abanei a cabeça e continuei em frente.

Anoitecia já. Transposto todo o caminho que cruzava o parque, meu ônibus acabara de parar no ponto.

(Obs. Em outubro de 2001, os Acadêmicos Renato Pacheco e Rômulo Salles de Sá repetiram, ao lado das colunas gregas do Parque Moscoso, foto batida em julho de 1948, na mesma posição da original. O fato – e as fotos – estão registradas no Boletim Informativo n.º 25, de janeiro/março de 2002, do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo).

## *Pequeno ensaio sobre escrita e escritores*

*HUMBERTO DEL MAESTRO*

*Escritor. Bancário aposentado. Pertence à cadeira 20, da AEL*

Salomão (970-931-AC), filho de Davi e rei dos Hebreus, no seu livro ECLESIASTE (o pregador, orador, o que fala) ... “não há nada novo debaixo do Sol e ninguém pode dizer: eis aqui uma coisa nova, porque ela já existiu nos séculos que se passaram antes de nós” (Bíblia Católica), texto que nos trouxe este pensamento em latim: NIL NOVI SUB SOLE.

Em “Concepção de Arte”, do professor, escritor e crítico literário José Pereira Lins, introito ao meu livro **Magníficos**, assim ele se expressa: “Desde que não me envergonho de repetir os postulados da minha fé, também não me pejo de confirmar meus conceitos a respeito da arte (...) Tenho afirmado e continuarei a fazê-lo, até prova em contrário, que a arte é indiferente ao gosto e à opinião de cada espectador em particular. Nela, não entram em jogo as tendências de uma época e os palpites de terceiros. O artista é soberano. Déspota de si mesmo e carrasco. Não tem necessidade dos aplausos da multidão. Desdenha-os até. Ele há de ser fiel a si mesmo. Há de ser solitário. Usará do mesmo barro que outros usaram; da mesma pedra que outros trabalharam; do mesmo tronco que servira a muitos; cinzéis, palhetas e tintas comumente usadas. Porém, sua arte não. Mesmo porque ela deixará de ser sua e pertencerá à humanidade (...). Foi o que fez o ilustre poeta e escritor Humberto Del Maestro, ao produzir sua obra de arte. O assunto não foi novidade, mas ele foi o “único” a descrevê-lo como o fez. Dir-se-ia até que os venerados autores (Platão, Thomas Morus, Erasmo, Campanella... Eça de Queiroz), se vivos fossem, sentir-se-iam frustrados, pois, se julgas-

sem ter esgotado o assunto, chegou “o cisne espírito-santense”, que os ignorou por completo e deu nova força, roupagem, beleza, dinamismo e atualidade ao velho tema (...).”

Anos atrás, assisti a um filme, por sinal maçante, uma briga judicial em que um engenheiro eletricitista pugnava para si os direitos (patente) de uma invenção que julgava sua. Isso em um universo amplo, isto é, em automóveis, caminhões, ônibus, aviões, etc. Em suma: clamava para si, como sua, “aquela paradinha de três ou quatro segundos”, nos limpadores de para-brisas. A defesa alegava que tanto fazia o limpador funcionando “sem parar”, como parando ‘vez por outra’, que tudo seria a mesma coisa, a mesma invenção. E a briga estava intensa no Tribunal, quando o advogado do suplicante apanhou de sua mesa, dois livros diferentes. Um romance (qualquer) e um dicionário comum de palavras, como o temos em nossa língua, e fez uma comparação entre os dois. Perguntou ao (Meritíssimo) Juiz se no dicionário constariam todas as palavras usadas no livro do romancista? Ele afirmou que “possivelmente” sim, já que é essa a função de um dicionário. Ato contínuo, o requerente falou em um tom alto e cerimonioso, que se o dicionário abrangia todas as palavras ou vocábulos e mesmo expressões comuns da língua, aquele romance e todos os outros escritos à semelhança, seriam um grosseiro plágio. A celeuma foi grande, até chegar-se à conclusão, como falou muito bem o professor Lins, anteriormente, que o problema não está em quem utiliza a mesma palavra, o mesmo verbo, o mesmo assunto, corroborado por Salomão, de que nada de novo existe no mundo, porque há milhares de anos se faz isso, no uso das palavras, mas saber como utilizá-las na redação, de maneira diferente e com sentido também diverso.

É certo que haverá um momento em que algo de semelhante acontecerá. Um parágrafo, uma frase, etc., mas no todo, os livros são únicos. E foi nesse pequeno pormenor (detalhe ficaria melhor), em que todos os livros do mundo inteiro são escritos com as mesmas palavras, mas com o conteúdo diferente, inclusive o estilo, que é o mais importante em um livro do escritor, que o inventor ganhou a causa, quando amealhou bilhões.

Não costumo perder meu tempo precioso comparando textos autorais, que seria tedioso, enfadonho e sem proveito. O que procuro, em minhas criações, em prosa ou verso, é ser honesto, dar um recado que a memória (ou inteligência) concebeu, sem estar preocupado se alguém já o disse ou o dirá daqui a cem anos. Como eternizou Guevara, “há que ser duro, mas sem perder a ternura jamais”, eu replico: Há que se trabalhar, mas sem ficar temeroso do que se escreve, com receio de ferir o vizinho, porque se assim fosse, o escritor não sairia da primeira linha. Era o que desejava expor.

## VISLUMBRE

Entras, no aprisco ameno do teu ninho,  
À luz bruxuleante de alto círio...  
Brincas e cantas como um alvo lírio  
No campo a suspirar, leve e sozinho.

Despe-te. E um grito, um frêmito, um delírio  
Das rendas perfumadas e do linho  
Estruge. Nua estás. Jura e carinho  
Envolvem tua carne, suave empíreo.

Deitas... E o farfalhar do fresco leito  
São beijos ofertados por direito  
Dos lábios invisíveis dos lençóis.

Dormes! E todo o quarto, de repente,  
Entre sussurros, fica resplendente,  
Iluminado por milhões de sóis.

## *Discurso de Recepção a José Roberto Santos Neves*

*ITALO FRANCISCO CAMPOS*

*Psicanalista. Escritor. Pertence à cadeira 31, da AEL*

A Academia Espírito-santense de Letras, entidade fundada em 1921, uma senhora, portanto, de 93 anos, é a segunda instituição cultural mais antiga do Estado. Hoje, a Academia tem a honra de receber em seus quadros, eleito com grande maioria dos votos, José Roberto Santos Neves. Nascido em 05 de novembro de 1971 em Vitória, José Roberto é filho de João Luís dos Santos Neves e de Iedda Magaly Lacerda Santos Neves, ambos odontólogos. O novo acadêmico é casado com a psicóloga Daniella Espadeto e tem três irmãos: Guilherme e Mária, que, como ele, são formados em Comunicação Social; e João Paulo, que, além de psicanalista, é músico e o influenciou para o gosto musical. Sua vocação literária e artística tem linhagem. Como se sabe, o lastro intelectual que marca seu nome de família tem seu fulcro principalmente na vida política e cultural que se entrelaça à própria história do Espírito Santo.

José Roberto cursou o ensino fundamental no Colégio Marista Nossa Senhora da Penha, em Vila Velha, e foi ali, por entre árvores, jardins e quadras esportivas que desenvolveu seu gosto pelos livros e pela música. Considerado desde cedo um menino curioso, aos dez anos pediu para ir a um comício do político Gerson Camata, fazendo questão de cumprimentá-lo. Gostava de ouvir a rádio Espírito Santo e participava tanto de programas solicitando canções como de concursos com perguntas e respostas. Ainda pequeno, escrevia seu próprio jornal com

notícias sobre a família, sobre os cachorros e outros animais a partir de histórias contadas pelos irmãos e de exposições que fazia questão de visitar. Nesta época já adquirira o gosto pela leitura através de coleções como Vagalume e Para Gostar de Ler. Iniciou-se nas letras com autores como Maria José Dupré, Marcos Rey, Homero Homem, Orígenes Lessa e Lúcia Machado de Almeida, juntamente com os clássicos Machado de Assis e José de Alencar, além de Carlos Drummond de Andrade e Fernando Sabino. Considera o novo acadêmico que a leitura introduzida na sua primeira infância e o ambiente familiar sedimentaram seu caráter, seus valores e sua perspectiva de vida. Para ele, seu amor pelas artes, seu humanismo e o desejo de construir uma sociedade mais justa e feliz advêm daí.

Mas eu presumo que isso tenha vindo de antes, de muito antes. “*Você é o que do Guilherme Santos Neves?*”, esta era a invariável pergunta que lhe faziam os professores em todos os seus anos de escola, das primeiras séries à universidade. Perguntavam também: “*E do Luiz Guilherme Santos Neves?*” “*E do Reinaldo?*”. Essas perguntas o encabulavam.

A Família Santos Neves tem seus ascendentes próximos na Bahia, onde nasceram Graciano e Maria – tronco principal – e seus filhos José, João e Graciano. A presença da família aqui no Espírito Santo se deve principalmente a José, que, não sabemos bem porquê, esteve de passagem em São Mateus, cidadezinha pitoresca que, então, a ele lhe pareceu uma Bahia em ponto pequenino, com seu casario colonial incrustado na “cidade alta” e desalinhado na “cidade baixa”, ligadas ambas por ladeiras íngremes, calçadas de pedras grandes e pequenas, e ali decidiu permanecer. Tendo, pois, José se casado na Bahia com Ana Correia, fixaram-se logo depois em São Mateus. Desse casamento nasceram vários filhos e filhas, dentre eles João dos Santos Neves, que veio a se formar em Medicina na Bahia. É ele o pai de Guilherme Santos Neves, notável professor e folclorista, por sua vez pai de João Luís e avô de José Roberto. Fortemente ligada à política e à intelectualidade, como já se disse, a família Santos Neves tem forte presença na vida pública e literária capixaba. Bem sabemos quão férteis têm sido, ao longo de décadas, os campos semeados de conhecimento, erudição e persistente espírito investigativo deixados como legado por Guilherme Santos Neves a seus filhos. José

Roberto, seu neto, com sua produção, faz prosseguir essa linhagem.

Jornalista e pós-graduado em Gestão e Assessoria de Comunicação, nosso Acadêmico é um pesquisador de fôlego, tendo publicado três livros: “*Maysa*”, biografia de nossa célebre compositora e cantora, em que busca desde a origem e a chegada da família Monjardim ao Espírito Santo no sec. XIX, passando pelos principais acontecimentos musicais brasileiros do séc. XX, até revelações só encontradas em arquivos de família. O livro “*Maysa*”, que tem prefácio de Ricardo Cravo Albin, pesquisador da música popular brasileira, inicialmente publicado em 2005 pela coleção Grandes Nomes do Espírito Santo, coordenada pelo jornalista e editor Antônio de Pádua Gurgel, é reeditado pelo autor em 2008. José Roberto nos apresenta uma Maysa extremamente versátil em sua capacidade de interpretar os mais variados gêneros musicais como samba-canção, bossa nova, marcha-rancho, jazz, bolero, baladas e - surpreendam-se - até rock. Por seis meses o autor pesquisou e entrevistou jornalistas, músicos, socialites, familiares, obtendo informações detalhadas da história pessoal e mítica da musa “*dos olhos profundos como dois oceanos inquietos*”, nas palavras de Ricardo Albin.

Seu segundo livro, “*MPB de Conversa em Conversa*”, editado pela Lei Rubem Braga, contém 368 páginas de agradável e curiosa leitura, com cerca de quarenta entrevistas com ícones da MPB, dentre clássicos e contemporâneos. O terceiro livro chama-se “*Rockrise - A história de uma Geração que fez Barulho no Espírito Santo*”. Lançado em abril de 2012, é resultado de pesquisa e de um trabalho literário que durou três anos, por meio do qual retornou à prolífera década de 60, momento das grandes transformações culturais e políticas em todo o mundo: a era de Aquarius, os assassinatos de líderes como Martin Luther King e John Fitzgerald Kennedy, a revolução de Maio de 68 na Europa, a revolução cubana, a guerra do Vietnã. Todos os acontecimentos com essa carga revolucionária refletiam-se no rock no mundo e no Estado do Espírito Santo com os grupos Os Mamíferos, Os Infernais, The Bats e Les Enfants. Num texto fluido e instigante, José Roberto relaciona o movimento musical com as mudanças políticas, urbanas, culturais e socioeconômicas ocorridas na capital, da década de 60 à de 90, incluindo o famoso Festival de Guarapari, em 1971. São apresentadas entrevistas

com bandas e astros internacionais que estiveram no Rock in Rio 3, como Iron Maiden, Oasis, Britney Spears, dentre outros.

O Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo e Membro desta Academia, o confrade Getúlio Marcos Pereira Neves, diz assim: “Éramos, eu, guitarrista do Urublues, ele, baterista do The Rain, bandas integrantes da “Geração que Fez Barulho no Espírito Santo”, que ele esmiuçou de forma tão brilhante no seu Rockrise; mas já tive oportunidade de tocar com José Roberto, de dividir o palco com ele, por mais de uma vez, n’aquelas noites mágicas em que embalávamos amores e bebedeiras nos bares da ilha. É o baterista quem conduz o ritmo da banda; Zé Roberto, biógrafo de toda uma geração que sonhou e conseguiu realizar por aqui, continua atuante com o propósito de conduzir nossa arte, nossa cultura, enfim, ao lugar que ela merece.”

Foi o jornalista, editor, cronista e professor José Irmo Gonring quem recebeu nosso Acadêmico para estágio no jornal *A Gazeta* e o colocou no setor de pesquisa, sugerindo que ele lesse os cadernos de cultura dos grandes jornais: *O Globo*, *O Estado de São Paulo*, *A Folha de São Paulo*, o *Jornal do Brasil*. Essa leitura, segundo José Roberto, possibilitou-lhe o reconhecimento do “arquivo” do jornal e a formação de um repertório para o aprofundamento de uma base cultural, que o levou naturalmente ao *Caderno Dois* de *A Gazeta*. O trabalho de conclusão do curso de jornalismo teve por base a constatação de que havia um espaço e uma demanda para publicações jornalísticas destinadas ao público jovem. Assim, reforçado por pesquisa do próprio jornal, que confirmaria essa tese, é criada em agosto de 1995 a página *Fanzine*, que circulou durante quinze anos e influenciou outras mídias como a TV. *Fanzine* era o palco para as manifestações culturais e políticas dos jovens e o veículo de novas possibilidades para o áudio-visual, para as artes cênicas e o hip hop, para citar algumas. Esta experiência o levou a ocupar a posição de crítico de música do *Caderno Dois*. Nesta função, José Roberto pode reconhecer a importância de uma crítica criteriosa para a melhoria da qualidade da cena musical na comunidade, função esta considerada hoje ultrapassada haja vista as novas mídias e a proliferação de opiniões, palpites e análises rápidas e não aprofundadas, de fácil consumo e acesso rápido pela internet.

Por cinco anos José Roberto foi editor adjunto do Caderno Dois. Em seguida, por três anos e meio, foi editor titular, procurando neste suplemento descortinar a cena cultural para além dos limites geográficos da capital, criando oportunidades de acesso à informação e de produção cultural em cerca de trinta e seis (36) municípios capixabas, valorizando as diferentes manifestações artísticas no Estado.

Em 2010, depois desse tempo como editor do Caderno Dois, José Roberto foi convidado pelo diretor de redação Antonio Carlos Leite a um novo desafio: criar um suplemento exclusivo de ideias inspirado em experiências como a do *Ilustríssima*, da Folha de São Paulo, a do *Prosa & Verso* de *O Globo*, e a do *Sabático*, de *O Estado de São Paulo*. Nascia então o caderno *Pensar* em abril de 2011, inicialmente em edições mensais, depois semanais, aberto aos acadêmicos, aos produtores culturais, aos estudiosos, aos criadores de arte e cultura de todos os setores no Estado, informando e formando leitores, abrindo-se a perspectivas de ampliação de nossa visão de mundo. O *Pensar* tem sido o único veículo jornalístico impresso exclusivo da área da cultura que temos no Estado. O caderno é tão prestigiado que o poeta e contista Marcos Tavares, membro desta Academia, o coleciona, e tem, às vezes duplicados, todos os exemplares.

O novo Acadêmico, após quase vinte anos militando no jornalismo, aceitou, em janeiro de 2013, o convite para ocupar a pasta da Subsecretaria de Cultura do Município de Vila Velha, berço do Espírito Santo e capital histórica do Estado. Este desafio o animou para colocar em prática projetos de difusão cultural, partindo, como ele me disse, da visão de que “o artista deve ir aonde o povo está”. Neste um pouco mais de um ano de gestão temos visto a cidade animada nos bairros, nas ruas, nos shopping centers, nos teatros, com manifestações diversas de cultura e arte, levando convidados e participantes a saraus, oficinas, mesas-redondas, dança de rua, folclore. Sem preconceito, esse gestor, amante das artes, tem valorizado a diversidade cultural que até então estava adormecida.

Antonio Carlos Leite, codinome KK, diretor de A Gazeta por muitos anos e responsável por muitas de suas grandes mudanças, assim escreveu: “Talvez seja difícil destacar uma só qualidade de José Roberto quando se

fala de sua relação com a cultura, mais especificamente com a música. Por trás de seu jeito calmo, tranquilo, esconde-se um batalhador, alguém sempre pronto! Pronto para ajudar na organização de uma noite em homenagem ao rock, pronto para debater os rumos da produção cultural do Estado, pronto para assumir o risco de encarar uma função pública para tentar resgatar as artes e os artistas de uma cidade. Talvez essa força possa ser resumida na sua enorme paixão pela música!...

Nesta noite, 18 de agosto de 2014, recebemos com orgulho o novo Acadêmico, que certamente imprimirá, com jovialidade e conhecimento, novo ritmo a esta Academia. O amor à música e à literatura manifesto por nosso novo confrade tem paralelo em âmbito nacional: do modernista Mário de Andrade, que pesquisou a cultura musical brasileira viajando pelo país, ao “poetinha” diplomata Vinícius de Moraes, ao compositor Aldir Blanc, a Caetano, Gilberto Gil, Chico Buarque, José Miguel Wisnik, Francisco Bosco, Paulo César Pinheiro, Fernando Brant, dentre outros. Muitos são os intelectuais que têm se dedicado a prosseguir a tradição, desde a Grécia Antiga, de colocar lado a lado poesia e música, tornando-as inseparáveis. Música e literatura se entrelaçam, desde os mais remotos tempos. Diz-se que o *Cântico dos Cânticos* e alguns salmos foram feitos especialmente para serem cantados ou recitados em voz alta. Na Grécia Antiga e em Roma, poesia e música eram inseparáveis: a poesia era feita para ser cantada. O termo “lírico” advém do fato de que os poemas eram acompanhados por um instrumento de cordas chamado lira. A poesia, antes da Idade Moderna e da invenção da imprensa, era transmitida de ouvido a ouvido, com ritmo, e cantada para ser melhor memorizada; só mais tarde passa a ser lida, na maioria das vezes, silenciosamente. Ainda hoje veem-se preservadas manifestações culturais como os madrigais, as cantigas, as baladas, em que a ligação poesia e música é bastante forte.

Nietzsche, que colocou a música no centro de sua obra, considerava que ela deveria estar livre da submissão ao sentido, não devia tornar-se escrava da palavra. Ritmo, melodia, harmonia são elementos que configuram o caráter simbólico da música. Sabe-se que a voz da mãe ecoa sobre seu bebê muito antes de seu nascimento e isso o marca com algo anterior e ulterior às palavras. Apreende-se o som pelo valor de

som. A musicalidade da voz materna, além da de outros sons, predis põe este sujeito a advir ao mundo da linguagem e do simbólico. A musicalidade materna penetra no sujeito antes de qualquer outra coisa e passa a constituir um traço unário, conceito psicanalítico, de onde a palavra brotará. Esta musicalidade, então, se faz da voz do Outro, constituindo-se então uma alteridade que enviará o sujeito ao circuito da invocação. Esta experiência se realiza entre o sujeito e o Outro: chamar, ser chamado, chamar-se. Ao apelo invocante do sujeito nenhuma resposta de volta será ouvida, o que fará com que ele continue em movimento, tendo que se contentar com um gozo apenas parcial, criando novas respostas para endereçar a este vazio. De invocado pelo outro, na experiência a que Lacan denomina “só-depois”, o sujeito passa à condição de invocante, fazendo-se ouvir pelo Outro, por exemplo, através de sua criação musical. É esta experiência que produz troca, reversibilidade, que enlaça, que faz laço com o outro.

Assim, a produção individual, a criação singular que diz respeito à posição do sujeito frente ao Outro pode ser reconhecida. Essa criação singular é que produz efeitos em outros sujeitos, que reconhecem ali algo que também lhes causa desejo. Por isso, tanto intérpretes como ouvintes de uma música podem ser tocados por ela no ponto em que se transmite algo de inaudito de sua relação com o objeto voz. O terceiro elemento dessa equação, além da obra e do intérprete, é o ouvinte, que, tendo sido tocado pela música, reconhece que ali há uma resposta que fora endereçada por alguém ao Outro. Sensibilizado pelas ressonâncias que a música lhe causa, o ouvinte vai verificar que resposta esta obra oferece para sua questão de sujeito. Com isso, ele é também convocado a se posicionar como invocante, produzindo um chamado ao Outro pelo qual toma para si essa resposta. O psicanalista Didier-Weill nos diz que há, ao escutar uma música, uma transmutação, que inverte, a cada vez, as posições de ouvinte e ouvido. Diz ele: “Com efeito, quando eu me achava comprometido no ato de escutar a música, eis aqui que descubro, no instante em que ela soa, que ela me ouve”. Cézanne também diz isso a respeito da pintura. Assim, o sujeito descobre que, para além de escutar música, é ela que escuta nele um apelo ao qual ele, um dia, consentiu: um chamado a vir a ser.

Mas a Música não toca todas as pessoas da mesma maneira. Freud e Lacan, por exemplo, tinham predileção pela literatura; a literatura é que era referência para as suas ideias. Freud considerava que os artistas, em especial, os escritores, o antecederam em demonstrar a existência do inconsciente. Freud era um ávido leitor e utilizou-se da literatura e das artes para reforçar as suas hipóteses advindas da clínica. Destacam-se, como muitos o sabem, exemplos clássicos da dramaturgia e da literatura tais como *Édipo*, de Sófocles, *Hamlet*, de Shakespeare, *A Gradiva*, de Jansen, as criações de Leonardo, de Dostoiévsky e de Goethe, as *Memórias de Um doente dos Nervos*, do juiz Schreber, dentre outros.

Bem-vindo, confrade, a esta Academia, a este bastião do culto à palavra, à letra, a este lugar que pode parecer tão anacrônico nos dias de hoje como o consultório de um psicanalista, ao qual a pessoa vai para falar, para narrar e poder se escutar. O escritor, o poeta, o psicanalista trabalham, fundam seu trabalho a partir da falta, do reconhecimento da perda, do reconhecimento de sua divisão e incompletude. Com isso, parece que estamos na contramão do século XXI, das imposições da atualidade, quando o que se pretende é tamponar a falta através de gadgets, de lazeres, de inúmeros objetos. A felicidade nos dias de hoje parece ser compulsória, esperando-se que se a encontre à venda nos shoppings, nas farmácias, nos consultórios, nos livros de autoajuda, numa fórmula adquirida e inventada por outro. A experiência do viver está sendo cada vez mais banalizada e patologizada. Não interessam mais para as neurociências a história de vida do sujeito; nada valem suas angústias e o trilhamento de suas derrotas, de seus sucessos e superações; não interessam seu romance familiar e particular, com suas fantasias e tudo o mais que particulariza esse sujeito e que constitui a sua subjetividade. Fim da história, fim do grande romance preconizam alguns pensadores. Ficamos hoje empobrecidos do simbólico, ou, dizendo de um outro modo, do espírito. Restam-nos a toxicomania, a anorexia, a violência, o suicídio, a discriminação. Daí que temos como resultado o que Julia Kristeva denominou “as novas doenças da alma”.

Bem-vindo, novo confrade, entusiasta que guarda em si o espírito jovem, a inquietação criativa, o desejo de fazer laços... Partindo de nossa aldeia para o universal, José Roberto descobre novos signos e significan-

tes e contribui para o conhecimento dos traços que compõem a nossa identidade cultural. A arte deve ser nossa trincheira de resistência!

Para encerrar, cito nosso poeta maior Carlos Drummond de Andrade: “Acho que a literatura, tal como as artes plásticas e a música, é uma das grandes consolações da vida, é um dos modos de elevação do ser humano sobre a precariedade de sua condição.”

## BIBLIOGRAFIA

Dias, R.M. *Nietzsche e a música*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

Didier-Weil, A. *Nota Azul: Freud, Lacan e a Arte*. Rio de Janeiro: Contracapa livraria, 1997.

Freud, S. *Os instintos e suas vicissitudes*. Rio de Janeiro: Imago vol. XIV, 1996.

Gonçalves, L. A. *A voz na psicanálise: Um sopro de vida*. Rio de Janeiro: Entreletras, 2001.

Nietzsche, F. *Nietzsche contra Wagner*. Madri: Editorial Siruela, 2003.

Santiago, A. da S. *Música barroca e sua interlocução com a psicanálise*. Revista eletrônica: psicanálise e barroco.pro.br

## *Sete dias com meu pai*

Encontrei-o no portão. Ele o atravessou meio trôpego, demonstrando um resquício de agilidade já perdida. A árvore lhe serviu de apoio na calçada irregular. Já nos esperava na varanda. Assim que o carro encostou, ele providenciou a recepção, se dirigindo até o carro com votos de boas vindas e abraços comedidos nas mulheres.

Ele ensaia pegar uma das malas. Dispensou a ajuda e digo-lhe que eu e o outro visitante daríamos conta de carregá-las. Os seus noventa e dois anos não diminuíram sua generosidade, nem a sua disposição de carregar os pesos que não lhe pertencem. A árvore que lhe servira de apoio é objeto de meu comentário: foi essa mesma árvore, hoje frondosa e de sombra generosa, que, quando ainda tenra, por volta dos meus dezesseis anos, parou o jipe desenfreado que eu dirigia. Ela e eu nos machucamos.

Era madrugada e eu vinha de uma festa; ainda atordoado, comuniquei ao meu pai que havia batido o carro e ele, sem se levantar, com a porta do quarto fechada, me pergunta se eu havia me machucado. Respondo-lhe que não. Menti, minha boca era uma dor só. Até bem depois da adolescência carreguei, com alguma vergonha, um dente frontal quebrado.

Entramos. A casa pouco mudou depois da morte da minha mãe. Um grande quadro, logo acima de um oratório, me chama a atenção. É uma foto aérea da fazenda Santana, de propriedade do meu avô, onde papai nasceu. Faço comentários a respeito da mudança física da fazenda com as extensas lavouras de soja, quase nenhuma árvore, um tapete verde homogêneo e sem nenhuma animal. Lá longe, bem longe, ao fundo do quadro, avista-se o lago Serra da Mesa.

Diligente e cerimonioso, papai aponta os dois quartos previamente preparados para os hóspedes. Para mim e minha mulher é sempre destinado o principal quarto, o que era do casal. Ele já não dorme ali, prefere o que fica ao lado, menor e com cama de solteiro, completamente despojado. O quarto me lembra a cela de um franciscano. Acima da porta, num aparador, voltada para o corredor, está uma pequena imagem de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da família.

## 2

A casa, recheada de símbolos católicos e familiares, é tida como vazia pelo meu pai. Todo dia ele se queixa da falta da minha mãe, que morreu há oito anos. Companheiros de toda a vida, ambos tiveram apenas a si mesmos como namorados. Ela cuidava do domínio doméstico; ele, da vida pública, atuando como promotor, professor, prefeito.

Conseguiram um entrelaçamento quase perfeito, partilhando os dois territórios com bastante harmonia. Numa cidade muito pequena como esta, a separação entre o território público e o privado não fica tão nítida. Aqui também a dimensão do tempo difere do percebido nos centros urbanos, como difere em cada sujeito a noção de pertencimento e a vivência em comunidade e suas filiações simbólicas.

Fui acordado por Igor, meu sobrinho de três anos, que bradava ruidosamente uma espada imaginária. Na pequena mão, uma estranha vagem, espada vegetal que ele me oferecia como presente. Eu, ainda sonolento e sem entender bem sua linguagem infantil, me encantava com o brilho e o entusiasmo do seu rosto. Era uma fruta chamada ingá, mais rara hoje na nossa região. Tive que buscar nos escondidos da minha infância e da minha memória o bom fruto que crescia entre pequis e cajus.

No escritório, papai manipulava papéis, cola, tesoura, seus recortes de jornais, e outros instrumentos utilizados para um bom artesanato. Nós nos saudamos com comentários sobre a noite anterior, falando da cantoria e das músicas interpretadas pelo meu irmão e por meus primos. Papai gosta de música. A família paterna tem a fama, sempre reforçada, de apresentar tendências musicais. Tanto assim é que, mesmo sem grande harmonia e melodia, salvo algumas ocasiões, pelo ritmo, meus parentes se aventura, com certa desinibição, a participar de rodas de samba a coro de igreja. Eu mesmo sou um aventureiro em espaços menos angelicais.

Papai nos convida para o café. Ele já havia se servido, mas, por educação, nos acompanha à copa. Ali começo a provocação. Então, pai, o senhor já leu muito? Ele me responde como se eu perguntasse pela leitura do jornal. Ele mantém assinatura de jornais, hábito que vem de meu avô, que assinava e lia “O Jornal”, do Rio de Janeiro, então capital do país. Ele lia o jornal oito ou dez dias depois de editado, tempo que o correio levava para enviá-lo do Rio a Uruaçu, norte de Goiás, em tempos de estrada ainda não pavimentada. Meu avô, que nunca saíra de sua cidade, tinha notícias do que acontecia no mundo. Lembro-me da minha primeira viagem para fora do Estado; no retorno, ele conferia comigo as cidades, os acidentes geográficos, rios, montes e cascatas por onde eu passara. Nas longas visitas da minha família à fazenda de meu avô, todo sábado ou domingo, eu postava por ali, perto dos adultos, para escutar as conversas. Meu avô, em tempos idos, era um intelectual. Ou, referindo-me ao conceito central neste colóquio, meu avô foi um homem contemporâneo.

- Então, papai, o senhor já leu muito? Insisto e ele me responde com firmeza: - Você sabe que esta é a minha maior diversão.

3

O galo me acordou tecendo a manhã. Há três dias descobriu-se que as últimas três galinhas que o acompanhavam haviam desaparecido. Corriam duas hipóteses para o sumiço: papai debitava a um suposto gambá, mas ao mesmo tempo colocava nessa tese uma dúvida; achava o gambá um bicho preguiçoso e lento demais para roubar as mais de trinta galinhas que sumiram neste último ano. Sua hipótese se enfraquecia com a constatação de que as jabuticabeiras, onde as galináceas se empoleiravam, eram bastante altas. Sobre o sumiço os meus irmãos têm uma razão que parece mais realista, embora muito mais maliciosa: um morador do final da rua que, com uma escada, transpunha o muro e alcançava as duas ou três galinhas que eram surrupiadas por mês.

Um galo solteiro não pode permanecer com o bico calado; assim, na tentativa de encantar as colegas vizinhas, ele aumentou a frequência do seu canto. Ao lado do quintal onde fica o galinheiro, agora quase vazio, existe outro quintal, este mais frequentado, com visão direta da cozinha, da lavanderia e dispensa. Ali, sob um telhado de zinco, próximos a jabuticabeiras, goiabeiras e uma rede estendida, ficam algumas tralhas e dois armários com portas de vidros, onde se guardam o que chamamos de “livros do papai”. São mais de trezentos volumes, todos construídos de forma artesanal, com capa dura e tudo. Alguns desses livros são anotações, outros são recortes de jornais, revistas, agrupados por assuntos os mais variados.

O pai de meu pai era um homem muito simples; veio junto com outros parentes para criar o município e a cidade onde vivemos. Meu avô preferiu ficar na fazenda a quatro quilômetros do pequeno arraial que construíram e ao qual deram o nome de Santana. Vovô Afonso vinha diariamente à cidade montado a cavalo, o mais vistoso da fazenda. Cuidava com zelo das incansáveis lides rurais ao mesmo tempo em que se mantinha informado também através do rádio. No período conturbado da Guerra Fria, eu escutava, na pronúncia caipira, os nomes das lideranças belicosas internacionais: Kruchov, Eisenhouer, Winston Churchill, Stalin, De Gaulle, dentre outros. A casa do vovô era também local de encontro alternativo para as reuniões dos adeptos da Sociedade

Esotérica Comunhão do Pensamento. Seus membros faziam leituras e discussões a que chamavam de científicas, utilizando-se de sugestões e roteiros da revista “O Pensamento”, cuja primeira publicação se deu em 1909. Exemplares desses livros e revistas guardei comigo desde a adolescência. Mas ele não lia apenas os jornais e livros esotéricos; gostava principalmente de literatura e daí ele tira o nome do quarto de seus cinco filhos, ele o único homem.

José de Alencar, um dos maiores romancistas do Brasil, publica em 1865, “As Minas de Prata”. Lido esse romance no período em que minha avó Leonídia estava grávida, decide meu avô que o filho a nascer daí a alguns meses, em sendo homem, levaria o nome do protagonista da história: Cristovam de Ávila. Meu pai.

#### 4

O relógio da catedral soa delicado, abrindo a pureza da manhã. O paço episcopal e a catedral ficam bem em frente à casa do meu pai. Católico apostólico romano, sua casa não poderia estar melhor situada, ele que é frequentador diário da igreja. Fervoroso sem ser fanático, papai conhece bem a história e a tradição cristã. Alguns de seus “livros” artesanais tratam de matéria religiosa. Religioso, ele não faz a refeição sem agradecer, silenciosamente, o alimento a ser servido.

Hoje, a moça da limpeza da casa achou uma carta minha para os meus pais, datada de setembro de 1980, relatando a minha vida em Vitória. Morando distante de meus pais desde os 15 anos, costumávamos nos corresponder por carta. Ele tinha esse hábito, desde sua adolescência, quando foi estudar em Goiânia, aos 16 anos de idade.

Michel Foucault, em um pequeno ensaio datado de 1983, “A escrita de si”, considera a correspondência o puro adestramento pessoal pela escrita. A carta faz o escritor presente àquele a quem se dirige: “presente não apenas pelas informações que lhe dá acerca da sua vida, das suas atividades, sucessos, fracassos, ventura e desventura; presente de uma espécie de presença imediata, quase física...a carta é simultaneamente um olhar que se volve para o destinatário ... e uma maneira de o reme-  
tente se oferecer ao seu olhar pelo que de si mesmo lhe diz. De certa

forma, a carta proporciona um certo face-a-face.” Michel Foucault ainda nos diz que a carta, desde o princípio, na sua qualidade de exercício, trabalha no sentido da “subjettivação do discurso”, da sua assimilação e elaboração como “bem próprio”, ao mesmo tempo que constitui uma “objetivação da alma”. É uma abertura que se dá ao outro, produzindo efeitos em ambos.

As cartas que meu pai me dirigia eram longas: verdadeiras fábulas. Não só os fatos eram relatados na dureza dos acontecimentos; era-me transmitido um olhar, uma interpretação explícita e comprometida com esses fatos, relacionando-os com outros fenômenos no seio da família, da comunidade, da sociedade em geral. Política, responsabilidade social, compromisso com os estudos, compromisso com a sobrevivência, controle dos gastos e dos afetos, as saudades, tudo era costurado nas cartas de tal maneira que me instigavam, o que me fazia guardá-las mesmo muito tempo depois. Na maioria das vezes, não concordava com sua opinião; eu as respondia prontamente, me obrigando à reflexão e a um refinamento de ideias, gastando um bom tempo para o exercício da escrita. Um exercício de castração e dramática tentativa de superação/separação é o que exala da correspondência que enviei e que ele guarda, com o mesmo carinho com que preserva todas as coisas escritas.

## 5

É cedinho, um carro de som estridente passa várias vezes pela minha rua e me faz levantar. Papai já se encontra no escritório. Ele segue esta rotina desde que me lembro. Levanta, veste-se, vai ao escritório, lê o jornal do dia e sai dali na hora do almoço. Depois, senta-se na varanda e volta, após meia hora, para o mesmo escritório.

Por volta das 17 horas, chegam os filhos, genros e netos para o lanche da tarde, costume estimulado por mamãe e preservado por papai, que os recebe em volta da mesa grande. Acabado o café, todos vão para a varanda, onde conversam.

Regular em tudo, encontro-o fazendo anotações em um caderno grande de folhas pautadas; à sua frente um livro. Falamos sobre memória. Ele, historiador, pesquisador, publicou dois livros: um com uma

extensa história do município com informações políticas e administrativas, e outro, em que relata a saga da sua família, Fernandes de Carvalho. Este texto é entremeado de casos pitorescos e com alta carga de humor, retratando bem o clima de época. Tendo sido também professor, declara sua predileção por essa profissão que exerceu paralelamente à de Promotor de Justiça. Ocupou, nesse ínterim, um mandato de prefeito em eleição como candidato único.

## 6

Rita me acorda lembrando de que eu marquei hora no cartório para ultimar alguns documentos relativos à venda de um imóvel havido como herança de minha mãe. Salto da cama, por já estar atrasado, para me desfazer do único bem que restava em meu nome, nesta cidade. Um lote! Possuir imóveis é um valor muito especial para meus familiares. Desconhecem a ciranda financeira para aplicar aqui mesmo na cidade seus pequenos excedentes de ganhos, em casa, fazenda, gado: tudo concreto, visível, tradicional. Não cultivam luxos e somente há pouco tempo começaram a valorizar o conforto pessoal e a aplicar a energia neste sentido. O cartório é de meu tio. Trabalhei, se se pode chamar assim, neste cartório dos onze aos treze anos. Seus grandes e pesados livros têm o registro de minha caligrafia em conteúdos de escritura, procurações, registro de títulos e documentos. Minha assinatura há muito tempo é herança da identificação com este tio materno, repetindo dele o jeito de assinar:

Campos. Está aí na minha carteira de identidade.

Não carrego o sobrenome “de Ávila”, do meu pai, por não ser o nome de família, Fernandes de Carvalho. Os irmãos homens foram registrados com o nome da mãe: Campos; as mulheres com o nome do pai: “de Ávila”. Para ele e, certamente, para minha mãe, o nome “de Ávila” desapareceria com o casamento das filhas que adotariam o nome de seus maridos. No entanto, para mim, o nome literário ficou inscrito, a despeito da grafia do nome no cartório de registro civil.

Saindo do cartório do tio me deparo com uma paixão juvenil. Ela era interna no colégio das freiras onde eu estudava; me apaixonei aos

12 anos e, proibido o contato físico, restaram nossas “cartas de amor”, diárias e longas. A carta movida pela falta, a letra fazendo corpo e amor. Catarse era o efeito da leitura dessas cartas frente à proibição do contato, à censura da fala, ao desespero da ausência, à incompreensão do isolamento. E, se tudo isso me fosse dado, certamente sucumbiria, não saberia o que fazer, nem como fazer, tendo à mão o objeto amado.

Escrevi sempre. A escrita é o meu nome-do-pai. Meu desamparo transbordava nas cartas e depois em alguns textos para os jornais estudantis. O engajamento político aparece como uma saída idealizada para um mundo tão excludente, massacrante e distante. E foi por um texto que tive problemas com a polícia política, quando ainda a tortura aos opositores do regime militar era incipiente. Maior, muito maior, era a minha própria tortura diante da necessária escolha para seguir entre dois caminhos que supunha antagônicos: o indicado pela tradição familiar ou o apresentado e pouco visível da utopia política. Fiquei atordado alguns anos até ser encontrado pelos textos freudianos. O texto freudiano é meu outro nome-do-pai. Para Pierre Skriabine \* “... a função do Nome do Pai é de manter junto, para cada sujeito, um a um, Real, Simbólico e Imaginário, e de lhe permitir fazer consistir uma realidade sem existência, mas onde pode, no entanto, se desenvolver laço social no campo dos discursos”.

7

Hoje é Dia dos Pais. Meu pai me lembra. Sem necessidade, ele levanta mais cedo, sem uso de nenhum mecanismo de despertar que não seja a sua preocupação de que pudéssemos perder o ônibus que nos conduziria até Goiânia, distante daqui trezentos quilômetros e muitas paradas até chegarmos ao destino e tomarmos o voo que nos levaria de volta. Me encontro com ele: estamos ambos de pijama, seus cabelos brancos desgrenhados ainda, os meus se algodoando... Os seus olhos pequenos, de quem acabou de acordar, mantêm certo brilho. Vejo o quanto estamos parecidos e como estamos distantes. Ele me parece tão pequeno e tão frágil. A figura de meu pai vai se esmaecendo na varanda da sua casa, uma sombra continua e, em torno de mim, fica rondando

uma borboleta azul impertinente. Hei que prescindir de meu pai para servir-me bem dele.

PLENO-VAZIO  
QUANDO ESSA CADEIRA DE BALANÇO  
PARAR DE RANGER E O VELHO CHINELO FICAR VAZIO;  
QUANDO O LIVRO NÃO ESTIVER MAIS ALI E A CANETA  
SECAR SUA VEIA AZUL;

QUANDO PASSOS LEVES EU NÃO MAIS OUVIR, SABEREI  
QUE NÃO ESTÁ MAIS LÁ. RESTARÁ, PARA SEMPRE, AQUI CO-  
MIGO.

\*(In: Nó e o nome do pai - *Scilicet dos Nomes do Pai*, 2006),

## *A lei e os dramas humanos*

*JOÃO BAPTISTA HERKENHOFF*

*Juiz de Direito aposentado (ES) e escritor. Pertence à cadeira 8 da AEL*

Em outros tempos, o cidadão comum supunha que o território do Direito e da Justiça fosse cercado por um muro. Só os iniciados, os que tinham consentimento dos potentados, poderiam atravessar a muralha. O avanço da cidadania modificou substancialmente este panorama.

O mundo do Direito não é apenas o mundo dos advogados e outros profissionais da seara jurídica. Todas as pessoas, de alguma forma, acabam envolvidas nisto que poderíamos chamar de “universo jurídico”. Daí a legitimidade da participação do povo nessa esfera da vida social. Cidadãos ou profissionais, todos estamos dentro dessa nau.

De minha parte, foi como profissional que fiz a viagem. Comecei como advogado, integrei depois o Ministério Público. Após cumprir o rito de passagem, vim a ser Juiz de Direito porque a magistratura era mesmo o meu destino. Eu seria juiz no Espírito Santo, como juiz foi, não no Espírito Santo, meu avô pernambucano Pedro Carneiro Estellita Lins. Esse avô, estudioso e doce, exerceu tamanho fascínio sobre mim que determinou a escolha profissional que fiz.

Meu caminho, nas sendas do Direito, foi marcado de sofrimento em razão de conflitos íntimos. Sempre aprendi que o juiz está submetido à lei. E continuo seguro de que este princípio é verdadeiro.

Abolíssemos a lei como limitação do poder e estaria instaurado o regime do arbítrio. Não obstante a aceitação de que o “regime de legalidade” é uma conquista do Direito e da Cultura, esta premissa não deve conduzir à conclusão de que os juízes devam devotar à lei um culto idólatra.

Uma coisa é a lei abstrata e geral. Outra coisa é o caso concreto, dentro do qual se situa a condição humana. À face do caso concreto a difícil missão do juiz é trabalhar com a lei para que prevaleça a Justiça.

Não foram apenas os livros que me ensinaram esta lição, mas também a vida, a dramaticidade de muitas situações. Há uma hierarquia de valores a ser observada. Não é num passe de mágica que se faz a travessia da lei ao Direito. Muito pelo contrário, o caminho é difícil. Exige critério, sensibilidade e ampla cultura geral ao lado da cultura simplesmente jurídica. O jurista não lida com pedras de um xadrez, mas com pessoas, dramas e angústias humanas.

Não é através do manejo dos silogismos que se desvenda o Direito, tantas vezes escondido nas roupagens da lei. O olhar do verdadeiro jurista vai muito além dos silogismos. Da mesma forma que os cidadãos em geral não podem fechar os olhos para as coisas do Direito, o estudioso do Direito não pode limitar-se ao estreito limite das questões jurídicas.

O jurista que só conhece Direito acaba por ter do próprio Direito uma visão defeituosa e fragmentada. Estamos num mundo de intercâmbio, diálogo, debate. Se quisermos servir ao bem comum, contribuir com o nosso saber para o avanço da sociedade, impõe-se que abramos nosso espírito a uma curiosidade variada e universal.

P. S. – O artigo acima foi publicado hoje, 25 de abril de 2020, em *A Gazeta*, de Vitória.

## *Sonata ao luar*

MARIA DAS GRAÇAS SILVA NEVES

*Musicista e Escrita. Pertence à cadeira 23 da AEL e à AFEL*

A música de Beethoven segundo Victor Hugo  
“Um Deus cego que criava o sol”

Nesse momento, em que vivemos uma atmosfera de medo, onde todos somos confinados devido à pandemia que assola o mundo, o vírus COVID 19, estou em Saint Cloud- um “banlieue” bem próximo de Paris. A notícia do fechamento de tudo apanhou todos de surpresa! O Presidente da França, o senhor Macron, iniciou a sua fala na TV, diante de milhões de espectadores, afirmando:- Estamos em Guerra!

A cidade luz entrou em quarentena, com seus brilhos opacos, sem a vitalidade dos transeuntes, os milhares de turistas que a todo tempo, vislumbravam os lindos e imponentes monumentos. Tudo entristeceu!

Falar do vírus e discutir sobre ele, eu não me sinto capaz... O que ouço de mal, procuro não registrar, escuto tecnicamente o que se debatem, e concluo: Ninguém sabe a real causa e especialistas tentam, sem descobrir a cura. O vírus virou competição e conspiração; além de interpelações duvidosas e informações desastrosas. A mídia entra pela porta da frente provocando pânico, depressão e até suicídios no meio da sociedade. O colapso econômico? certamente fatal! a indústria parou, o comércio fechou, o turismo naufragou e a cultura morreu.

Eu fui podada de frequentar a “Philharmonie”, hábito cultural que tinha prazer, uma ou duas vezes por semana, oportunidade de assis-

tir importantes orquestras e grandes intérpretes. Infelizmente, eu já me preparava na semana do confinamento, para assistir à incrível pianista chinesa Yuja Wang, quando, surpreendentemente, todos os concertos foram cancelados. E, nesse tempo obscuro, contento em ouvir pelas rádios e TVs, as músicas que profundamente me tocam; mas que não sinto a mesma emoção...numa sala de concertos, quando aplaudo, reintegro aos aplausos pela devoção e amor à música!

O tempo é de espera! e, eu tenho muito refletido, e, me deixado ser levada pelo sentimento – “do tudo irá passar” -!. Muitas vezes me recolhido nas minhas preces e tento preencher o meu tempo, marcando essa espera com algo que seja inusitado.

Vejo no meu interior, uma vontade enorme de voltar a tocar piano, sem hora de começar e sem tempo de parar. Sinto que o tempo é agora, esse ou aquele tempo que posso fazer sem compromisso, diante do longo período de hospedagem na França. O que me impede é a coragem, pois pela vontade, ela me bate forte e de forma instigante!

Anos e anos se passaram e, tive o piano, sempre como um amigo, ele fez parte de minha vida desde criança, quando iniciei os estudos, aos sete anos de idade.

Eu já tive em várias ocasiões, tentativas e recaídas... um olhar, um aproximar do teclado, mas furtivamente outras prioridades, me levaram ao seu afastamento. Hoje, em estado de ansiedade, me transporto a um tempo único em minha vida, estudante da Escola de Música da UFRJ, onde estudava em média cinco horas por dia. Eu tive a missão de me formar e retornar com meus diplomas para Vitória, e, exercer uma das mais árduas e significativas profissões; a de ser professora de uma das mais belas e única linguagem universal – a música. E, foi na ilha do mel, cidade do pequeno Estado do Espírito Santo, ornado de mares e montanhas, que me restaurei à vida familiar e constituí o meu polo profissional.

Volto ao tempo presente! Apanho a partitura que veio na minha mala, por acaso, e coloco na estante do piano... É chegada a hora, eu me sento e começo a dedilhar a linda e tocante *Sonata ao Luar* de Beethoven. Que ousadia, após quarenta anos! penso e me desafio! Por que não? Começo a estudar compasso por compasso, respirando em cada frase e aos poucos em cada período, como uma principiante.

É preciso ter coragem para recomeçar! Decido primeiramente me conciliar com o autor, e rever a apreciação da sonata em seus aspectos.

Escrever sobre Beethoven e sua obra, seria aqui me alongar muito, a grandiosidade de tudo que ele compôs demandaria várias laudas, porém, me proponho a relatar dados e fatos nesse contexto, que presumo importantes.

*Ludwig van Beethoven*, nasceu em Bonn, na Alemanha, em 17 de dezembro de 1770 e morreu em Viena, no dia 26 de março de 1827

Todos nós, sabemos que Beethoven ficou surdo muito cedo, e foi já morando em Viena, que descobriu a sua surdez, tendo enormemente prejudicado a sua carreira de pianista, e, a sua relação pessoal com os amigos, no entanto, não o impediu de compor e nem serviu de obstáculo para o plano da criação de suas mais relevantes obras. Um ser genial, que acreditava no seu talento; e, quando criticado, logo retrucava: - “Não escrevo para vocês, escrevo para o futuro.” E de fato, o futuro lhe abriu as portas, como para poucos, ele foi considerado o mais popular dos compositores eruditos. A sua música foi um elo de ligação com um público, que até então não era adepto a ouvir música clássica; isso deve-se à sua perseverança, por uma conquista enfatizada pelo clima e sabor de seus efeitos sonoros. Beethoven, tinha ganância de aprender e se tornar “o poeta dos sons de seu país!” essa necessidade o motivou a um curso de literatura, que então, promoveu o seu primeiro contato com ideais da Revolução Francesa. Ele se lançou vorazmente na leitura dos Grandes, que faziam parte do movimento literário e do iluminismo romântico como Homero, Shakespeare, Goethe e Schiller, líderes que tiveram grande influência em todos os setores culturais da Alemanha.

O resumo de sua obra é a liberdade, observou o crítico alemão Paul Bekker “a liberdade política, a liberdade artística do indivíduo, a liberdade de escolha, de credo e a liberdade individual em todos os aspectos da vida”.

Na minha apreciação, Beethoven foi o maior compositor do século XIX, um verdadeiro gênio que mesmo tendo ele escrito músicas de estilos leves e sutis que reportam a transição entre o classicismo e o romantismo; foi ele, o mestre que marcou verdadeiramente o gênero “Romântico” compondo exaustivamente, e utilizando diferenciados recursos, com liberdade musical, lirismo dramático e fontes com fun-

ções harmônicas extremamente ricas. O interesse por sua obra, mudou o ambiente musical de Viena, segundo o historiador Paul Johnson, que imprime em um dos editais da época: - “existia uma nova fé, Beethoven era o seu profeta! A sua citação enfatiza que houve com ele um avivamento cultural na cidade.

A vida do compositor, foi sempre de muito transtorno, levando-o a isolar-se e a ter grandes depressões; teve inúmeras vezes perturbações espirituais, e foi na culminância desses episódios, que escreveu a *Sinfonia nº 9 em Ré Menor*, Op.125; obra que para muitos, foi considerada a sua obra-prima. O texto é uma adaptação do poema de Friedrich Schiller, “Ode à Alegria”, feita pelo próprio, que adaptou para Coral, pela primeira vez em uma Sinfonia.

Alegria bebem todos os seres  
No seio da Natureza:  
Todos os bons, todos os maus,  
[...]  
Um amigo leal até à morte;  
Deu força para a vida aos mais humildes  
E ao querubim que se ergue diante de Deus!

Beethoven foi muito reconhecido pelo público, e, como prova disso temos registros do seu funeral, assistido por mais de vinte mil pessoas em Viena, enquanto Mozart, outro grande músico do classicismo, foi enterrado numa vala comum, sem a presença dos amigos e admiradores.

Como sou apaixonada por Beethoven, posso afirmar que ficaria horas e horas, ouvindo as suas belas e emocionantes músicas; pois tudo que ele deixou escrito para a posteridade é sublime! Sinfonias, Sonatas, Concertos, Quartetos e inúmeras obras para grupos de Câmaras.

## A Sonata “Quase uma Fantasia”



Capa da primeira edição da obra em 1802

Foi escrita para piano, “*quase uma fantasia*” de número 14, dentre as trinta e duas sonatas compostas por Beethoven. Cada uma tem o seu opus e número, que marca as referências, as várias tendências e épocas. Eu me refiro à sonata op. 27 n.º 2. muito tocada na época de Beethoven, e continua sendo uma das preferidas dos pianistas. Foi Composta em 1801, dedicada à Condessa Giulietta Guicciardi, uma jovem pianista, sua aluna, por quem Beethoven enamorou-se, mas a família não consentiu a relação dos dois, ela de família nobre e, ele não; logo, podemos imaginar a sua frustração. A Sonata já serviu de tema para inúmeros filmes e romances, recebeu o apelido em 1832, como *Sonata ao Luar*, cinco anos depois de sua morte, pelo crítico Rellstab, que comparou a música a um luar no lago de Lucerna, na Suíça, onde costumava visitar e a partir dessa data, tornou-se conhecida como *Sonata ao Luar*!

Com referência à forma da sonata, considera-se a mais esquematizada e ampla como composição. Formada em três ou quatro partes, contém *exposição*, *desenvolvimento*, *reexposição* e, em algumas, *a coda*. Essa forma de composição constitui o núcleo da música do período clássico, porém com maior significado no período Romântico, sendo marca primordial nas 32 sonatas de Beethoven. A maioria dos compositores usou a forma, na sonata propriamente dita, nos concertos, nas sinfonias, nos quartetos de cordas, nos divertimentos e, também nas aberturas de óperas desse período. No estudo da Morfologia, nós músicos, somos

obrigados a conhecer e analisar a forma-sonata, na sua integralidade e profundidade para melhor a compreender e a executar, com discernimento todos os fraseados e os encadeamentos harmônicos utilizados pelo compositor.

Ver, ouvir e tocar a *Sonata ao Luar*, eu já perdi a conta de tantos quantos pianistas me fizeram sonhar através de suas mais belas execuções.

Posso citar vários, mas elejo aqui três que muito me tocaram ao ouvir a mesma sonata: Eugen Kissen, Daniel Bareboim e Nelson Freire, todos presencialmente na Philharmonie de Paris. O que me concerne, nessa minha loucura desses dias de isolamento, é tentar recriar com prazer e revitalizar com técnica os meus toques, sem a força da pressão da era estudantil, na qual executava um programa inteiro diante de uma banca examinadora de seis mestres, em dias de exames.

O lirismo dessa Sonata e, ao mesmo tempo, os toques enérgicos e acelerados que me impõem ao reestudá-la me transportam ao sentimento da paixão, vivido por lembranças ativadas pela minha memória. A dinâmica do estudo, que faço neste momento, a cada dia, se manifesta aos poucos de forma compreensiva e tolerante, a certeza de que o amor pela sonata, me trará muito prazer em revitalizar a minha performance. Temos inúmeros registros sobre a Sonata, mas o de William Shakespeare me cativou e sinto como uma verdadeira compreensão e empatia entre os dois seres.

[...]

“Como o luar dorme suavemente neste banco! Vamos sentar-nos nele e deixar que os sons da música invisível deslizem aos nossos ouvidos! A calma, o silêncio e a noite servem aos acentos da harmonia suave. Vem sentar-te ao meu lado...

Vê o teto do céu sobre as nossas cabeças de mil e mil de ouro incrustado.

Como brilham!

[...]

Finalizando o meu texto, deixo aqui, um poema singelo criado numa noite de luar, na minha fazenda, entre os municípios de Alfredo Chaves e Marechal Floriano.

## **Ecos e sombras do luar**

O luar entre vagas nuvens,  
cintila nas copas das árvores  
do Viveiro do Silêncio.  
Sombras e ecos refletem no velho casarão.  
Ressoa uma melodia melancólica...  
O sopro dos ventos ruidosamente  
forma redemoinho no alto do morro.  
A noite tomba docemente...  
As nascentes deslizam nos córregos,  
como fios de prata, em seus “*chuás*”!  
Os “cri-cris” dos sapos ressoam na lagoa  
e os pirilampos iluminam o gramado.  
Nos entremeios das nuvens,  
o brilho das estrelas a rodeiam  
surge imenso clarão;  
Eis que surge bela e majestosa – a lua  
aos sons da Sonata ao Luar de Beethoven.



## O grande desafio *Cotaxé, de Adilson Vilaça*

JOÃO GUALBERTO MOREIRA VASCONCELLOS

*Professor e Escritor. Pertence à cadeira 29 da AEL.*

Tenho, nos últimos tempos, sido insistente na tese de que os capixabas se valorizam pouco. Conhecem pouco sua história. Orgulham-se pouco do passado, das glórias e das conquistas coletivas. Em especial desconhecem as lutas dos escravizados, dos desprovidos pela sorte. Pouco sabemos de nós mesmos, de nossas trajetórias e quase nada sabemos dos nossos irmãos massacrados pelas mãos dos colonizadores. Nada sabemos da história dos vencidos.

Boa parte dessa ausência se dá pela pouca importância que também damos aos autores capixabas, aos nossos escritores. Eles são muitos – no passado e no presente – e são fundamentais na construção de nosso pertencimento. Temos tido a produção de ótimos romances, de grande densidade. Eles nos ajudam a melhor entender a alma capixaba. Nos ajudam também a caminhar pelos caminhos de nossa identidade, e a entender melhor nossa regionalidade.

Mas, poucos romances têm a força de *Cotaxé: romance do efêmero Estado de União de Jeovah*. Nele, o autor – o produtivo mestre Adilson Vilaça - mostra todo o horror implantado pelas forças da ordem na área do que era chamado de Contestado. O texto de Adilson é de uma força terrível e descreve com um estilo próprio e insuperável todos os acon-

tecimentos. É obra de arte. Adilson capta com força, estilo e perfeição a trajetória de Udelino Alves de Matos, um modesto professor em uma grande propriedade da região que, depois de um grande fracasso amoroso, soltou-se no mundo para criar o Estado União de Jeovah. Muito religioso, leitor fervoroso da Bíblia, exercia forte liderança nesse plano entre os humildes moradores da região.

No ano de 1952, inicia Udelino sua cruzada. A região, devido à insegurança de não saber a qual estado de fato pertencia, era alvo de muitos aventureiros, de muitas pessoas perseguidas, mas, também era muito atrativo para os miseráveis lavradores da região. Diante da mata sem uso agrícola, eles instalavam-se. Esse misto de posseiros e aventureiros era a base e a força de Udelino. Escolhe Cotaxé – hoje distrito de Ecoporanga – na época epicentro econômico da região, como a sede de seu governo. Nomeia o primeiro escalão em julho daquele ano. Escolhe bandeira e hino. Começa a organizar a partilha das terras.

Prometia Udelino sua regularização e distribuição, mesmo para os proprietários que tinham títulos. Ele daria aos solteiros quatro alqueires e aos casados dez alqueires. Mas, aos fazendeiros já instalados o novo governo permitiria setenta alqueires. Sendo que quem tivesse naquele momento mais, poderia registrar nome da família, dos filhos, dos genros. Na condição de delegado de terras do chefe da nação, ele tudo registraria num livro. Quem não aderisse a partilha, teria os bens confiscados. Para quem aderisse bastava assinar o livro e pagar os impostos ao Estado de União de Jeovah. Havia muita terra a distribuir e regularizar. Mais de 10.000 quilômetros quadrados.

No mês de julho de 1952, o governador Udelino partiu para o Rio de Janeiro, então a capital da república. Faria um encontro com o presidente Getúlio Vargas, levando uma petição assinada por 866 posseiros, que dava legitimidade ao pleito por terras. O encontro de fato não ocorreu, mas ele foi recebido pelo Ministro da Agricultura e voltou dizendo-se portador de um documento que o nomeou delegado de terras do chefe da nação. Mas, pouco durou a paz no Estado de União de Jeovah. No início do ano seguinte, 1953, as forças capixabas deslocaram-se para o Contestado, dispostos e exterminar com aquela experiência. Conseguiram, mas, depois de meses de lutas cruentas. Já no ano de 1954, tudo

estava destruído. Nesse intervalo de tempo, as escaramuças foram cruéis. Maldades de ambos os lados. Os soldados matavam, espancavam, estupravam, humilhavam. O lugar tenente de Udelino, que comandava a tropa que chegou a ter 600 homens armados, João Come-Vivo, no romance, matou de forma impiedosa e violenta todos os que considerava traidores. Arrancava-lhes a língua, quando estavam ainda vivos, quebrou joelhos com marreta, furou olhos com seu punhal.

Saindo do plano literário para a análise sociológica, o que vemos é que naquele espaço sem lei, a violência tudo regulava. Era o mandonismo total. A leitura de *Cotaxé*, além das delícias de um grande livro, nos ensina muito do Espírito Santo, sobretudo das raízes da violência urbana que nos atormenta até hoje. Somos, desde sempre, marcados por ela. E, certamente, não apenas em Ecoporanga.



Foto da criação do município de Ecoporanga. C.1956. Acervo particular.

## *Tuberculose – Musa branca*

*JORGE ELIAS NETO*

*Médico e escritor. Pertence à cadeira 2 da AEL.*

Fanarás poeticamente ...

Todas as tuas tosses serão líricas,

Todas as tuas hemoptises serão românticas...

Jamil Almansur Haddad

A fim de imaginarmos, de forma aproximadamente precisa, determinada pessoa, temos antes de mais nada de estudar a sua época, fase em que podemos até mesmo ignorá-la, para depois, a ela retornando, encontrar o maior agrado na sua contemplação.

Carta de Goethe a Karl

Friedrich Zelter (1758-1832).

“Não há exagero na afirmação de que ‘a história da tuberculose é a história da civilização.’” Com essa citação de John B. Haweso, o escritor capixaba Tulo Hostílio Montenegro (1916-96) começa o livro **Tuberculose e literatura** – Notas de pesquisa, publicado em 1949 (2ª ed. ampliada, 1971). Aos mais jovens, pode ocasionar certo estranhamento que durante bastante tempo, não só em nosso país como em todo o Mundo, a tuberculose tenha sido a doença mais fatal que, por circunstâncias que discutiremos, tomando como pilar central a obra de Tulo Hostílio, tenha inspirado a produção de poetas e escritores. Apenas como exemplo,

listamos alguns dos principais autores da literatura universal que foram acometidas por essa doença: Milton, Pope, Walt Whitman, Goethe, Descartes, Locke, Kant, Spinoza, Jane Austen, Balzac, Rousseau, Emerson, Novalis, Tchekov, Gorki, Dostoievsky, Schiller, Shelley, Cícero, Poe, Leopardi, Becquer, Musset e Camus.

Nascido em Vitória, Tulo Hostílio foi estatístico, primeiro no IBGE, depois na Organização dos Estados Americanos, em Washington, onde se radicou com a família. Foi membro de várias instituições científicas americanas (como a American Academy of Political and Social Science) e mereceu obituário no jornal Washington Post.<sup>1</sup> Seu livro dedicado à Dama Branca (a tuberculose) foi acolhido com entusiasmo pela crítica brasileira. Dela disse Sérgio Milliet em *O Estado de São Paulo*: “Nossa literatura crítica carece de obras do gênero da que escreveu Montenegro. Elas ajudam a compreender melhor a criação artística.” E Érico Veríssimo, em carta ao autor: “Li com grande prazer o seu livro. [...]. Muito obrigado em nome dos tuberculosos dos meus romances!” A reedição de 1971 inclui dez páginas de “Apreciações críticas”.

À parte o esmero técnico e o significado literário e artístico da obra, Tulo parte de uma assombrosa revisão bibliográfica (522 referências) e da coleta de um número impressionante de artistas, 713 deles portadores de tuberculose. Mas o que chama a atenção é o conteúdo humano que aflora de suas páginas. A dedicatória do livro – “À memória de minha mãe, meu pai e Nilo –, também tuberculosos”, Carlos Burlamaqui considera “a mais honesta, franciscana e bela dedicatória de que a literatura brasileira pode orgulhar-se”.

O livro está dividido em três partes: a trajetória da tuberculose desde a pré-história; a “Tuberculose na primeira pessoa do singular”, examinando poetas (por escolas literárias) e prosadores; e a “Tuberculose transferida”, abordando “a representação literária e artística da enfermidade”, ou seja, os personagens típicos na poesia e na prosa de ficção.

“Todas as doenças têm história”, disse Jacques Le Goff. A tuberculose acompanha a raça humana desde a pré-história e dela se acharam vestígios em múmias egípcias 5.000 anos a.C. Assírios e persas já se referiam a ela. Quanto aos hebreus, as opiniões se dividem. Alguns acham que a doença era desconhecida na Judeia e outros alegam que

os hebreus a adquiriram dos egípcios, tendo-lhes o contato prolongado garantido imunidade superior à de qualquer outro povo. Neste caso, teriam significado especial várias passagens do Antigo Testamento, entre as quais as do Deuteronômio e do Levítico: “Porei sobre vós o terror, a tísica e a febre, que consomem os olhos e esgotam a vida.”

Hipócrates acreditava, erroneamente, em seu caráter hereditário: “um tísico nasce de outro tísico”. Já Areteu da Capadócia dá um passo à frente, descrevendo acuradamente a enfermidade sob o aspecto clínico.

Na Idade Média, “os séculos das trevas”, nada se acrescentou de substancial ao conhecimento da enfermidade. Entra-se em “um deserto de quinze séculos, durante os quais não se avança um passo no estudo da tuberculose. [...] A opinião volta a contentar-se com a primitiva explicação do castigo divino e as preces que devemos levantar ao céu para libertar-nos da enfermidade contraída. [...] É como se a Medicina tivesse retrocedido, no rumo dos espíritos malignos e dos encantamentos”.

Chega-se então ao Renascimento, e a investigação não mais se interrompe. Morton (que morreu de tuberculose) em seu tratado sobre Phtisiologia, cunha a expressão “tuberculose pulmonar”; Laennec, também vitimado pela tuberculose, descobre a auscultação pulmonar; Villemin demonstra tratar-se de doença contagiosa; Pasteur desenvolve a doutrina bacteriana; e Robert Koch isola o bacilo transmissor da doença.

No século XIX, a tuberculose se firmou como grave problema social, ocasionando a morte de 1,5 milhão de pessoas por ano, além de deixar em inúmeros sobreviventes um rastro de sequelas físicas, psicológicas e sociais de difícil solução. Em seu estudo, Tulo priorizou a literatura produzida nessa época, que é a da escola romântica. Chamava-se a tísica então de doença da escrita. Theniers-Puget descreve-a como “causadora de vida mental mais intensa, elevando a iluminação interior ou mesmo determinando-a”. Como diz Tulo, “é como se as belas-artes atraíssem o bacilo, ou o bacilo, junto com a febre e as pontadas, desencadeasse o amor das artes, mormente o das letras”. E, como exemplo, ouçamos o conselho dado pela mãe ao poeta Rodrigues de Abreu e transformado em verso: “Meu filho, deixa de fazer versos;/ Ouvi dizer que todo poeta morre tísico...”

Com base no culto do eu, os poetas expressavam, segundo o Dicionário de termos literários, de Massaud Moisés, extremo pessimismo,

sensação de perda de suporte, apatia moral, melancolia difusa, tristeza, culto do mistério, do sonho, da inquietude mórbida, tédio irremissível, sem causa, sofrimento cósmico, ausência da alegria de viver, fantasia desmesurada, atração pelo infinito, desencanto em face do cotidiano, desilusão amorosa, nostalgia, falta de sentimento vital, depressão profunda, abulia, resultando em males físicos, mentais ou imaginários que levam à morte precoce ou ao suicídio.

Como veremos quando tratarmos da poesia romântica, “época houve em que, por desconcertante sortilégio, a tuberculose chegou a fazer-se querida, veículo de morte nobre e desejada para homens que encontraram, no lento aniquilamento que ela proporcionava, sua libertação de um mundo que não os satisfazia”. De raízes na Idade Média, esta cresça de ser a tuberculose “tema de amor e de inspiração poética” fomentadora da lenda “poética e sexual” dos bardos e musas atingidos pelo “extremado amor” veiculado pela doença. Essa idealização, através de um processo gradual, determinou não só sua aceitação, mas também o “embelezamento do triste e até do repugnante” – golfadas de sangue equivaliam à “espuma de color de rosa”.

Uma apaixonada romântica, “saltando de alegria”, oferece ao amado o lenço manchado de sangue golfado do peito, dizendo-lhe, feliz... Vem Y mira! Gracias al cielo, Estoy tísica también!

Diante de tantas posturas e raciocínios extremados da intelectualidade, não é de causar maior espanto que Frederic Chopin, tuberculoso famoso, tenha ditado moda de vestimenta e de postura com suas maneiras delicadas, sorriso triste e notória palidez cutânea. O mesmo ocorrendo com o violinista Paganini que viu todas as vestimentas da época serem usadas “à Paganini”. Este período, nos conta Tulo, foi denominado da “poitrinaire” (tuberculoso, em português), que “invadiu” a arte, o sentimento, o amor e a vida. Uma verdadeira “neurose coletiva”. Mais uma vez o ontem, nos dizendo de hoje ...

Essa motivação rendeu frutos, embora viesse a se tornar um anacronismo após as primeiras décadas do século XX. A tuberculose como estilo só se justificava, quantitativamente, no século XIX, o “século de ouro da tísica”, e no começo do século XX. Mas foi Afonso Arinos, no ensaio de crítica psicológica sobre Bandeira, quem estabeleceu uma di-

ferenciação definitiva entre esses dois períodos quando afirmou que “a diferença entre os poetas antigos e os poetas modernos está em que os primeiros morriam e os segundos se curam de tuberculose”.

Não foi possível a Tulo Hostílio uma análise sociológica dessa disparidade entre o comportamento dos literatos no final do século XIX, particularmente dos românticos, em contraposição ao tísico-modelo do modernismo, Manuel Bandeira. Isso certamente se deve ao fato de que, quando da leitura e busca de fontes bibliográficas pelo autor, ainda existisse uma carência de textos que abordassem a sociologia da saúde e a psicologia social, textos estes que só vieram a ser apresentados no início da década de 50, em particular as publicações do sociólogo norte-americano Talcott Parsons.

Um traço característico da tuberculose foi que os indivíduos que a adquiriam se associavam como numa verdadeira “sociedade secreta”, com estatutos e hierarquia próprias. Basta uma leitura do clássico de Thomas Mann, *A montanha mágica*, para nos certificarmos dessa particularidade. Esse aspecto era tão claro que, já na década de 50, Koestler, estudioso das minorias, incluiu os sanatórios tísicos entre os “guetos que não são judeus”, junto com os cárceres, os campos de concentração, os mosteiros, as colônias de artistas, as minorias étnicas, os grupos homossexuais, as seitas religiosas e as agremiações políticas.

Outra questão preponderante no final do século XIX é que se acreditava que a tuberculose estava intrinsecamente ligada à hereditariedade (conceito hipocrático) e às condições de vida, como habitação e trabalho. A noção da doença implicava a noção de herança de morte. A moléstia era herdada enquanto constituição e, na época, a morte sobrevinha porque a cura inexistia. Embora abrandado na Europa a partir da segunda metade do século XIX, esse traço se manteve forte no Brasil, sendo defendido por muitos médicos, mesmo no início do Estado Novo.

Quatro dos mais significativos poetas românticos brasileiros pagaram tributo à tuberculose: Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu e Castro Alves. Vejamos o que nos diz Álvares de Azevedo, autor de *Lira dos vinte anos*, sobre a musa branca: “Coração, por que tremes? Vejo a morte,/Ali vem lazarenta e desdentada.../ Que noiva!... E devo então dormir com ela?/ Se ela ao menos dormisse mascarada!”

Casimiro de Abreu foi o poeta do “Amor e medo”, que chegou a dizer que “queria a tísica com todas as suas peripécias, queria ir definindo liricamente, soltando sempre os últimos cantos da vida e depois expirar no meio de perfumes debaixo do céu azulado da Itália, ou no meio dessa natureza sublime que rodeia o Queimado”. E assim foi... A tuberculose arrebatou-lhe a vida aos 23 anos de idade. E em seu poema “No leito”, Casimiro nos diz novamente da Musa: “A febre me queima a fronte/E dos túmulos a aragem/Roçou-me a pálida face;/ Mas no delírio e na febre/ Sempre teu rosto contemplo...”.

Castro Alves, autor de poemas que se eternizaram por sua potência e beleza, em seu poema “Adeus”, desabafa: “Quis te odiar, não pude. – Quis na terra/ Encontrar outro amor – foi-me impossível. / Então bendisse a Deus que no meu peito/ Pôs o germe cruel de um mal terrível”. E é no poema “O tísico” – que teve o título alterado para “Mocidade e morte” – que colhemos esta estrofe definitiva: “Morrer – é ver extinto dentre as névoas/O fanal que nos guia na tormenta;/ Condenado – escutar dobres de sino/ – Voz da morte, que a morte lhe lamenta –/Ah! Morrer – é trocar astros por círios,/ Leito macio por esquite imundo;/ Trocar os beijos da mulher – no visco/ Da larva errante do sepulcro fundo. / Ver tudo findo... Só na lousa um nome,/ Que o viandante a perpassar consome. [...] Adeus!... Arrasta-me uma voz sombria,/ Já me foge a razão na noite fria!...”.

Os parnasianos foram mais longevos. Vários trataram o tema (às vezes em tom de escárnio), mas poucos sucumbiram à doença. A tuberculose era um traço anacrônico e descabido, findo o romantismo. Como deixou claro Carvalho Filho: “Odeio as virgens pálidas, cloróticas, / Beleza de missal que o romantismo/ Hidrófobo apregoa em peças góticas,/ Escritas nuns acessos de histerismo.”

Mas a tuberculose, “pulando” a escola da impassibilidade, “foi tornar-se íntima dos simbolistas”. A inclusão de Augusto dos Anjos entre os simbolistas já se fazia motivo de debate quando da publicação do livro de Tulo Hostílio. Afinal, como situar o insituável autor de Eu? Poeta mórbido-pessimista, Augusto dos Anjos, embora erroneamente tenha sua morte atribuída à tuberculose (morreu em decorrência de uma pneumonia), em duas quadras de longa poesia externou sua percepção

sobre esse mal: “Falar somente uma linguagem rouca, /Um português cansado e incompreensível, /Vomitar o pulmão na noite horrível /Em que se deita sangue pela boca! /Expulsar, aos bocados, a existência / Numa bacia autômata de barro /Alucinado, vendo em cada escarro /O retrato da própria consciência...”

Ainda dentro do movimento simbolista, Tulo Hostílio destacou a poetisa Auta de Souza, “a mais espiritual das poetisas brasileiras”, que, mesmo morta, continuou sendo invocada pelos espíritas, que lhe psicografaram versos. Dela selecionamos os versos retirados do poema “Dolores”: “Dentro de minh’alma doída, chorosa,/De pobre moça tuberculosa, / Cheio de medo, tremulo, incerto/ Bate com força meu coração.// E assim morrendo, coitada, aos poucos, /Convulsa e fria, louca de espanto,/ Solto suspiros, gemidos roucos,/ Olhando as cruzes do Campo Santo,// Porque me lembro que muito breve/ Leva-me a ele tanta dor física,/ E dentro em pouco, branco de neve,/ Verão o esquife da pobre tísica”.

Outro simbolista tuberculoso foi Cruz e Souza. Poeta discreto, que pouco tratou da tuberculose como tema, em seu poema “Assim seja!” nos passou a ideia que a indesejada teria sido recebida com serenidade e coragem: “Fecha os olhos e morre calmamente!/Morre sereno do Dever cumprido!/ Nem o mais leve, nem um só gemido/ Traia, sequer, o teu Sentir latente.// Morre com a alma leal, clarividente,/ Da Crença errando no Vergel florido/ E o pensamento pelos céus brandido/ Como um gládio soberbo e refulgente.// Vai abrindo sacrário por sacrário/ Do teu Sonho no templo imaginário,/ Na hora glacial da negra Morte imensa...// Morre com teu Dever! Na alta confiança/ De quem triunfou e sabe que descansa,/ Desdenhando de toda a Recompensa!”

Simbolista pouco conhecido nos nossos dias, Max Vasconcelos resumiu com os seguintes versos o impacto dos poetas coetâneos: “Dos que ficaram como eu: tossindo.../ Monjas brancas e poetas simbolistas./ Curtindo o mesmo mal que eu vou curtindo...//Dos que morreram desejando, ver/ O Pôr do Sol com as derradeiras vistas/ Dos que morreram como eu vou morrer...”

Já no século XX começa a declinar a associação entre tuberculose e criação artística, passando a identificar-se a doença como grave problema de saúde por sua persistência e propagação. De mal romântico passa a mal social, o que contribuiu para a estigmatização social do enfermo.

No Brasil, a falta de interferência efetiva do poder público levou ao surgimento de Ligas (sendo a principal encabeçada pelo médico carioca, radicado em São Paulo, Clemente Ferreira) que propagaram os métodos de profilaxia vigente e criaram sanatórios. Osvaldo Cruz implementou a assistência pública à doença. Nos anos 1920, ocorreram a Reforma Carlos Chagas e a vacinação dos recém-nascidos com BCG. Em 1936, Manoel Dias de Abreu desenvolveu a abreugrafia, otimizando o acesso à investigação radiológica da população. Por fim, em 1943, dá-se a descoberta da estreptomicina pelo americano Selman Waksman (Prêmio Nobel de Medicina), possibilitando o tratamento e o controle efetivos da tuberculose. Enumerando-se assim, passam despercebidos uma série de atropelos, retrocessos e embates existentes dentro da classe médica e entre esta e os órgãos oficiais (seja da Velha República ou do governo Vargas), mas não foi esse o objetivo principal do ensaio elaborado por Tulo Hostílio.

Manuel Bandeira, ressalta Tulo, é o personagem “mais importante da literatura brasileira, se se considera a influência da tísica sobre a gênese e o desenvolvimento de uma vocação literária. Em nenhum outro intelectual patricio teve a identificação com a doença tão permanente caráter”. Destaque-se um comentário de Ribeiro Couto dirigido a Bandeira ao recebê-lo na Academia Brasileira de Letras: “Não fora o acidente da enfermidade, não teríeis talvez escrito a vossa obra, isto é, a mesma obra, com os seus motivos fundamentais, vividos por experiência direta. Faltaria o tormento de olhar a vida pela janela sem poder tomar parte no voluptuoso tumulto; dessarte, não viríeis a descobrir depois dos quarenta anos oreino de Pasárgada – país dos recalques em liberdade, dos antigos desejos compensados, das alegrias enfim permitidas.” “Eu faço verso como quem morre”, nos sussurra Bandeira. E a Ribeiro Couto responde: “Se não for isso, não farei mais nada, porque em mim o poeta é a tuberculose. Eu sou Manuel Bandeira, o poeta tísico”. E disse mais: “A moléstia não chegou sorratamente, como costuma fazer, com emagrecimento, febrinha, um pouco de tosse, não: caiu [...] de supetão e com toda a violência, como uma machadada de Brucutu”.

A morte anunciada, numa época sem penicilina, assombrou o imaginário do poeta condenado, tecendo o tempo que se esvai na tediosa

espera do fim. Bandeira passou a vida esperando a morte e morreu aos 82 anos. “A vida inteira que podia ter sido e queão foi”. Em um dos poemas de Carnaval, “A Dama Branca”, a morte e a tuberculose se mostram inteiras: “A Dama Branca que eu encontrei,/Faz tantos anos,/Na minha vida sem lei nem rei,/Sorriu-me em todos os desenganos./Era sorriso de compaixão?/Era sorriso de zombaria?/Não era mofa nem dó. Senão,/Só nas tristezas me sorriria./E a Dama Branca sorriu também/A cada júbilo interior./Sorria como querendo bem./E todavia não era amor./Era desejo? – Credo! de tísicos?/Por histeria... quem sabe lá?/A Dama tinha caprichos físicos:/Era uma estranha vulgívaga./Era... era o gênio da corrupção./Tábua de vícios adúlterinos./Tivera amantes: uma porção./Até mulheres. Até meninos./Ao pobre amante que lhe queria,/Se lhe furtava sarcástica./Com uns perjura, com outros fria,/Com outros má./- A Dama Branca que eu encontrei,/Há tantos anos,/Na minha vida sem lei nem rei,/Sorriu-me em todos os desenganos./Essa constância de anos a fio,/Sutil, captara-me. E imaginai!/Por uma noite de muito frio,/A Dama Branca levou meu pai”.

Quem seria a Dama Branca: a tuberculose – Musa Branca – ou a morte? Diz-nos Emanuel de Moraes tratar-se de “uma transposição de conceitos, mas não de sentimentos em relação à morte”, sendo então a Dama Branca “a mulher representativa do seu erotismo exacerbado. [...] a união de temas num só corpo – numa só Musa – sem aquele horror do poeta romântico”. A Dama Branca seria, “criatura luminosa e ao mesmo tempo corrupta”, sendo simplesmente “a personificação da tísica na sua concepção poética”.

A tuberculose entre os prosadores, nos diz Tulo, teve seu recenseamento comprometido ao longo dos tempos devido à carência de dados. O que aconteceu de notório é que o preconceito contra os prosadores tísicos foi muito maior que com os poetas. Como se a tísica fosse, como já sinalizamos anteriormente, lugar-comum e desejável para os jovens lívidos bardos veneradores da Musa Branca. Estes se situavam “confortavelmente”, aos olhos da sociedade novecentista e do início do século XX, em sua relação com Thánatos. Mas não podemos nos furtar da lembrar o romancista Graciliano Ramos, que contraiu tuberculose nas prisões do governo, durante o Estado Novo. Em **Memórias do cárcere**

re Graciliano retratou, de forma clara e irretocável, se mantendo como documento histórico, o “lado sinistro de uma ditadura frequentemente considerada suave”. Outro notório tuberculoso foi nosso dramaturgo maior Nelson Rodrigues, que teve sua primeira peça ensaiada durante sua internação no sanatório de Campos de Jordão, quando se encontrava internado para tratamento da tísica.

Tuberculose e literatura são um marco na literatura brasileira. Foram poucos os autores que se dispuseram a realizar um trabalho profundo e definitivo, capaz de demonstrar que a tuberculose, em todas as suas fases clínicas, em diversos momentos históricos e circunstâncias evolutivas da sociedade humana, é uma doença capaz de influenciar criador e criatura, “dessemelhante nas características individuais, mas homogênea nas reações perante o bacilo de Koch. Porque, como dizia Stênio sobre João Alphonsus: “Um tuberculoso é um elemento sem pátria, nem fronteiras [...] Um ladrão chinês é um ladrão chinês, diferentíssimo do ladrão turco, brasileiro, norte-americano, a começar pelas coisas que furta, como furta, etc. Um sujeito honesto é também diferente em cada país, como o gigolô, o político, o funcionário público, o vendedor ambulante. Mas um tuberculoso é o mesmo em qualquer parte do mundo, internacionalizado pelo mesmíssimo bacilo...”.

Ouçamos, por fim, o que nos diz o poeta Barbosa de Freitas, de muitos desconhecido e, pelo autor capixaba, resgatado em seu leito de morte na Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza: “Sombras da noite eterna, horríveis sombras,/O que buscais em torno do meu leito?!/Vireis trazer-me o bálsamo da vida,/Ou alertar a esperança no meu peito?/ Sombras da noite eterna, horríveis sombras!/Deixai, deixai-me em plácido sossego!/Inda lobrigo, à tênue luz dos sonhos,/Nos meus vergéis as gramas viridentes,/Meus perfumosos lírios tão risonhos!/Deixai-me, deixai-me em plácido sossego./Sinto saudades das manhãs de moço,/De ti. Maria – inocentinha hebreia,/Mas... qual da noite a luz do fogo errante,/De minha vida a lâmpada bruxuleia,/Sinto saudades das manhãs de moço,/.../ Sombras da noite eterna, horríveis sombras!/Não me oculteis da vida a claridade.../Não me lanceis tão cedo, oh! Impiedosas!/Na enxovia fatal da eternidade!/Sombras da noite eterna, horríveis sombras/É cedo ainda, oh! pálidos coveiros!/.../Ainda quero beber venturas, enga-

nos.../Quero cantar a minha doce aurora,/Que me sorri aos meus vinte e dois anos!/É cedo ainda, oh! pálidos coveiros!/.../Tenho nojo do esquife, odeio as nênias!/Causa-me tédio o sino que retumba./Maldigo o seco crepitar dos círios,/Prostra-me a ideia da sombra tumba./Tenho nojo do esquife, odeio as nênias!/Sabei agora, oh! lívidos fantasmas!/Quando meu ser cair na dura estrada/Como a lua que se apaga à ventania/Voltarei ao temor, ao grande nada!/Sabei agora, oh! lívidos fantasmas!”

### **BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:**

MONTENEGRO Tulo Hostílio. **Tuberculose e Literatura** - Notas de pesquisa – Segunda edição revista e aumentada, 1971. Rio: A Casa do Livro.

CASTELLANOS Marcelo E. P. e NUNES Verardo Duarte. **A Sociologia da Saúde: Análise de um Manual**. PHYSIS: Revista Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 15(2):353-371, 2005.

ADAM, Philippe & HERZLICH, Claudine. **Sociologia da doença e da medicina**. Tradução de Laureano Pelegrin. Bauru: Edusc, 2001.

MACIEL M. S., MENDES, P. D., GOMES, A. P. e SIQUEIRA-BATISTA, R. **A história da tuberculose no Brasil: os muitos tons (de cinza) da miséria**. Revista Brasileira de Clínica Médica. São Paulo, 10(3):226-30, 2012.

OLIVEIRA Rafael Soares. **O último tísico: A imagem tuberculosa na poesia de Manuel Bandeira**. Caligrama. Belo Horizonte, 11:93-100, 2006.

ANTUNES J. L. F., WALDMAN, E. A., MORAES, M. A tuberculose através do século: ícones canônicos e signos do combate à enfermidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, 5(2):367-379, 2000.

GONÇALVES, Helen. **Peste branca; um estudo antropológico sobre a tuberculose**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

BERTOLLI FILHO, Claudio. **História social da tuberculose e do tuberculoso: 1900-1950**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

## *Marília(s) de Dirceu*

JOSINA (Jô) NUNES DRUMOND

*Escritora. Doutora em Letras. Pertence à cadeira 32 da AEL e à AFEL.*

Apresentamos aqui a síntese de uma pesquisa que venho desenvolvendo a partir de duas questões: Quem era Marília de Dirceu e até que ponto um eventual triângulo amoroso teria fomentado a Inconfidência Mineira? Partimos de dois pressupostos: Havia mais de uma Marília, sendo uma delas amante do poeta Tomás Antônio Gonzaga e, simultaneamente, do Governador da Capitania de Minas. O curioso é que muito provavelmente ela tenha sido o estopim das *Cartas Chilenas*, cuja divulgação estimulou efetivamente o efervescente movimento separatista já existente em Vila Rica. Pergunta-se até que ponto uma simples vingança amorosa, cujo objetivo era denegrir satiricamente o rival e, ao mesmo tempo, escancarar os desmandos de seu governo, poderia ter funcionado como a mola propulsora de um movimento tão importante. Pergunta-se também até que ponto uma mulher praticamente inexistente nos livros de História teria desencadeado a Conjuração Mineira, mesmo que involuntariamente.

Ao ler as líras de Gonzaga, o leitor se surpreende ao perceber que Marília, a musa do poeta, ora tem cabelos negros, ora louros. Esse por menor foi percebido pela primeira vez por Joaquim Norberto, que o atribuiu à necessidade de rimas e consonâncias. Depois dele, Alberto Faria reiterou a observação, mas discordou do motivo. O poeta tinha suficiente competência literária para não ter que mudar o perfil de sua musa.

Outro detalhe interessante: o amor nutrido pela musa ora é puro e virginal, ora é lascivo. Foi Afonso Pena Júnior que colocou um ponto fi-

nal na questão, comprovando ter havido duas Marílias. Uma era a noiva angelical do poeta, jovem, meiga e inocente; a outra, a amante, era loira, mulher feita, viúva e “inocente”.

A obra Marília de Dirceu foi popularizada por meio das liras, que celebram os amores de Marília e de Dirceu, imortalizados desde então. Marília, oficialmente considerada como Maria Doroteia Joaquina de Seixas Brandão, foi noiva do poeta. O casamento não chegou a ser realizado, devido ao degredo do noivo inconfidente para Moçambique, onde viveu até a morte.

Na Lira II, ele traça o perfil de sua noiva, como se estivesse dialogando com ela. Percebe-se claramente o respeito, sem nenhuma nuance libidinosa. Nem mesmo o beija-mão lhe foi permitido: “...*Pego em teus dedos nevados, e querendo dar-lhe um beijo, / Cobriu-se todo de pejo, E fugiu-me com a mão.*”(vv.61/64)

A imagem sublimada de Marília (a cândida Doroteia) seria incompatível com os versos seguintes da Lira XXV: “*Debalde a meus lábios seus lábios se uniram / E as línguas, lá dentro lutando, exprimiram/ Ardores, que em frases não podem caber./ A coxa roliça, que envida ao prazer,/ Em vão sob a minha gemia delícias.*”

Há quem diga que, em verdade, ele não havia escrito as liras para nenhuma das duas. Ele teria apenas adaptado versos escritos na juventude, quando universitário de Coimbra, e os dedicados às Marílias de Vila Rica. Isso pode ser detectado nas entrelinhas da Lira XXXII da 1ª parte.

A Marília oficial, Maria Doroteia Joaquina de Seixas, oriunda de família abastada, ainda adolescente, conheceu o poeta e jurista. Devido à diferença de idade e a divergências ideológicas, o namoro foi inicialmente proibido pela família. Noivaram alguns anos depois, mas o casamento não se concretizou, devido ao degredo do poeta. A solitária Doroteia passou a vida suspirando pelo distanciamento do amado, que se encontrava na África. Para desconsolo dos românticos, que preferiam um Dirceu pobre e suspirante, ele vivia com luxo e riqueza no exílio, casado com uma analfabeta endinheirada, filha de um rico comerciante de escravos. Além disso, ocupava cargos relevantes em Moçambique, devido à sua indubitável competência.

O historiador Tarquínio Oliveira, grande especialista no assunto, em seu livro *As cartas chilenas - fontes textuais*, confirma a existência

de outra Marília, na pessoa de uma abastada viúva de Vila Rica, Maria Joaquina Anselma de Figueiredo (cognomes: Marília, Nise e Laura?). Gonzaga chegou a ter um filho com ela, citado na Lira XIX.

Na Lira XXVII, o poeta chega a desculpar-se junto à Doroteia, pelo relacionamento com Anselma: “*Eu sei, Marília, / que outra pastora / a toda hora, / em toda parte, / cega namora / a teu pastor.*”

O Governador de Minas, Luís da Cunha Menezes, o homem mais poderoso de Vila Rica, acabou conquistando para si a amante do poeta. Despeitado, Gonzaga escreveu as satíricas Cartas Chilenas, ambientadas em Santiago do Chile (Vila Rica), divulgando todos os podres, falcatruas e corrupções de um pretenseo general chileno chamado Fanfarrão Minésio (L. C. Menezes).

As *Cartas* representam um importantíssimo documento histórico e consuetudinário. Traçam um daguerreótipo da época que precedeu a Inconfidência Mineira (hábitos, aspectos econômicos, políticos, religiosos e morais, assim como intrigas, vícios, indumentárias, festas, mobiliário, alimentação...). A sátira contida nas Cartas abrange o esbanjamento e a má administração do dinheiro público, a hipocrisia religiosa, o apaniguamento dos protegidos, a injustiça social, a violência, o abuso de poder, entre outros desmandos. Segundo o historiador Oliveira, a denúncia contida nas *Cartas* é perfeitamente legítima, mas não teria acontecido não fora o triângulo amoroso (grifo meu). Daí a importância da existência de Anselma. Como pivô das Cartas, ela teria sido responsável pelo recrudescimento do movimento da Conjuração, já em andamento, causada por diversos motivos.

Tomás Antônio Gonzaga (1744/1810) nasceu em Miragaia, no distrito do Porto, Portugal. Filho de mãe portuguesa e de pai brasileiro, assumiu o cargo de Ouvidor Geral em Vila Rica. Quando chegou a Minas (1782), já não havia a opulência do ouro, mas ainda se conservavam os brilhos de um passado recente.

Foi nesse período que ele conheceu sua futura noiva, Maria Doroteia. Envolvido na Inconfidência Mineira, foi acusado de conspiração e permaneceu recluso durante três anos no Rio de Janeiro. Depois foi degredado para Moçambique, onde permaneceu até a morte.

As treze Cartas, compostas em versos decassílabos brancos (sem rima), escritas por Critilo (Gonzaga), são endereçadas a seu amigo Do-

roteu (Claudio Manoel da Costa). A grande maioria dos personagens tem nomes fictícios, ou melhor, nomes inventados para os verdadeiros moradores de Vila Rica. Por exemplo: Minésio (L.C.Menezes); Matúzio (J.A. Matos); Silverino (J.Silvério dos Reis); etc.

Literariamente, as *Cartas Chilenas* são consideradas como a obra satírica mais importante do século XVIII, no Brasil. Tendo o intuito de denegrir a imagem do rival, o foco central das *Cartas* são os desmandos do Governador da Capitania de Minas Gerais, entre 1783 e 1788. Elas satirizam a tirania, o abuso de poder, a prepotência, o desrespeito à lei, a venalidade, o nepotismo, as injustiças, a corrupção, os impostos escorchantes, o descomedimento e a libertinagem de Minésio Fanfarrão, que fazia do palácio do Governo um centro de orgias. Tais Cartas fomentavam um clima de insatisfação já existente contra o mais alto representante da Metrópole Portuguesa e, ao mesmo tempo, carregavam em seu bojo ideias iluministas de progresso, racionalismo e liberdade.

A *Carta XI* explicita o golpe definitivo de Menezes contra Gonzaga. Com a chegada do novo Governador, Fanfarrão reserva sua desforra contra Critilo, para os últimos instantes. Convoca reservadamente Jelônio (Jerônimo Xavier de Souza), cabo de esquadra do Regimento de Cavalaria Regular, e encarrega-o da doce missão de casar-se com Anselma, mediante promoção ao posto de alferes. Escreve sigilosamente ao Bispo D. Domingos da Encarnação Pontével, solicitando dispensa de proclamas prévios para o matrimônio. Imediatamente após o casamento, Fanfarrão transfere Jelônio para o destacamento da demarcação Diamantina, de modo que o casal ganhe a estrada de Tejuco e avance pelo menos dois dias de marcha, antes de Fanfarrão deixar Vila Rica.

Concluindo, Anselma, figura desconhecida, praticamente inexistente nos livros de História, pode ter exercido, involuntariamente, uma influência efetiva no desenrolar da Conjuração Mineira. A razão é simples. Apesar dos vários motivos para que o movimento existisse, ele recrudescer com a divulgação das *Cartas Chilenas*. Gonzaga não compactuava com as falcatruas do Governador. Inclusive já o havia denunciado, por carta, à rainha de Portugal. O fato de perder a amada para um rival detestável fez com que ele decidisse denunciá-lo, evidentemente por motivo de ciúmes, raiva, despeito ou vingança. A distribuição de cópias

manuscritas das sátiras pelas ruas de Vila Rica acirrou os ânimos dos inconfidentes e conscientizou a população das irregularidades existentes no Governo de Menezes. Em meio ao descontentamento geral pré-existente, o envolvimento dele com a amada do poeta e, por conseguinte, a redação das cartas satíricas talvez tenha representado a gota d'água para a eclosão da Inconfidência Mineira, cujo desfecho teria acontecido na data marcada da derrama, não foram as delações ocorridas dias antes.

### REFERÊNCIAS:

- FERREIRA, Delson Gonçalves. **Cartas chilenas – retrato de uma época**. Belo Horizonte: Ed. LEMI S.A., 1982. 256 p.
- GONZAGA, Tomás Antônio. **Marília de Dirceu**. Rio de Janeiro: Ediouro/31346, Coleção Prestígio. 122 p.
- OLIVEIRA, Tarquínio J.B. **As cartas chilenas - fontes textuais**. São Paulo: Editora Referência Ltda, 1972. 329p.

## *A vida em nossas mãos!*

MARILENA SONEGHET

*Escritora. Pertence à AFEL.*

“Quién piensa que todo está perdido – yo vengo a ofrecer mi corazón” - a belíssima canção entoada por vozes infantis pousa como pomba da paz em nosso coração. Cantada desde Segóvia (Espanha) para o mundo, é cálida onda que nos aquece o peito. Onda de esperança, de desejos puros a florescer ao longo dessa abençoada quarentena. Sim; abençoada! Abençoada por todos aqueles que, graças a ela, serão salvos (talvez eu... talvez você).

Ante todo sofrimento dos que presentem a vida lhes a fugir, ante a imensa dor das famílias na impotência da morte, e apesar do medo, da fome, da miséria, apesar de toda incerteza que nos assalta, esse isolamento exigido pela célere contaminação desse vírus que assola a humanidade, sabemos, por outras nefastas experiências... é a vida se reciclando! É o alento universal exigindo o ressurgimento dos valores inculcados na essência da alma.

De todo mal pode advir um bem. Epidemias, guerras, catástrofes naturais: terremotos, enchentes, tsunamis, ciclones, erupções vulcânicas... uma vez superados os estragos, há sempre um renascer. Como da lava que aduba o solo, nascem flores! Com a esperança em alta vejo a dedicação extrema dos profissionais de saúde no afã de salvar vidas, ou minorar a dor dos que, longe de seus queridos veem a vida a lhes fugir. Com a esperança verdejando, vejo os benfeitores anônimos que saem de suas casas, de peito aberto aos riscos que correm, para levar aos desvalidos as cestas básicas do amor.

Abriu-se a caixa de Pandora e uma certeza nos diz: é verdade, a esperança nunca morre! Renasce a cada dia, a cada hora, a cada minuto – em cada benfazejo hausto de ar de um quase moribundo que pouco a

pouco se liberta, no sorriso aliviado que quem, após luta insana, deixa o hospital numa cadeira de rodas, sob o aplauso dos que o salvaram... na alegria dos familiares a recebê-los com o abraço aconchegante de enfim!

Sim; existe também o caos. Existe a desgraça, a corrupção, a ladroagem, existem os aproveitadores sem nenhum escrúpulo ou empatia com a dor de tantos. São os contrastes óbvios em toda a história da humanidade. Houve e haverá. Mas a bondade, o altruísmo, o generoso doar-se sempre os suplantarão. Creio que a humanidade, com o valor dos que estão lutando por nós no front dessa guerra, verá uma nova consciência renascer.

Sim; surpreendeu-nos a “terceira guerra mundial”, há tanto temida. Uma guerra onde não lutamos irmão contra irmão, mas onde cada um de nós, se contaminados, torna-se o inimigo mortal. As pessoas que entenderam a prioridade da quarentena estão ampliando sua visão de mundo. Estar em casa significa salvar vidas, e é uma oportunidade incrível para reflexivos momentos com nós mesmos – alimentar a alma e comparti-la. E que maravilha termos, à nossa disposição, o tempo! Tempo, não pra ser “jogado fora” ou pra se “matar”, mas para ser vivenciado de modo enriquecedor, com sensibilidade a amor. Tempo para nos exercitarmos: dividir com generosidade o espaço, tolerar os pequenos atritos da convivência, saber esperar a vez, saber calar e saber dizer a palavra certa. Cultivar a paz doméstica com boas doses de justiça, harmonia, criatividade e bom humor. Perdoar. Perdoar é lavar a alma! Certamente nos tornaremos melhores!

Porque tudo isso vai passar, minha gente. Acho que a maioria de nós começa a ver através dos óculos desembuçados da “poluição” materialista que assola o mundo. Dedicção ao trabalho não significa privar a família de convívio. O lazer não pede gastos supérfluos e exagerados. O próximo – não é o “cara” à nossa frente, na fila – é a vizinha de quem você nem sabe o nome, o mendigo de olhar vazio, o motoqueiro, a atendente da farmácia, o guarda de trânsito, o pedestre lento, o adolescente que vai em cana no camburão (que subvida o leva a tortuosos caminhos?)...

A vida exige de nós o infatigável exercício de Amar! O amor salva, redime, suaviza, embala, reconstrói. Fé, Esperança, Caridade – perfeita trindade! Fé no Amor, Esperança na humanidade, Caridade para com os desvalidos de toda sorte. Tijolinho por tijolinho, com paciência, vamos reconstruir nosso templo interior. Que o Espírito Santo nos inspire hoje, para amanhã colhermos a Vitória!

## *O que me sou?*

OSCAR GAMA FILHO

*Psicanalista e Escritor. Pertence à cadeira 21 da AEL.*

Em que me movo  
entre o ar e o sólido que ultrapasso?  
Como o faço com o peso da beleza nos passos?  
Que parte de mim,  
Em que não sou,  
Em que não sei,  
Me É?

E, não sendo, nela me traço,  
Não como um destroço de navio naufragado,  
Mas como um canhão que dispara o sossego sonhado,  
Não o medo, mas a capacidade de espera  
que não desespera em um sonho à vera,  
Que cria um vínculo entre a planta que plana no ar  
e a asa na rara brisa de um amor de verão.

Neste vaticínio que me lanço,  
Que não haja nele nenhum ranço  
do laço que une todos os seres humanos,  
Que transforma plantas e animais em homens  
até os metametamorfosear em húmus.

Do húmus deles renasço e neles me aprofundo no mundo,  
Certo do destino que descumpro: no sonho, sou uno.

## SACRIFÍCIO D'AMOR ETERNO

Para Marilena Soneghet, alma-irmã

As duas irmãs xifópagas, Mimi e Catarina da Rússia, me chamavam para sair. E eu ia – três cabeças pensam melhor do que uma.

Mimi era meiga, educada, quase uma pétala. Flexível, por sempre ter estado de lado na irmã. Seu maior defeito era que bastava ver para se sentir feliz. O mundo era um grande espetáculo milagroso para sua mágica de dourar a pílula e sentir alegria até mesmo na dor. Nunca chorava. Um riso contínuo emoldurava até mesmo suas narrativas trágicas. As amargas não, dizia-me.

Catarina, eu a chamava “da Rússia”. Déspota, dominadora, possessiva, aprendeu desde cedo a controlar o corpo sozinha, qualidade bastante apreciada pelo público & pela família, a quem sustentava com suas exibições circenses. Um coração que dava ouro.

Mas eu nunca deixara de ser um malandro carioca. Com um problema: havia amor por mim nas duas, e, enquanto Catarina da Rússia me proferia um discurso autoritário, à Hitler, ordenando-me amor eterno, eu me apaixonava cada vez mais por Mimi. Que tocava para mim as serenatas românticas que compunha, solitariamente, em seu violão. Solamente para mim. Catarina usava fones abafadores de ruído e alegava misofonia para não escutá-las. E vendava os olhos para não ver nossos beijos arrebatados d'amor eterno. Nem desfrutava de nosso sexo. Negava-se este prazer.

Com seu temperamento arrebatado e despótico, Catarina, apaixonada ainda mais pela irmã, seu único bem, dividido em trindade amorosa, fez o sacrifício supremo: suicidou-se, cortando o pescoço de Mimi, e morreu se esvaindo no sangue que saiu d'O Globo, em jatos de coronavírus, contaminando-me.

Não sobrou ninguém para contar a história. Tem mais não.

(Versão original publicada em *A Tribuna*, em Vitória, ES, 25/05/ 1980).

## A PASSAGEIRA DO SILÊNCIO

Maldito havia eu, cavalheiro, “as mulheres primeiro”, e ela, empurrando-me, entrou no título antes que eu pudesse fazer qualquer coisa. Seu nome: prima donna, personagem principal. Ou “ela”, um sinônimo oculto no meu bolso. Ei-la:

Angulosa e sustenida, parecia, à primeira vista, um domingo morto. Atentando-se bem, entretanto, percebia-se a sua semelhança com uma estação do ano. Aquela em que caem as frutas. O mesmo rosto ressequido de tanto sumo que por ali correu. E na secura é que o sumo se fazia presente, tamanha era a falta que fazia. O sumo escorria pelo não haver líquido.

O caso é que ninguém sabia de palavra que ela tivesse dito. De tão calada, parecia falar. Era só uma impressão. Muda e muda. Nunca, a calma antes da tempestade. Desde criancinha, assim. Mas não que fosse abobada. Ouvia tudo e entendia-o. Suas mãos não escreviam, mas seus olhos aprenderam a ler fundo.

Rapazinhos da vizinhança todos queriam namorar com ela, meiga e calada. Que boa mulher que não daria?, suspiravam eles, com o seu mistério. Quem cala consente, e ela andou indo com eles. Mas, um dia, parou de ir. Desmentiu o ditado, e ficou o dito pelo não dito.

O tempo passou. A vida é passageira, e ela era na vida. Ela passava com ela, vida em geral e vida vivida, paralelamente às badaladas dos relógios e junto com o ruído. Sustenida, como já disse. É na hora depois que entra o homem. Ei-lo:

Ele, um escritor. Romântico, levava um “com” debaixo do braço, procurando uma que o amasse. Com o seu “com”, entrou na palavra “entra”, do parágrafo acima, e, enfim, a “encontra”, parada na rua. “Iniciar-se-ia uma doação amatória perfeita?”, escreveu ele. O pouco que sabia dela já lhe permitiria criar muitos livros. Era dono de muitas palavras, reinando no reino delas.

O caso é que ele se sentia só. Usava as palavras, e tanto, para escrever, que foi ficando sem nem um pouco delas para gastar em conversas, para pronunciar. Desde o início dos tempos, essa era a vingança das palavras contra os seus donos. Não conseguia se exprimir pelo cotidiano e pelo cor-

riqueiro. Quando abria a boca, não se aguardasse uma frase, mas sim uma sinfonia, um poema épico. Um simples informe, a um velho amigo, era fornecido sob a forma de romance. Foi ficando claustal no contato com seres humanos, e cada vez mais calado, pois ninguém que o suportasse.

O encontro dele e dela foi à beira da Rua do Perfeito. Os dois se ajustavam como o osso à sua carne. Ele identificou, no silêncio dela, o seu silêncio. Ela, ninguém sabe o que pensou, porque o pensamento dela não passava pela palavra.

Com o tempo, ele foi se sentindo à vontade. Falava mais e mais. Ocupava, com suas palavras, os silêncios que a mulher deixava vagos. Já não era como antes, mas ele julgava que “a forma do amor havia mudado, porém o conteúdo permanecia”. Ela, muito calada, mais do que o normal (se isso fosse possível). Ele tinha de saber o porquê. Ensinou-a a usar os silêncios como perguntas e tentou aprender a usar o silêncio como resposta. Empenhava-se em criar uma linguagem do silêncio. Elaborava códigos que, pacientemente, explicava, por silêncios, a ela.

Um dia, chegou o final do conto.

Chegou em casa. O silêncio lhe dizia que ela tinha ido embora. Finalmente, eles se compreenderam. Naquela semana, os dois haviam se banhado em silêncio. A perfeição estava próxima. É lógico que ele sabia do risco. Ele sabia o que tinha acontecido: senhora de si, ela aprendera a usar o silêncio como meio de comunicação e de transporte. Há muito ele suspeitava: os silêncios dela estavam lhe dizendo tudo. Ele tinha certeza: usando o silêncio como meio de transporte, ela se afastara dele. Onde seu corpo, não sabia. Se estaria morta? Nada. Ela fugira para o domínio do silêncio, da pausa e do oco. Ele, sem vê-la, estava condenado a supor percebê-la em cada oco, em cada pausa, em cada silêncio e em cada ausência com que se deparasse. (*Suplemento literário* MG, nº 887, 1/10/1983)

## **Vou-me embora pra Casa dos Ninhos**

Vou-me embora pra casa da Senhora dos Ninhos,  
Nela renasço em ovo do que estou sozinho.

Mas nunca estou. A Senhora tem um coração numeroso.  
No seu ninho, sozinho, cabem tanto, tudo, nós e todos.

E como há espaço metafísico, nele fico,  
Nele me espraio, porque lá não há espaço findo

na memória do ar infinito.  
Nele todos vivem em solitude

em seu coração imemorial.  
Nele, estou além do bem e do mal.

Nele, sou irmão de todos  
em seu sopro acolhedor, vital e sonoro.

Rememoro a felicidade e renasço dela de mim mesmo,  
E, quando menos espero, respiro a conversa a esmo.

Das palavras renascem as pedras que colhe do chão,  
E do seu amor florescem petrificadas no seu coração.

## *Dilúvio na resseca terra da fome*

*PEDRO SEVYLLA DE JUANA*

*Escritor e poeta espanhol, publicou vinte e oito livros e é membro correspondente da AEL.*

Com uma pena de cálamo partido,  
o homem desguarnecido se acastela,  
pó em água diluído,  
tinta viscosa surgida da testa.

É uma pluma somente  
e a branca superfície do papel  
em seta, em adaga a converte;  
a palavra que perfilo é um ipê  
lançado contra o céu inexpugnável e inclemente,  
para desaguar, face e invés,  
seus transbordantes recipientes.

Vão sendo as seis e o ativo povo  
-do acampamento alçado num córrego ressequido-  
em círculos de pedra aviva o fogo,  
e com a tranquilidade de quem ignora os perigos,  
apressa lidas diferidas pelo breve ócio  
ou despreza lembranças dos tempos idos.

Placas de lata formam tetos e paredes,  
entulhos de algum derrubo, tabelas rompidas,  
frágil refúgio destinado a proteger da intempérie.

O vento avisa com seu assobio ralo,  
um cheiro de crisântemo vivo  
vem do Norte carregado de presságios:  
calaram-se os grilos  
e os pardais agitados  
revolteiam em círculo.

Recolhe raios o sol, embainha sua soberba,  
retrocede e foge dos horizontes nublados  
embutidos em armaduras pretas,  
guerreiros sobre apocalípticos cavalos  
que manifestam uma cólera densa.

Urgidas galopadas das pernas,  
a primeira gota inaugura o desconcerto,  
cauta emissária das companheiras,  
as que ocultam o sol fátuo e incerto  
esperando instruções mais concretas.

Chove a negrura que a perspectiva afasta,  
nos confines se confundem as linhas de chegada e de partida,  
piscando resplendores se agita o deus da borrasca  
visos perversos que agigantam as vistas,  
numa tarde de verão bem bastarda.

Presto o altar, a oblação desconhece os desígnios;  
procissões de nuvens chegam ao lugar dos fatos  
seguindo a ordem imutável dos avisos.

As temperaturas elevadas,  
necessitadas de paciência,  
perfuram a barreira da exígua enramada;  
os indômitos vales desfocados centelham  
e desde o alto das nuvens altas  
desordenadamente desce a tragédia.

Descobre o olho torvo em solitária cavalgada,  
o temor oculto dos campos às ingratas sementeiras;  
neste lugar o mau augúrio aguarda,  
em toda parte a ferida fica aberta,  
por ali chega a morte acaçapada,  
suspeitada e, sem embargo, manifesta.

As gotas compõem milhões dilatados  
e uma sozinha é vida no deserto,  
adição do mar não desbordado;  
uma gota não é perigo verdadeiro,  
nem cem juntas, nem mil vezes um vaso.

Com quatro nuvens irritadas se forma uma tormenta,  
três tormentas cabem num vale,  
são três os vales convergentes, e mais de quarenta  
as nuvens que acumula a grande nuvem resultante.

Toneladas de água vão ressoando a galerna,  
ingente quantidade de metros cúbicos desprendidos da altura,  
uma fortuna se cai no lugar da carência:  
terra resseca e esquarterjada, balbuciante agricultura,  
feijões, tubérculos, centeio, aveia  
erva agostada e murcha,  
alimento que salva da morte verdadeira  
protegendo da fome uma temporada curta.

Apedrejam as nuvens com ouro a puna e a savana,  
centos de milhões de onças caem no absorvente solo,  
valioso pasto para milhares de vacas  
que morreriam num jejum novo.

Água vai!: exclama o céu perto da porta,  
e a nuvem total, o universo inteiro, as líquidas esferas,  
abrem as comportas e em menos duma hora  
cai destruidora a água chegada de todos os planetas.

Os pés não encontram solo, se dissolve a terra,  
todo é líquido solto e sua força de arrasto,  
arrasta rolando as roladas pedras.

Os ramos se desgalham de choupos e albízias  
troncham-se os caules das plantas,  
o deus da morte exige um centenar de vítimas  
e a dor das sobrevivências rasgadas.

Há famílias abaixo, pessoas de todas as idades,  
borbotões de sensibilidade e de ternura,  
cachorros e gatos em plena liberdade,  
utensílios, úteis de pesca, ferramentas rústicas,  
amor à Natureza muito grande.

Se volta contra o homem o enxoval diário,  
arrasa arrasado e é espada;  
é martelo, é estaca, é maço;  
é machado violento, é cortante navalha.

Resistem os valentes esbanjando brios  
e agonizam em tentativa vã de minorar o desamparo  
impelindo os mortos aos vivos  
enquanto escapam os covardes ficando salvos.

Troca-se a terra em pegajoso limo,  
formam dique as lenhas e as pedras ,  
fixação de mares bem nutridos;  
e num instante que os fados desprezam  
escapam os desbordantes fluidos.

Exaltados relinchos de cavalo  
das gargantas irrompem fugitivos,  
bramidos de touro ensanguentado

e desgarradores gritos  
nascidos do sofrimento desumano  
elevam sua queixa ate o divino.

É angustiosa a impotência,  
e depois do instante eterno que dura a agonia,  
insultam os feridos a quem executa a sentença.

A morte forma feixes de corpos:  
mãos unidas às mãos,  
braços suspensos dos pescoços,  
rostos pegados aos lábios,  
dentes mordendo o nervo afetuoso  
do amor apaixonado.

São alicerces os troncos em carne viva abertos,  
suportando o peso dos muros derrubados,  
dos precipitados tetos.

As lascas, incisivas como alfanjes,  
e as árvores arrancadas da terra mãe,  
são armas para o descomunal gigante  
que vomita a água dos sete mares  
sobre pessoas acostumadas ao abuso do grande.

Quando o céu aclara sua cor e o temporal decrece,  
oferecendo evidências ficam os despojos:  
cabeças aplastadas por pedras inocentes,  
extremidades presas debaixo dos escombros,  
ventres inchados sobre desnutridos ventres,  
corpos oprimidos cobertos de lodo.

O lodo, o lodo, o lodo detido;  
o lodo desprende de seu seio improvisado,  
a expectativa de encontrar algum respiro  
e o fedor dos restos putrefatos.

Os cadáveres descobertos pela água,  
são empurrados rio abaixo,  
até o espaço que acolhe na enseada,  
o varro e a madeira, os seixos rolados.

O amanhecer acorda destruído:  
a batalha desigual -só um bando-  
tem deixado um esplendor despido,  
coberto por membros descarnados,  
de impossível retorno aos caminhos.

Nos morros inclinados, nos rochedos,  
nas sumidas adjacências,  
nos álveos lisos dos rios secos,  
alçam os párias da terra,  
seus arraiais efêmeros,  
as frágeis vivendas.

E o céu castiga  
sua extrema pobreza  
e a ousadia.

(PSdeJ, Diversos lugares desde o ano 2011)

## *Poesias de Santiago Montobbio*

SANTIAGO MONTOBBIO

*Poeta Calão. Membro Correspondente da AEL em Barcelona.*

### **VUELTA A ROMA**

Vuelta a Roma. Ha sido una vuelta a Roma.  
Esto han sido estos días. Que no sabía qué serían.  
Han sido una vuelta a Roma y no sólo mía  
sino también del afecto y la memoria. Llamó  
la atención de Ion este aspecto de la memoria,  
y también lo iba a señalar Carmelita, de que  
hubiera vivido Roma a través de mi padre. Ion  
dijo que Roma estaba en la memoria, como  
una vivencia, y es verdad que así había sido.  
Al decirlo el día de la presentación pensé allí,  
en Casa delle Letterature, en ese momento,  
en las *Dos ciudades* del poeta polaco Adam Zagajewski.  
No lo dije, por pensar que quizá podría parecer pretencioso.  
Pero pienso que es verdad que Roma ha estado en nosotros,  
y en mí -Ion dijo que más en mí que en nadie-  
como una memoria y la hemos vivido así a través  
de mi padre. Sí, es algo así. Roma ha sido leyenda  
y ciudad incomparable y la belleza imprevista e inesperada  
de sus infinitos rincones. Roma ha sido la vara de medir,  
y Roma era siempre la medida más alta. Una  
referencia. Y un horizonte al que tender.

Patria de los sueños y del corazón, de la juventud en que allí se vivió. Patria del tiempo perdido como un sueño en que empezaba la vida. Se empezaba a vivir. Todo esto Roma. Todo esto de un modo íntimo, no aprendido. Y tanto Ion como Carmelita destacaron que no había un propósito de rememoranza de mi padre, sino que se me aparecía. Sí, es así, les decía. Me acordaba de él de pronto en algún lugar de Roma, unido a su memoria. Sin buscarlo ni haberlo pensado. Aún más me lo he encontrado estos días. Quizá porque se me había llamado la atención sobre ello. Y quizá porque tenía que así pasar. Así he sentido que era al recordarlo esta mañana en la Accademia Nazionale dei Lincei, por un trato que tuve con ellos por mis libros y mi poesía y en el que él participó y me ayudó. Me permitió escribirles, como me pedían, en un perfecto italiano. Me he encontrado más a mi padre estos días en Roma sencillamente porque es cierto que está para mí unida a él, la he vivido a través suyo. He vivido Roma desde el afecto y la memoria y a través de él. Es verdad. Y en esta vuelta a Roma así ha sido más manifiesto. Le decía a Carmelita que me reuní con escritores residentes de la Real Academia de España en Roma -pienso que a mi padre le gustaría que lo pusiera así-, y me preguntaba por estas residencias. ¿Y esto tú lo puedes pedir? me pregunta. Sí, le respondo. Y que hace muchos años estuve considerando el pedirlo. Calculo el tiempo. Hacia el 2000. No, antes, digo, estaba vivo mi padre -que murió el 98. Y él me animaba mucho a ello, y fue cuando me dijo que Roma sería un cúmulo de sensaciones que me acompañarían en la vida, y comprendí que esto para él había sido.

Lo conté en un poema de La poesía es un fondo de agua marina.  
Roma no se fue de mi padre, no, sino que  
le acompañó siempre. Y nos acompañó  
a nosotros, porque la vivimos a través suyo.  
En el sentimiento. En la memoria. Ciudad  
mítica y culmen de belleza y de historia  
y a la vez ciudad muy real e íntima, en que se ha  
vivido y trabajado y se ha andado y conoce bien, no sólo estudiado  
o ido de vez en cuando. Y se ha sido en ella joven  
en momentos dramáticos. Vuelvo a Roma y siento  
que en esta vuelta a Roma vuelve también mi padre  
y su amor por ella y su juventud y sus sueños,  
y una España rota y en guerra. Vuelta a Roma  
estos días que es una vuelta a una fuente  
de mi vida. Vuelta a Roma estos días  
en los que vuelve Roma en sus fuerzas y elementos,  
como estuvo en octubre hace año y medio,  
porque soy la misma persona y siento que me habla  
y me susurra secretos de parecido modo.  
Me habla en el aire, en la luz, en el agua.  
En sus calles, en sus plazas, en sus iglesias  
con ángeles olvidados y escondidos. Me habla  
en su verdad y en su misterio. Me habla desde  
la memoria y el afecto en que la he vivido  
a través de mi padre. Me habla como a mí  
me puede hablar Roma, y así ha vuelto a hacerlo.  
He escrito a oscuras en el cine unos cortos versos  
que más bien eran pensamientos. Eran títulos  
que he manejado como posibles de este libro  
que Roma ha hecho en esta vuelta, ha vuelto  
en mí a hacer. Poesía en Roma. Vislumbres  
de Roma. Vuelta a Roma. Agua de Roma.  
Agua de Roma porque es verdad que es fundamental  
en mi poesía en ella escrita -y que dice  
la manera en que lo siento- la presencia del agua,

como había observado como valor muy principal Carmelita  
y así hizo mi madre tras leerlo. Agua, agua  
de Roma, de la poesía. Dice una verdad. El  
curso de la poesía en el agua de sus fuentes  
y su río. Pero creo que aún más Vuelta a Roma,  
que junto y antes que Agua de Roma escribo  
ya en el cine, a oscuras, y lo siento,  
voy sintiendo cada vez con más fuerza  
que esto han sido estos días, y que éste es el título  
del libro que también sin querer esta vez he escrito.  
Es una vuelta. Vuelta a Roma. Vuelta  
en las caminatas, en los paseos -dar  
una vuelta. Vuelta que es también  
vuelta de tuerca porque Roma -lo he dicho-  
vuelve igual y distinta y así se dice  
-en su misterio múltiple esencialmente la misma-  
en su agua y en su aire y en su luz, en sus  
calles, en sus plazas. En todas partes. Vuelta  
a Roma. Mía, esta vez y de todos y de siempre.  
Porque a Roma siempre se vuelve. Todos volvemos a Roma.  
Yo estos días en este libro, en este río.

(Del libro *Vuelta a Roma*, Colección de Poesía El Bardo, Los Libros de la Frontera, Alhaurín el Grande (Málaga), 2020).

## *Picasso*

WANDA MARIA ALCKMIM

*Poeta. Pertence à cadeira 30 da AEL e à AFEL.*

Picasso  
Quem foi  
Um d' Els Quatro?  
Foi o menino azul  
ou  
o que vestia de rosa?  
Ser ou não ser?  
É Picasso!

Quebra o real  
em partes geométricas  
e em ângulos e cortes  
faz o primitivo  
se tornar vivo.

Quem é ele?  
Será o filho que denuncia  
o que a mãe desde  
pequeno para ele previa?  
-Se fores monge  
Serás Papa!

Abre o universo da Arte  
acelera o futuro  
convida para a festa

e para a guerra.  
É Picasso,  
é ele e o mundo.

Retrata em Guernica  
os mártires  
pobres habitantes espanhóis  
que viram cilindros  
figuras geométricas  
cubos de dor.

Dentro de Picasso  
a guerra destrói  
e constrói vértices  
ângulos retos  
e obtusos.  
Agudos?

É a Guernica  
que chora  
e tomba ao som dos tiros.

Mas e a vida?  
Ela continua na festa  
das Demoiselles d' Avignon  
onde o tosco oferece  
o primitivismo da ilusão  
e em cortes rápidos  
e bruscos,  
os redondos se abrem contorcidos  
soprando aos olhos  
e aos ouvidos:  
-É o salto  
para o novo  
que Picasso anuncia  
que há de vir.

## *Ester Abreu – Uma trajetória*

WILSON COELHO

*Escritor e Filósofo. Doutor em Literatura Comparada.*

É inegável a contribuição da professora, escritora, pesquisadora e atuante Ester Abreu nas letras capixabas, ou na literatura que se produz no Espírito Santo, considerando que além de sua produção intelectual aqui a autora tem uma trajetória marcada por participações em encontros internacionais, em especial, na Espanha, país com o qual fez diversos trabalhos em parceria, desde tradução até análise de alguns de seus autores. Não somente pela quantidade obras publicadas, sendo mais de três dezenas de livros desde a poesia, inclusive com diversos poemas traduzidos para o francês e o espanhol, até os didáticos, passando pelos estudos literários, bibliografias e até obras infantis, sem esquecer de centenas de ensaios e artigos científicos. Mas também se destaca pela qualidade, pois Ester Abreu tem uma pena afiada, firme e, ao mesmo tempo, fluida e simples e de uma capacidade ímpar de comunicar não somente com pesquisadores, mas também com o leitor simples. É uma literatura plena de vivências, tanto no espaço acadêmico quanto na esfera da memória, da observação e também pelo seu ativismo junto a entidades literárias, preocupada com a realidade dos movimentos culturais.

De sua intensa, vasta e respeitada produção intelectual que, inclusive, merece um ensaio mais robusto ou mesmo uma tese para dar conta de toda a riqueza de sua criação, pretendo aqui somente me ater a algumas de suas obras que dizem respeito ao teatro, levando em conta o momento em que estamos vivendo, tanto político do país quanto a necessidade

de um confinamento, onde muitos projetos culturais na área teatral estão surgindo como uma tentativa de contribuir para uma reflexão e respostas sobre para uma série de questões em que nossas vidas estão colocadas.

Ester Abreu tem um livro intitulado “Ensaio sobre dramaturgia – do clássico ao contemporâneo” que é uma obra necessária por compilar diversas informações a teoria teatral desde os gêneros até as opções estéticas e suas relações com momento histórico que implicam essas opções, além de pontuar os expoentes desses movimentos, passando pelo naturalismo, simbolismo, expressionismo, futurismo, teatro da crueldade, existencialismo, teatro do absurdo, etc. Obviamente, com os devidos créditos aos dramaturgos e teóricos, inclusive, no Espírito Santo.

Na edição bilingue “Teatro Clássico espanhol: quatro grandes dramaturgos”, entendidos aqui como Torres Naharro, Tirso de Molina, Lope de Rueda e Lope de Vega, Ester Abreu resgata um pouco de nossa herança como latino-americanos.

Em “Para una lectura del teatro actual – Estudio de panic de Alfonso Vallejo”, trata do teatro contemporâneo espanhol da pós-modernidade a partir de sua linguagem e sua significação no momento atual onde se mesclam o trágico e o cômico que está muito presente em nossas produções mais recentes.

No “Sorriso e Persona – Estudos sobre teatro e recepção”, que Ester Abreu organiza com Danilo Barcelos e Maria Mirtis Caser, com artigos de Ana Maria Quirino, “Teatro de revista: as convenções do gênero em ‘O Tribofe’, de Artur Azevedo”; de Danilo Barcelos, “‘A América é um blefe!!!’: elementos da sátira em ‘O rei da vela’, de Oswald de Andrade”; de Eduardo Baunilha, “A barca de Gil no inferno de Alvarito: O auto da barca do inferno, de Gil Vicente, revisitada por Alvarito Mendes Filho”; de Ester Abreu Vieira de Oliveira e Maria Mirtis Caser, “Amor, honra e facécia em ‘La niña de plata’, de Lope de Vega e ‘La dama duende’, de Calderón de la Barca”; de Fernanda Maia Lyrio, “Nem todo ‘Qorpo’ é santo: recorte sobre a comediografia de José Joaquim de Campos Leão”; de Karina de Rezende Tavares Fleury, “Diga-me o que veste e te direi quem és: a importância da roupa em ‘Don Gil de las calzas verdes’, de Tirso de Molina”; de Luanda Moraes Pimental, “O riso em ‘O inspetor geral’, de Nikolay Gógol”; de Rociele de Lócio Oliveira, “Teatro de títeres” e, de

Thiago Brandão Zardini, “O papel do leitor na obra literária em Roman Ingarden, Hans Robert Jauss e Paul Zumthor”.

Sem retirar o brilho e a importância dos livros anteriores sobre a arte teatral, destaco, por questões óbvias, o volume “O teatro se subjugou ao poder? Ideias esquartejadas sempre renascem”, além da beleza da escrita, tendo em vista o resgate histórico do Brasil em tempos da ditadura, contribuiu efetivamente para uma reflexão sobre os riscos que corremos, assim como também serve de um alento para os que buscam estratégias para um posicionamento de resistência a partir de nossos trabalhos.

A obra é resultado de uma pesquisa orientada por Ester Abreu, cujo título é “A imprensa e o teatro em Vitória e no Eixo Rio de Janeiro – São Paulo: da Ditadura à Democracia”. A pesquisa foi dividida em duas linhas de investigação, a saber: “Mundialização do Século XXI buscando cânones jurídicos, culturais, linguísticos, psíquicos e sociais em suas relações com o Outro” e “Poética da Modernidade e Pós-modernidade”. O livro, além de uma explanação sobre o processo da pesquisa, é dividido em 7 capítulos: “O teatro”, “Papel social do teatro”, “O teatro durante a ditadura”, “O golpe militar e o enfrentamento do dramaturgo”, “Passagem para a democracia e o teatro”, “O poder da linguagem” e “O teatro e a ditadura”, seguidos de uma conclusão e 6 anexos, nos quais expõe alguns procedimentos da pesquisa e entrevistas com algumas pessoas que se destacaram no cenário teatral capixaba dessa época.

Enfim, conhecer a obra de Ester Abreu, para além de um privilégio, também se dá como uma oportunidade de se deleitar com sua literatura, sua poesia e, ainda, ter acesso a uma porta que abre diversos caminhos para a pesquisa e o conhecimento, principalmente, pela sua trajetória que revela a forma carinhosa e dedicada aos temas que escolheu para dar sentido ao mundo.

Ester Abreu Vieira de Oliveira possui graduação em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Espírito Santo – Vitória (1960), Especialização em Filologia Espanhola – Madri (1968) Mestrado em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná – Curitiba (1983), Doutorado em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1994) e Pós-Doutorado em Filologia Espanhola: Teatro Contemporâneo- UNED – Madri (2003).

É também membro-fundadora da Associação de Professores de Espanhol do Espírito Santo (APEES), da Academia de Letras Espírito-Santense, da Academia Feminina Espírito-Santense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, da ALFAL, ASELE, ABRALIC, ASTCM, entre outros. Além de ser professora aposentada da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), onde recebeu o título de Professora Emérita, com destaque para seus trabalhos no Mestrado de Estudos Literários, tendo sido homenageada com seu nome no prédio do Centro de Línguas da UFES; foi também membro titular da Câmara de Literatura do Conselho Estadual de Cultura do ES. Atualmente, é aposentada e Professora Voluntária do PPGL e Emérita da Universidade Federal do ES.



“Onde os artistas formam uma família,  
acontecem assembleias fundadoras da humanidade”.

(Friederich Schlegel)

Patrocínio



PREFEITURA DE  
VITÓRIA



ACADEMIA  
ESPIRITO  
SANTENSE  
DE LETRAS

